



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JULIANA APARECIDA DE LIMA ARRUDA

**O SEGREDO DE *JUSTINE* DE SADE:
UM MAIS ALÉM ERÓTICO**

Londrina
2013

JULIANA APARECIDA DE LIMA ARRUDA

O SEGREDO DE *JUSTINE* DE SADE:

UM MAIS ALÉM ERÓTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Dr. Gabriel Giannattasio.

Londrina
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

A779s Arruda, Juliana Aparecida de Lima.

O segredo de Justine de Sade : um mais além erótico / Juliana A. de Lima
Arruda. – Londrina, 2013.
101 f. : il.

Orientador: Gabriel Giannattasio.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em História Social, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Sade, Marquês de, 1740-1814 – Teses. 2. Mulheres – Teses. 3. Crítica –
Teses. 4. Prazer – Teses. 5. História social – Teses. I. Giannattasio, Gabriel
II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas.
Programa de Pós-Graduação em História Social. III. Título.

CDU 930.1:396

JULIANA APARECIDA DE LIMA ARRUDA

O SEGREDO DE *JUSTINE DE SADE*:

UM MAIS ALÉM ERÓTICO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Mestre em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Gabriel Giannattasio
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. José Fernandes Weber
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Paulo Roberto de Carvalho
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 07 de junho de 2013.

Às mulheres, e seus segredos...

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao querido amigo, padrinho e orientador Gabriel Giannattasio, antes de tudo, por ter-me presenteado com a oportunidade de construir a minha versão de *Justine*, bem como por cada orientação, que foi sempre feita com grande respeito e incentivo as minhas singularidades. Também, por ser o melhor professor que tive, e por manter as portas de sua casa, sua biblioteca e de sua vida abertas para mim nesses últimos oito anos, e ainda, por ser esse provocador, que me causa tanta admiração e orgulho em ser sua orientanda.

Agradeço a todos os meus amigos, mas, especialmente ao José Osvaldo, por sua intensa dedicação e carinho, além de suas correções e indicações que contribuíram imensamente para esse trabalho, à Edilaine Rizzuto, que esteve sempre presente me divertindo com sua paciência e força, e ao Fabiano Saraiva, pelas constantes ligações e apoio.

Aos colegas e amigos que compuseram minha turma de mestrado, que alegraram e enriqueceram nossas discussões, que me receberam calorosamente, que se divertiram imaginando *Justine* nas mais diversas situações, e que me deram a oportunidade de ser sua representante discente. A todos esses que contribuíram com suas particularidades, sejam teóricas, regionais, linguísticas, culturais e temáticas, para que 2011 fosse o melhor ano de minha vida, minha sincera gratidão.

À minha querida cunhada e amiga Josiane Bressan, agradeço pela atenciosa correção.

Agradeço a coordenadora do Mestrado em História Social e querida professora Silvia Martins, pela constante compreensão, e também a CAPES pelo auxílio.

Aos professores José Fernandes Weber, do departamento de filosofia, e Paulo Roberto de Carvalho, do departamento de psicologia, por aceitarem o convite para comporem a banca de defesa, bem como pelas contribuições feitas na qualificação.

Agradeço à minha família, especialmente ao meu irmão Renato, que mesmo estando longe, foi e sempre será um grande referencial de intensidade, de caráter, de força, de dedicação e de humanidade. Aos meus pais, Eleutério e Cleonice, pela preocupação, pelas orações, pelos conselhos, e pelo brilho nos olhos que eles me presenteiam a cada vez que chego em casa para visitá-los, aquele que damos apenas às pessoas que nos orgulhamos, e que dizem mais que qualquer palavra.

E por fim, agradeço ao meu marido Rafael, pelo incentivo, por divertir-se com *Justine*, apesar das várias e várias vezes que me ouviu falar sobre ela, e por ser um companheiro incrível, ao ponto de me causar a alegre vontade de dividir toda a minha vida com ele.

A todos; muitíssimo obrigada!

Sabemos que Sade correu seus riscos, aceitou-os e multiplicou-os. Sabemos, também, que o lendo nós corremos os nossos.

Jean Paulhan



ARRUDA, Juliana A. de Lima. **O Segredo de Justine de Sade**: Um mais além erótico. 2013. 101f. Dissertação de mestrado (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RESUMO

Em apenas quinze dias do ano de 1787, o marquês de Sade deu vida à *Justine*; uma menina loira, doce, religiosa, tímida e principalmente, muitíssimo virtuosa. No romance *Os infortúnios da virtude*, Sade narra as desventuras dessa pobre menina, que foi acusada e condenada por diversos crimes que ela afirmou não ter cometido, fustigada por seu excesso de virtude, sendo humilhada e açoitada proporcionalmente a sua ingenuidade e boa fé. Porém, não houve qualquer discurso, por mais eloquente que fosse, que a tenha convencido; nem castigo, por mais cruel e humilhante, que a fez mudar de caminho. E apesar de todas as provas que a Providência lhe deu, mostrando que a prosperidade acompanha o crime, enquanto os infortúnios estão reservados aos virtuosos, a fé de *Justine* na humanidade e na Providência permaneceu inabalável. Portanto, há um mistério nesse romance, a questão está naquilo que não foi dito: *Justine* guardava um segredo. E para compreender o segredo de *Justine*, nos aventuramos por esta obra que foi vista como um escândalo, corruptora, um título proibido, condenado em sua época e ainda em nosso tempo. Buscamos interpretá-la por três vias: a primeira delas é o contexto, onde a partir de Robert Muchembled que escreveu *O orgasmo e o ocidente*, procuramos ver *Justine* como uma mulher de seu tempo, que vivia nos interditos e transgressões de sua época. Já o guia de nosso segundo caminho — o psicológico — foi Gilles Deleuze, que em *Sacher Masoch: o frio e o cruel* cria uma nova distinção, mais literária do que clínica, de sadismo e masoquismo. E que através dela, nos permitiu, caracterizar *Justine* entre e além desses universos, e também, compreender os seus prazeres no infortúnio. Por fim, o último caminho que trilhamos para interpretar os deleites de nossa doce personagem, foi o da crítica literária. A partir do texto do crítico literário francês Jean Paulhan, intitulado *O Marquês de Sade e sua cúmplice ou as revanches do pudor*, procuramos ler a história de *Justine* como um conto de fada, onde o bem e o mal estão sempre postos em lados contrários, onde um é contantemente recompensado, e o outro sempre castigado, porém, um conto de fada às avessas, um conto sadeano. Com esses três olhares fizemos uma análise desse romance, entendendo que *Justine* coloca o sofrimento como algo inerente à vida, a partir de uma dimensão trágica do mundo, procuramos, também, construir uma perspectiva: a de que essa obra guarda um segredo, que *Justine* caminha por entre máscaras, e que este é um segredo compartilhado pela criação e seu criador. Que *Justine* e Sade não estão fixados em uma cultura do prazer, e nem em uma cultura da dor, ambos vivem em um além, um mais além erótico.

Palavras-chave: Sade. Mulheres. Máscaras. Dor. Prazer.

ARRUDA, Juliana A. de Lima. **Le secret de Justine de Sade**: Un au-delà érotique. 2013. 101 f. Dissertação de mestrado (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

RÉSUMÉ

En l'espace de quinze jours de l'année 1787, le marquis de Sade a donné vie à Justine, une jeune fille blonde, douce, religieux, timide et surtout très vertueux. Dans le roman *Les malheurs de la vertu*, Sade relate les mésaventures de cette pauvre fille, qui a été accusé et reconnu coupable de divers crimes qu'elle prétend ne pas avoir commis, secouée par la vertu excessive, d'être humilié et battu proportion de leur ingéniosité et de bonne foi. Cependant, il n'y avait pas de discours, mais il était éloquent, qui a convaincu, ni punition, mais cruelle et humiliante, qui a changé son chemin. Et malgré toutes les preuves que la Providence lui a donné, en montrant que la prospérité vient crime, tandis que les malheurs sont réservés pour la foi Justine vertueux dans l'humanité et de la providence est resté inébranlable. Donc, il ya un mystère dans ce roman, la question est ce que l'on ne dit pas: Justine gardé secret. Et pour comprendre le secret de Justine, nous nous sommes aventurés pour ce travail qui a été considéré comme un scandale, corrompre un titre interdit, condamné en son temps et même à notre époque. Nous cherchons à interpréter de trois façons: la première est le contexte où de Robert Muchembled qui a écrit *l'orgasme et l'Occident*, on voit Justine comme une femme de son temps, qui vivait dans ce qui est interdit et transgressions de son temps. Déjà notre deuxième chemin de guidage - psychologique - était Gilles Deleuze, qui en Sacher Masoch froid et cruel crée une nouvelle distinction, plus littéraire que clinique, le sadisme et le masochisme. Et c'est à travers elle, nous a permis de caractériser Justine entre et au-delà de ces univers, et aussi comprendre leurs plaisirs dans le malheur. Enfin, le dernier chemin que nous foulons à interpréter notre personnage de *Sweet Treats* était critique littéraire. D'après le texte de la critique littéraire français Jean Paulhan, intitulée *Le Marquis de Sade et sa complice ou revanches de la pudeur*, nous lisons l'histoire de Justine comme un conte de fées, où le bien et le mal sont toujours placés sur les côtés opposés, où on est récompensé main ferme, et l'autre toujours punis, mais un conte de fée à l'envers, un conte sadien. Avec ces trois regards que nous avons fait une analyse de ce roman, la compréhension qui met Justine souffrance comme quelque chose d'inhérent à la vie, à partir d'une dimension tragique du monde, nous construisons également une perspective: que ce travail est le secret que Justine promenes à travers les masques, et que ce n'est un secret partagé pour la création et son créateur. Justine et Sade ne sont pas fixés dans une culture du plaisir, et non pas dans une culture de la douleur, les deux vivent dans un au-delà, un au-delà érotique.

Mots-clés: Sade. Femmes. Masques. Douleur. Plaisir.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	<i>JUSTINE, UMA MULHER DE SEU TEMPO</i>	17
3	OS PRAZERES NO INFORTÚNIO	37
4	UM CONTO DE FADAS SADEANO	64
5	FONTES	97
5.1	FONTE PRIMÁRIA	97
5.2	FONTES SECUNDÁRIAS.....	97
	REFERÊNCIAS	98

1 INTRODUÇÃO

Há sempre muitos caminhos a serem percorridos na leitura de um texto, há infinitas perspectivas, diferentes sabores e dissabores ao experimentar o que se lê. Permita, contudo, orientá-lo nessa jornada, confiar-lhe meu fio de Ariadne. Mas não se iluda! Ninguém pode garantir qual a melhor saída, afinal, não há “o” caminho.

Por ora, gostaria de oferecer a você, leitor, minhas sensações, mostrar-lhe minhas impressões, orientá-lo acerca da minha perspectiva. Não a considero verdadeira, única e excludente, mas útil, sincera e vívida, pois é assim que vejo a questão:

A cada etapa tateamos um percurso diferente, estabelecemos relações, encontramos causas e apontamos respostas. Mas, descobrimos, ao cabo de cada tentativa, a provisoriedade dos nossos juízos. No caso de Sade, cada interprete constrói seu próprio trajeto, faz da leitura a memória de sua danação. Uma espécie de diário, no qual registra, passo a passo, os momentos de sua perda (GIANNATTASIO, 2012: 81)¹.

Há nesses escritos, caro leitor, uma tentativa de privilegiar uma relação entre a história e a vida, de vitalizar o passado questionando problemas de nosso próprio tempo, em uma tarefa de “converter o que é conhecido por todos em algo inaudito, a simplicidade para além da profundidade e a profundidade para além da simplicidade” (NIETZSCHE, 2003: 58). Vamos então a ela!



Quinze dias encerrados em oito de julho de 1789 — Eis o tempo que Donatien Alphonse François de Sade levou para criar duas personagens que lhe fariam companhia por muitos anos. *Justine* e *Juliette*, provindas do mesmo ventre, mas que representavam polos opostos: de um lado, a virtuosidade e doçura de *Justine*, e do outro, a devassidão e velhacaria de *Juliette*. Duas lindas irmãs que, devido a acontecimentos fortuitos, tiveram que decidir seus destinos repentinamente. Cada qual trilhou o

¹ Optamos por não mudar nenhuma das citações que serão feitas ao longo de nosso texto, ou seja, respeitaremos a forma que foi escrita, sem adequá-las as novas normas ortográficas, ou corrigir qualquer possível “erro”.

caminho que mais a seduzia: *Juliette* alcançou a prosperidade através do crime, enquanto *Justine* encontrou os infortúnios na virtude.

Entre todas essas aventuras e desventuras, escolhemos direcionar nossa sede à doce *Justine*, usando como fonte o romance que estreia a saga das irmãs: *Os infortúnios da virtude* (1787)².

Deixemos que a própria *Justine* apresente suas desgraças, pois, acusada e condenada por diversos crimes, que ela afirma não ter cometido, é fustigada por seu excesso de virtude, sendo humilhada e açoitada proporcionalmente a sua ingenuidade e boa fé. E ainda parece levar a sorte e a glória a todos os seus malfeitores.

Um usurário, em minha infância, quer me comprometer com um roubo, eu recuso, ele se enriquece e eu fico à beira de ser enforcada. Velhacos querem me violentar num bosque porque me recuso a segui-los, eles prosperam e eu caio nas mãos de um marquês devasso que me dá cem chibatadas com nervo de boi por não querer envenenar sua mãe. Vou daí para um cirurgião a quem poupo um crime execrável, o carrasco por recompensa me mutila, me marca e me despede; seus crimes se consumam, sem dúvida, ele faz sua fortuna e eu sou obrigada a mendigar meu pão. Quero me aproximar dos sacramentos, quero implorar com fervor ao ser supremo do que recebo outras tantas desgraças, o tribunal augusto onde espero me purificar em um de nossos mais santos mistérios torna-se o teatro pavoroso de minha desonra e minha infâmia; o monstro que me abusa e me avilta se alça em seguida às mais altas honrarias, enquanto eu recaio no abismo pavoroso de minha miséria. Quero aliviar um pobre, ele me rouba. Socorro um homem desmaiado, o celerado me faz girar um roda como uma besta de carga, me cumula de golpes quando as forças me faltam, todos os favores da sorte o vêm aquinhoar e eu fico prestes a perder a vida por ter trabalhado à força para ele. Uma mulher indigna quer me seduzir para um novo crime, eu torno a perder uma segunda vez o pouco de bens que possuo para salvar a fortuna de sua vítima e para a preservar da desgraça; esse infeliz quer me recompensar dando-me sua mão, ele expira em meus braços antes de fazê-lo. Eu me arrisco num incêndio para salvar uma criança que não me pertence, eis-me pela terceira vez sob o gládio de Têmis (SADE, 2009: 178-179).

Contudo, caro leitor, *Justine* parece não aprender nada com cada castigo que recebe, suas cicatrizes só a fazem insistir em trilhar o caminho da virtude, pois sua fé na humanidade e em Deus são inabaláveis. Há um mistério nessa obra; há algo nela

² A saga dessas duas irmãs é narrada em quatro versões, a primeira delas, trata-se de *Os infortúnios da virtude*, e foi escrita em 1787, a ela segue *Justine*, e *Os infortúnios da virtude* de 1791, que exceto pelo título, é idêntica a primeira. Já em 1796, Sade narra as aventuras da irmã viciosa em *A história de Juliette*, e por fim as desventuras de *Justine* são recontadas, porém não mais por sua própria narrativa, em *A nova Justine*, publicada em 1800.

que jamais é dito, nunca é confessado, porém ela “dá a entender, a cada página, a cada linha algo que [...] não diz, mas que intriga o leitor, o seduz, o mantém refém de sua leitura” (PAULHAN, 1987: 27)³...

Justine guardava um segredo!

Mas, não é a toa que *Justine* foi escolhida heroína de nossa pesquisa, há um esforço, um apertar de olhos para enxergar a presença da irmã virtuosa por detrás da desenvolta *Juliette*, a irmã devassa. A um olhar feminino contemporâneo é comum admirar-se pela figura de *Juliette*, uma morena cheia de vida, espirituosa, inteligente, senhora de si e que constrói sua própria fortuna. Com *Juliette* nos identificamos e nos inspiramos. Opostamente, mas ainda sob esse mesmo olhar, vemos geralmente *Justine* com desdém, uma personagem insossa, submissa, ultrapassada e que não deve mais nos dizer respeito, melhor mesmo seria uma *Anti-Justine*⁴, ou ainda, esquecê-la.

Formada na cultura dos discursos feministas, crescida após a revolução sexual, emancipada, convocada a buscar o seu lugar ao sol, uma mulher que tem como herança a obrigação de ser feliz. É inevitável, a esse olhar, que *Juliette* brilhe. Porém, como sempre, mais inclinada à obscuridade do que à luz, satisfez-me ceder ao convite: ouça o que *Justine* tem a dizer, escute seus sussurros, talvez ela guarde um segredo, talvez ela procure uma confidente, encontre-a, encontre-se!

Ao desconfiar que *Justine* mantinha um segredo, senti-me atraída por ela. Mas, se o que iremos dizer, trata-se, efetivamente, de um segredo, por que revelá-lo? E por que agora?

É que *Justine*, mesmo não querendo, tem muito a dizer às mulheres de nosso tempo. Para tanto, faz-se necessária outra pergunta: O que podem as mulheres? Refiro-me às mulheres do ocidente e do princípio do século XXI.

Por muito tempo, houve a prevalência de um modelo de mulher, a boa mãe, dona de casa e provida de decência. Segundo essa visão estava destinada às mulheres um único papel, porém, ao longo da história elas mudaram esse quadro. Esse processo teve seu ápice na década de 60:

³ As traduções de Jean Paulhan apresentadas aqui foram feitas por Gabriel Giannattasio no livro *O corpo em Sade e Nietzsche*.

“[...] qu’il ne dit pas, mais qui d’autant plus nous intrigue, nous relie, nous attaché.”

⁴ *Anti-Justine* é um romance escrito em 1798 pelo francês Restif de la Bretonne (1734-1806), que contrapõe-se às ideias colocadas pelo marquês de Sade. Trata-se das aventuras eróticas e consensuais de *Justine*, que busca o bem-estar e o prazer feminino.

o movimento feminista, [...] assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres como indivíduos do sexo feminino, possuidoras de interesses compartilhados: o fim da subordinação aos homens, da invisibilidade e da impotência, a defesa do direito de igualdade e de controle sobre seu corpo e sobre sua vida.

O principal objetivo das feministas era superar o autoritarismo e a desigualdade entre homens e mulheres nas relações pessoais [...] (SILVIA, 2009:146).

Sim, nós mudamos. E na briga pela igualdade entre homens e mulheres, acabamos, por vezes, ignorando as diferenças e gerando um novo ideal, em uma inversão dos valores, que privilegia um novo modelo de mulher: somos inteligentes, sensuais, fortes, senhoras de si, praticamos sexo como, quando e com quem bem entendemos, gostamos, às vezes, de algumas palmadas, sabemos as ‘100 formas de chegar ao orgasmo’, somos vadi@s⁵.

Portanto, o que podem as mulheres? Elas podem tudo!

Porém,

a mulher não está querendo tudo apenas para se desenvolver, curtir. Ela quer poder tudo. Acho que ainda tem um ranço da falta de poder do século passado. Então, a mulher quer ser a melhor mãe, a mais gostosa, a melhor profissional. Se isso fosse feito como meta de desenvolvimento, tudo bem. Mas acho que as mulheres fazem isso por necessidade de controle (EDUCAÇÃO, COM VIVIANE MOSÉ: 2012).

Controle é uma palavra que diz muito sobre o tempo em que vivemos, pois somos bombardeados com discursos que divinizam o equilíbrio e fazem reinar um ideal de paz, tranquilidade, amizade e felicidade. E para alcançar esse ideal, devemos viver com moderação, sendo “a ‘qualidade de vida’ uma das novas formas de puritanismo” (PONDÉ, 2012b). Mas não é de hoje que se pretende higienizar a humanidade. Inclusive, admitimos certa parcela de perversão humana a fim de melhor controlá-la⁶. Não somos mais masturbadores, sodomitas, sádicos, masoquistas, somos

⁵ O filósofo Luiz Felipe Pondé faz uma distinção entre vadi@ e vadia, para ele “A primeira é de mentirinha, a segunda é pra valer”. O autor faz essa distinção utilizando como referência ao movimento que se iniciou com um protesto em 2011 no Canadá, e que desde então se internacionalizou e acontece em diversas partes do mundo, inclusive na cidade de Londrina. Para Pondé “Vadia, até ontem, era uma mulher fácil. Mas, agora, é um termo que designa um novo direito: aquele de vestir saia curta, mostrar os seios, e não ser objeto de violência sexual. [...]No fundo, o novo uso da palavra "vadia" significa: "só gosto de apanhar de quem me dá tesão", como me disse, uma vez, mais ou menos assim, uma aluna, para definir o que era, para ela, uma mulher emancipada”. (2012c).

⁶ O próprio desaparecimento da palavra “perversão” do léxico da psiquiatria talvez esteja ligado a esta questão, a aceitação de que todos são um pouco perversos.

humanos, a menos que pratiquemos em excesso, aí nos tornamos desumanos. A realização do projeto de paz se estende até nossa cultura sexual; o sexo passou de pecado a medicamento. E, a fim de fazer do sexo algo natural, saudável, que faz bem ao coração e à saúde, estipula-se quantas vezes ele deve ser praticado. Cria-se uma maneira certa e higiênica de foder. Para Pondé (2012c), “Quem diz coisas como ‘sexo é saudável’ faz gargarejo e escova os dentes depois de fazer sexo oral.” Ou seja, cria-se uma prática regulamentada, delimitando maneiras e doses certas de amar, de praticar um sexo limpo. Dessa forma, caro leitor, não devemos fazer uso de rótulos, pois rotular tornou-se coisa de gente politicamente incorreta. A missão é trabalhar a economia da perversão, em um novo problema econômico do prazer.

Essa visão que prega o fim de toda discriminação, de qualquer preconceito, e que pretende ver a humanidade a partir da igualdade, tem como pretensão criar discursos neutros⁷, que não excluam, em um ideal de liberdade e felicidade. Assim como o discurso feminista pretende ver homens e mulheres em paridade, sem rótulos e/ou preconceitos. Estamos falando de pessoas que dizem não fazer julgamentos, mas realizam uma verdadeira vigília em sites de relacionamento como o *facebook*, nos quais estão sempre prontas a apontar os preconceituosos. Pessoas que falam sobre igualdade e liberdade, mas não aceitam que existam opiniões diferentes das suas, que têm a “cabeça aberta”, mas se limitam a um modelo de mulher⁸.

Mas, lembre-se da lição, caro leitor: sempre que se ganha, também se perde, e vice-versa.

Portanto, se por um lado a mulher ganhou o direito de fazer o que bem quiser sem ser rotulada de ‘puta’, por outro perdeu o direito ao prazer de ser, justamente, chamada de ‘puta’. Há uma tentativa de esvaziar, de ressignificar⁹ a palavra

⁷ A ideia é que não se deve diferenciar as pessoas por conta de sua raça, de sua sexualidade, de sua condição social, etc. Dessa forma, perde-se o contexto. Opostamente, o discurso jurídico concluiu que para que o artigo 5 da constituição federal (1988) - que define que todos são iguais perante a lei - possa ser efetivado, é preciso “tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais, na exata medida de suas desigualdades” (PRINCÍPIO... 2001: s/p).

⁸ Em um artigo recente chamado *Você tem a cabeça aberta?* Luiz Felipe Pondé afirma que “[...]Acusar alguém de ter cabeça fechada hoje em dia é uma ofensa pior do que xingar a mãe”, ou seja, tornou-se uma obrigação, caso você queira ser querido e aceito por todos, afirmar que você não tem preconceitos contra nada, é um princípio para participar de qualquer conversa intelectual “ter a cabeça aberta”, mas “A moçadinha que tem cabeça aberta só gosta de discutir coisa que não põe em risco sua imagem de gente bacana. Falar mal de machista, racista, sexista, católico e evangélico é coisa de iniciante no ramo de discussões de verdade”. É politicamente incorreto ter preconceito, e por fim, Pondé lança: “acho fofo gente que não tem preconceito contra nada” (PONDÉ, 2013).

⁹ Na neurolinguística, ressignificação é a uma prática, isto é, trata-se da [...] habilidade que temos de atribuir um significado positivo, satisfatório para um acontecimento que muito nos incomoda ou

vadia. Mal sabem as feministas o prazer que essas palavras podem guardar, seja na boca dos homens ou das próprias mulheres.

E às mulheres que insistem em ocupar papéis que não aqueles colocados pelas feministas, a elas está reservado o desprezo, posto que deveriam se livrar das amarras de uma sociedade hipócrita e machista e juntarem-se na luta pela libertação feminina.

Este não é um momento favorável às particularidades, às singularidades, a mulher contemporânea não deve “fazer tipo”, ao contrário, é o tempo das “transparências”, em que cada uma deve mostrar para que veio ao mundo, e não esconder-se por entre máscaras. Imagine a cena, caro leitor: uma mulher em pleno século XXI que não corta os cabelos, que só usa saias que cubram seus joelhos, tímida, obediente, uma religiosa. Mas essa mesma mulher, por ordens de seu marido, não usa roupa íntima, a não ser quando vai à igreja, aí ela veste uma calcinha minúscula, que tira de sua pequena coleção de calcinhas vermelhas. Ao cruzar com essa mulher na rua, provavelmente muitas pensariam: pobre coitada, uma mulher sem conhecimento, só pode viver oprimida, não sabe verdadeiramente o que é ser mulher. Mas, se descobrissem que assim ela se porta por obediência ao seu marido, possivelmente se revoltariam contra o machismo desse homem retrógrado, que obriga sua mulher a sair com o vestido roçando pelos e peles. Vivemos uma cultura, mais e mais, de mulheres sem imaginação, pois afinal, deus sabe que prazeres essa religiosa pode sentir na obediência ao seu marido e dos interditos que vive diariamente. Não é à toa que Luiz Felipe Pondé (2012b) afirma que “o feminismo é a nova repressão da sexualidade”.



O que está posto em questão é o hedonismo como marca da cultura sexual contemporânea. Mas, segundo Viviane Mosé “[...] é o sofrimento que nos move [...]” (VIVIANE MOSÉ EM ANAMNESE, 2012)¹⁰, e por não saber lidar com esse sofrimento, por não dar tempo para que ele faça seu movimento dentro de nosso corpo é que hoje nos tornamos uma sociedade infantilizada, que não sabe lidar com o

prejudica, de tal forma, que após resignificado, passamos a encará-lo com muita tranquilidade [...]” (O PAPEL... 2010: n.p).

¹⁰ Entrevista cedida no dia 06/06/2012 para o Terceiro Episódio da Série de Entrevistas “Anamnese”.

sofrimento, justo esse, que é o responsável pelo nosso amadurecimento, já que “[...] o rastro do sofrimento rasga a alma para ela ficar mais larga, umas das razões do sofrimento é o rompimento da alma para ela se tornar maior, porque quando a alma se torna maior cabe mais mundo, ela permite mais contradição [...]” (ANAMNESE, 2012). Não se trata de buscar o sofrimento, mas de saber aproveitá-lo, e de gozar dele e nele, de colocá-lo ao nosso serviço.

Opostamente,

na lógica da mulher contemporânea a dor deve ser tratada, medicada ou, no limite, sublimada [...]. Estabeleceu-se um processo que nomearia de *a domesticação de Sade*, e notem que a domesticação de Sade nada mais é que a domesticação do homem. A cultura da mulher contemporânea está excessivamente contaminada pelo ressentimento, por uma espécie de ódio à figuração de *Justine*, e esta sensibilidade reativa impede-a de perceber o cultivo do prazer na experiência da dor. A mulher desaprendeu a existir na experiência da dor e, ainda menos, a produzir prazer na experiência da dor (GIANNATTASIO, 2012: 93-4).

Mas, e quando a dor a qual nos referimos está relacionada a um estupro? A violência sexual é um assunto caro às mulheres, nos causa revolta, nos embrulha o estômago, nos traumatiza. Não acredito que essa violência deva ser incentivada, vangloriada ou glorificada. Contudo “não existe pedra no teu caminho que não possas usar para teu próprio benefício¹¹!”. Afinal, não somos formados por traumas? Por cicatrizes? Já que, essencialmente, a vida é “[...] violenta, [e] a violência não é da cultura e da sociedade, é da natureza [...] o violento é tudo aquilo que é excessivo, que foge ao seu controle e domínio” (VIVIANE MOSÉ EM ANAMNESE, 2012). E o excesso está presente nas mais diversas dimensões. *Justine* é um personagem excessivo, nela tudo derrama. E o principal motivo dela ser esse personagem que ao mesmo tempo excita e repugna, que causa interesse e estranhamento, amor e horror: é que ela escancara o homem, sua violência, a crueldade dele e da vida. Por ela, Sade fala aos homens coisas que eles não querem ouvir, ele os compreende.

¹¹ Frase de autor desconhecido postada no Facebook.

2 JUSTINE, UMA MULHER DE SEU TEMPO

“*Nitimur in Vetitum*” — “Buscamos o Proibido”
OVÍDIO

A cidade é Paris, o ano, 1787, os infortúnios são de *Justine*. Uma moça que aos doze anos conheceu a crueldade humana, a hipocrisia e a realidade de um século corrompido¹². Educada em um dos melhores conventos de Paris, acostumada aos bons livros, bons conselhos e bons mestres, viu seus dias de serenidade desfazerem-se diante de seus grandes olhos azuis, “tudo lhe faltou num único dia” (SADE, 2009: 21). Em uma época de crise, diante da eminente falência, seu pai fugiu para Inglaterra abandonando *Justine*, sua irmã *Juliette* e sua esposa, que, não suportando o repentino desamparo, foi acometida por uma profunda tristeza e morreu dias depois. Por não ter mais ninguém para subsidiá-la no convento, além de conhecer o abandono do pai e a morte da mãe tão juvenzinha, ainda viu-se obrigada a decidir seu próprio destino, assim como sua irmã mais velha.

Juliette, ao contrário de *Justine*, era uma moça viva, morena de olhos negros, velhaca, sentiu que aquele era o momento mais oportuno para tornar-se senhora de si e triunfar por meio do vício. Astuciosa, com “aquele ar de incredulidade bem da moda” (SADE, 2009: 21), *Juliette* construiu fortuna dali em diante por meio de uma vida

¹² Ao falar de um século corrompido, acreditamos que Sade refere-se a não relação entre a virtude e justiça. As primeiras palavras expressas no romance *Os infortúnios da virtude* são: “O triunfo da Filosofia seria lançar luz sobre a obscuridade dos meios de que se vale a Providência para alcançar os fins a que se propõe para o homem, e traçar de acordo com isso algum plano de conduta que possa fazer esse infeliz indivíduo bípede, perpetuamente sacudido pelos caprichos dessa entidade que, assim nos dizem, o dirige tão despoticamente, conhecer o modo como ele deve interpretar os decretos da Providência a seu respeito, o caminho que ele deve trilhar para evitar os caprichos bizarros dessa fatalidade à qual vinte nomes diferentes sem que se tenha ainda conseguido defini-la” (SADE, 2009: 19). *Justine*, ao falar sobre sua condenação de roubo a sua irmã *Juliette*, remonta parte desse contexto ao dizer que “Ali se acredita que a virtude é incompatível com a miséria, e o infortúnio em nossos tribunais é uma prova absoluta contra o acusado; uma prevenção injusta faz crer que aquele que deveria cometer o crime o cometeu, os sentimentos ali se medem sobre o estado no qual as pessoas se encontram e desde que títulos ou fortuna não provem que deveis ser honesto, a impossibilidade de que o seiais fica prontamente demonstrada” (SADE, 2009: 43). Ou seja, o triunfo da Filosofia seria conseguir alcançar uma garantia de que ao seguirmos os caminhos ditados pela virtude encontraríamos a “felicidade”. Opostamente, o que se vê acontecer na França do século XVIII, é que aqueles que trilham seu caminho pelos vícios e que caminham sobre as vontades e necessidades dos outros, sem esquecer-se de as dissimularem, são cobertos de louros. Se para a natureza é indiferente a virtude ou o vício, já o discurso dos homens é moralizante, e Sade diria mais: são hipócritas. Para Daniel Serravalle de Sá (2008: 375) essa corrupção se deve aos “[...] falsos valores incutidos pela filosofia, educação e religião”. Para Iwan Bloch, as obras de Sade são um espelho da iniquidade do século XVIII, e o livro que conta a história de *Justine* prega uma consciência desta injustiça.

desregrada, viciosa, atravessada por golpes e crimes, mostrando que “[...] é uma verdade irrefutável que a prosperidade pode acompanhar o crime” (SADE, 2009: 29).

Enquanto sua irmã prospera no vício, *Justine* só vai à desgraça. Pobre menina de caráter triste e melancólico, dotada de imenso

pudor, delicadeza e timidez [...]. Um ar de virgem, com grandes olhos azuis cheios de curiosidade, uma pele deslumbrante, um talhe esbelto e leve, um tom de voz tocante, dentes de marfim e belos cabelos loiros, tal é o esboço dessa caçula encantadora cujas graças ingênuas e os traços deliciosos eram de um toque fino demais e delicado demais, impossíveis de serem captados pelo pincel que os quisesse retratar (SADE, 2009: 22).

Apesar de seus nobres e cândidos traços, *Justine* foi acusada e condenada por uma série de crimes que afirmou não ter cometido, mas, que seu excesso de virtude provocou. Passados quinze anos de desventuras e desgraças, ela é levada a Paris para receber a confirmação de sua sentença de execução. É nesse instante que a delicadeza de seu feitio chamam atenção da Sra. de *Lorsange*¹³, que pede aos guardas um dia com a moça para ouvir de seus próprios lábios os infortúnios que a trouxeram ali. A partir dessa conversa, a virtuosa moça de fé inabalável, descreve ao longo do romance todas as atrocidades e desgostos que lhe aconteceram.

O romance sadeano *Os infortúnios da virtude* narra a desdita história de *Justine*, uma jovem que leva sua crença em Deus até as últimas consequências. Virtuosa, ela procurou pela bondade dos homens, e, apesar de tudo o que ainda lhe chegasse a acontecer, ainda acreditava que pudesse haver um feixe de luz sobre o coração de todos os cruéis que viria a encontrar pela frente.

Eis um romance que em muito se parece com as obras morais, onde o vício é, a todo momento, punido e a virtude recompensada. Contudo é o contrário; mas enfim o defeito, do simples ponto de vista romanesco (que é o nosso), permanece o mesmo: sabemos sempre o que acontece no final.

O que quer que aconteça a *Justine*, ela se espanta. A experiência não lhe ensina nada. Sua alma permanece na ignorância, seu corpo mais ainda. Ninguém ousa lhe imputar qualquer tipo de malícia, os olhos permanecem semiabertos. Ela nunca dará o primeiro passo. [...] Surpresa, sempre surpreendida (PAULHAN, 1987: 41-3)¹⁴.

¹³ Outrora conhecida apenas pelo nome de *Juliette*.

¹⁴ *Voilà un roman qui ressemble extrêmement à ces ouvrages moraux, où le vice se voit à tout coup puni et la vertu récompensée. Sauf que c'est le contraire ; mais enfim le défacut, du simple point de vue romanesque*

Como se dizia no século XVIII, “O pudor é uma qualidade repleta de espinhos”¹⁵. A questão, como diz Jean Paulhan, é que, em *Justine*, os espinhos ferem-lhe a carne e fazem-na sangrar (1987: 44). Então fica a pergunta: por que *Justine* insiste? Por que mesmo humilhada, ultrajada, estuprada, mesmo depois de ter passado por experiências tão dolorosas, ela continua acreditando no homem? Por que ela mantém o mesmo estranhamento? Ela não aprende nada com suas experiências?

Poderíamos dizer que este livro — que esteve na cabeceira de muitos pensadores como Baudelaire, Nietzsche, Dostoiévski e Kafka —, guarda um obscuro e intrigante segredo... Veja bem, querido leitor, e não se assuste! *Justine* gozava ao ser ultrajada!

Apesar de as “[...] noitadas de *Justine* — muito diversificadas e involuntárias — nos [serem] mostradas nos seus maiores detalhes, sem que nunca, definitivamente nunca, possamos suspeitar — desejo, amor, horror, indiferença — o que nossa heroína está experimentando”¹⁶ (PAULHAN, 1987: 77), o narrador que precede a narração de *Justine*¹⁷ nos indica um caminho logo nas primeiras páginas, ao dizer que

Essa prosperidade do crime é apenas aparente; independentemente da Providência que deve inevitavelmente punir tais sucessos, o culpado nutre no fundo do coração um verme que, roendo-o sem parar, o impede de desfrutar daquele halo de felicidade que o cerca deixando em seu lugar apenas a lembrança dilacerante dos crimes que lha proporcionaram. Com respeito ao infortúnio que atormenta a virtude, o infeliz que a sorte persegue tem por consolo sua consciência, e os gozos secretos que retira de sua pureza logo o recompensam pela injustiça dos homens (SADE, 2009: 29).

Essa hipótese por si só não nos bastaria, é preciso partir do princípio de que “*Justine* é a expressão de certo arquétipo feminino da época. Há uma dimensão sociológica na expressão de *Justine*” (GIANNATTASIO, 2012: 90).

Sade é um homem de seu tempo. E desse modo, segundo Iwan Bloch (1970: 28-9), devemos interpretá-lo a partir das informações sobre o contexto histórico

(qui est le nôtre), demeure le même : on sait toujours ce qui arrive à la fin. [...] Quoi qu'il lui arrive, *Justine* s'étonne. L'expérience ne lui apprend rien. Son âme demeure ignorante, son corps plus ignorant encore.”

¹⁵ “La pudeur, disait-on à l'époque, est une qualité qui s'attache avec des épingles”

¹⁶ “Et les coucheries — très diverses, très involontaires — de *Justine* nous sont montrées dans le plus grand détail sans que jamais, au grand jamais, nous soupçonnions — désir, amour, horreur, indifférence — ce que peut bien éprouver notre héroïne”.

¹⁷ Antes de *Justine* tomar a voz e narrar sua própria história, há um narrador que inicia o romance introduzindo os eventos que levaram *Justine* a ser expulsa do convento e trilhar pelo caminho do infortúnio.

específico em que o marquês estava inserido para, assim, o compreendermos com base em sua condição. Condição esta gerada que nasce das relações entre o particular e a comunidade. Com *Justine* não seria diferente. Para compreender como é possível esta personagem gozar ao ser ultrajada, é preciso estabelecer uma articulação entre o individual e o social.

Portanto, a primeira pergunta a ser feita é: no contexto de *Justine*, como eram vistas estas mulheres? A esta pergunta, fui procurar uma possível resposta nos estudos de Robert Muchembled, que faz “Uma história do prazer do século XVI a nossos dias” e, a partir de seus estudos, podemos dizer que a mulher era vista como o vaso mais fraco, educada para ser submissa ao marido, fazer filhos e proteger sua casa.

Ao analisar seis mil imagens produzidas entre os anos de 1490 e 1620, Muchembled pôde perceber que a principal imagem construída da mulher, “visível em dois terços das obras, faz da mulher uma diaba dada aos sete pecados capitais” (2007: 108). As filhas de Eva eram vistas como devoradoras, sempre prontas para o sexo, com instintos de desejo insaciáveis. Seus corpos só lhes inspiravam a corrupção

Inclusive, a Medicina antiga acreditava que os corpos se dividiam entre os quentes e secos, dos homens, e os frios e úmidos, das mulheres. O homem associado à força, ao céu, àquilo que é puro, e a mulher à “fraqueza, a impureza, a água e a terra, o demônio.” (MUCHEMBLED, 2007: 108). A literatura do século XVI e XVII mostra que as mulheres têm uma lubricidade natural, elas estão inclinadas essencialmente à devassidão sem limites. Rabelais (apud MUCHEMBLED, 2007: 69), por exemplo, apontou que nenhum marido teria como evitar ser corno! “O que dizer das mulheres, cuja própria natureza é pecadora aos olhos de todos”? (MUCHEMBLED, 2007: 69).

Muchembled mostra que é possível perceber uma cultura do prazer por meio das obras licenciosas francesas. Sob o anonimato foram produzidas muitas obras eróticas como *Copie d' un bail et ferme, fait par une jeune Dame de son com pour six ans* (1609), *L'Origine des cons sauvages et La Manière de lês apprivoiser* (1610), *La permission aux servantes de coucher avec leurs maîtres* (1620), e o mais famoso e influente livro erótico da época: *L'École des filles*¹⁸, um verdadeiro manual de educação sexual em que “As maiores emoções parecem estar ligadas à transgressão de interditos, tanto sociais, quanto religiosos” (MUCHEMBLED, 2007: 132).

¹⁸ Tradução livre: Cópia de um contrato de arrendamento de terras feito por uma jovem dama de sua cona por seis anos, Origens das vaginas selvagens e a maneira de domá-las, A permissão às criadas de se deitar com seus patrões e A escola das meninas.

Se por um lado havia uma literatura e diversos manuais eróticos que contavam e ensinavam como essas meninas e mulheres faziam ou podiam fazer para tentar satisfazer seus desejos viscerais, por outro, os manuais tradicionais de educação e boa conduta feminina também foram feitos aos montes. Havia toda uma pregação para que as mulheres usassem seu corpo com moderação, apenas para procriar e não pelo prazer dos sentidos.

Júlia ou A Nova Heloísa, publicado em 1761, é um dos romances que tem esse caráter de trazer o modelo de bons modos. Seu autor, Rousseau, fez de Júlia alguém exemplar, que procurou fazer o amor e a amizade reinarem soberanos.

As grandes cidades precisam de espetáculos e os povos corrompidos de romances. Vi os costumes de meu tempo e publiquei estas cartas! [...] Todo homem de bem deve confessar os livros que publica. Coloco meu nome, portanto, no frontispício desta coletânea, não para dela me apropriar, mas para responder por ela. [...] Este livro não é feito para circular na sociedade e convém a pouquíssimos leitores. [...] Por que temeria dizer o que penso? Esta coletânea com seu gótico¹⁹ tom, convém melhor às mulheres do que os livros de filosofia. Ela pode mesmo ser útil àquelas que, numa vida desregrada, conservaram algum amor pela honestidade (ROUSSEAU, 1994: 23-24).

Parece-me que uma coisa incita a outra. Se por um lado houve um *boom* dos livros eróticos, por outro há uma tentativa de silenciá-los, tem-se a necessidade de se criar “boa literatura” como leitura de formação das jovens de bem. É de se destacar que, como assinala Lynn Hunt (1999: 19), “No final da década de 1790, a polícia francesa possuía um departamento destinado aos atentados contra a moral, que se dedicava a descobrir e confiscar obras licenciosas”.

Essa tentativa de domesticação da mulher circunscreve um ideal feminino a ser seguido, é ele o da

esposa casta, fechada às solicitações dos outros homens, mas fecunda, mãe nutridora generosa, capaz de sacrifício. Em contraposição, imaginam a diaba, a que se entrega aos vícios da natureza feminina, particularmente ao insaciável desejo sexual, quando não é firmemente dominada por um homem. Só o casamento pode salvá-la de si mesma e garantir sua salvação (MUCHEMBLED, 2007: 72).

¹⁹ O Dicionário da Academia, de 1762, define *Gothique* como “o que parece demasiadamente antigo e fora de moda”. (NT)”

Na contramão, em *L'École des filles*, Susanne ensina a *Fanchon* os primeiros passos do amor a serem seguidos: “Com um conjugue é bom, mas as esposas têm sensações mais agradáveis ainda com senhores, que o fazem com elas às escondidas, porque o marido não o quer” (MILLOT & LANGE apud MUCHEMBLED, 2007: 131).

Não é à toa que ao mesmo tempo em que avança o culto de devoção Mariana, a caça às Bruxas na Europa ocidental tem seu ápice. Qual era o perfil da mulher acusada de bruxaria? Era exatamente o “estereótipo feminino marcado pela idade, pela viuvez e pela relativa marginalidade, por perda de vínculos sociais, no interior de uma comunidade” (MUCHEMBLED, 2007: 73).

A saída encontrada para acalmar os ânimos dessas mulheres inquietas era o casamento, só ele poderia salvá-las delas mesmas. Havia um “medo cada vez maior dos infernos das partes baixas do corpo. Todos [deveriam] ter cuidado com o demônio que lá se encontra latente, as mulheres mais que os homens, porque não conseguem reprimir sozinhas suas lubricidades” (MUCHEMBLED, 2007: 107). Entendia-se que a mulher, quando se casava, cumpria o seu papel na vida, que era ser fecunda. Ou seja, ela se submetia ao marido, engravidava, e daí em diante tornava-se mãe. Até mesmo para a medicina da época, todos os líquidos orgânicos eram vistos como semelhantes e todos podiam virar sangue. O leite da mãe era semelhante ao esperma. E, como se acreditava, desse modo, ela ejaculava durante o coito, “um sublima o outro” (MUCHEMBLED, 2007: 109).

Mas como solução, o casamento não foi sempre suficiente para domesticar esta mulher. Nos séculos XVI e XVII, há a intensificação da punição, que se dá de maneira extremada e traumatizante: a “experiência da volúpia dos sentidos se fez na dor” (MUCHEMBLED, 2007: 57). Nesses dois séculos o prazer foi fortemente perseguido, maltratado, punido, queimado em público. Havia no prazer um sentimento da morte. Aqueles que extrapolavam do prazer eram punidos, de forma que

O resultado final dessas tensões na civilização é o de vincular, por muito tempo, a noção de volúpia às de culpa e punição: gozar no sofrimento torna-se o apanágio daqueles e daquelas que resistem de corpo e alma à escalada dos interditos e dos tabus. Aliás, bem antes do marquês de Sade, o século XVII inventa o recurso à dor e ao sangue para multiplicar as sensações (MUCHEMBLED, 2007: 104).

Nossa história está cheia de exemplos, e sobre um deles eu gostaria de citar um trecho do Jean Paulhan,

Existe, na nossa literatura européia, uma outra obra, e bastante conhecida, que contém mais tortura ainda que a obra completa de Sade (acompanhada de imagens) e mais requinte nas torturas e uma maior obstinação no requinte: não se trata de 30 ou 40, mas, cem mil mulheres em meio a palha seca e que são queimadas a fogo brando (tendo sido amordaçadas para que seus gritos não sejam ouvidos); e outras mulheres esquartejadas sobre camas pontiagudas, e violadas diante de seus maridos empalados; e príncipes e princesas grelhados lentamente sobre carvão ardente; e os nativos acorrentados são abandonados à morte por inanição enquanto são chicoteados (essas doces ovelhas, como se refere a eles o autor). Ao final, não são às dezenas (como em a *Nova Justine*), mas, aos milhões que se contam as vítimas. Vinte milhões, mais exatamente, segundo o autor. Trata-se de um autor respeitável e de histórias dignas de confiança. Não é, em hipótese alguma, um romance, mas, o mais puro relato jornalístico: *Très Brève Relation* cujo pai é Bartholomé de Las Casas [...]. (PAULHAN, 1987: 61-2)²⁰.

Há, de alguma forma, um prazer íntimo de ver doer o fogo na pele de alguém, como se esta pessoa estivesse pagando não só pelos pecados dela, mas pelos meus próprios, a dor purifica o homem²¹. Às vezes parece-me que, como em geral, o prazer deve ser punido, um e outro estando sempre presentes no mesmo momento devido às circunstâncias, eles acabam por se confundir.²²

Nietzsche colocava a questão, eminentemente espiritualista, do sentido do sofrimento. E dava a única resposta digna: se o sofrimento, se até mesmo a dor, tiver um sentido, isto deve estar dando prazer a alguém. Nesse caminho, existem somente três hipóteses possíveis. A hipótese normal, moral ou sublime – nossas dores dão prazer aos deuses que nos contemplam e vigiam – e duas hipóteses perversas: a dor dá prazer para quem a inflige, ou para quem a sofre (DELEUZE, 2009: 116-117).

²⁰ “Il existe, dans notre littérature européenne, un autre ouvrage, et fort estimé, qui contient (avec les images) plus de tortures encore que l’ouvre entière de Sade, et plus de raffinements dans les tortures, et plus d’obstination dans le raffinement : non point trente ou quarante, mais cent mille femmes enveloppées dans de la paille sèche et que l’on brûle à petit feu (les ayant d’abord bâillonnées, pour moins entendre leurs cris) ; et d’autres femmes écartelées sur des lits de points, que l’on viole devant leurs maris empalés ; et des princes et des princesses lentement grillés sur des charbons ardentes ; et des paysannes dans le chaînes (ces douces brebis, dit l’auteur) qu’on laisse mourir de faim sous les coups et le fouet. Au terme e quoi, ce n’est pas par dizaines (comme dans *La Nouvelle Justine*) que l’on compte les victimes, mais par millions. Vingt millions très exactement, d’après l’auteur. C’est un auteur respectable et des histoires dignes de foi viennent d’ailleurs confirmer, à quelques millions près, ses dires ; car il ne s’agit pas du tout d’un roman, mais d’un pur et simple reportage : la *Très Brève Relation* du père Bartholomé de Las Casas [...]”.

²¹ Lembremos a imagem constituída por Foucault nas primeiras páginas de *Vigiar e punir: nascimento das prisões*, onde ele relata detalhadamente os suplícios e a execução de Damians.

²² A autoflagelação é, para mim, uma imagem disso. É claro que não é apenas isso, mas me ocorre.

No meu segundo capítulo, vou trabalhar com a terceira hipótese, a perversa, de que a dor dá prazer para quem a sofre. Mas neste capítulo, pensemos a partir da primeira hipótese, a normal, que sugere que nossas dores dão prazer aos deuses que nos contemplam e vigiam, contudo, neste caso, não aos deuses, mas ao Deus único.

E nesse sentido, no âmbito do cristianismo, do catolicismo de maneira mais particular, o corpo atingiu uma significação ímpar. Ora, “o verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça de verdade” (JOÃO, 1:14). O próprio Deus, portanto, assumiu forma humana, estabelecendo com os homens uma nova aliança, na qual se renovou a alma humana — depois de o domínio das faculdades espirituais da alma terem perdido o domínio sobre o corpo após o pecado original —, justamente por meio do sacrifício do corpo por meio da morte na cruz. “*Sicut unum corpus unius hominis*” – Como um só corpo de um só homem (AQUINO, 1997: 102), “assim como da falta de um só resultou a condenação de todos os homens, do mesmo modo, da obra de justiça, de um só, resultou para todos os homens justificação que traz vida” (PAULO in ROMANOS, 5:18). A morte de Cristo cumpriu a profecia do Servo Sofredor, anunciada por Isaias (Isaias, 53:7), e reafirmada por Mateus, na passagem em que escreve “[...] Foi levado como ovelha ao matadouro [...]”. A redenção cristã se dá, então, por meio do sacrifício. Sacrifício este que é diariamente revivido por meio da Eucaristia, como um memorial da salvação, um ritual catártico de transubstanciação, no qual os fiéis comungam do corpo e do sangue de seu herói. “Por estar no centro do mistério cristão, o corpo é uma referência permanente para os cristãos dos séculos modernos” (GÉLIS, 2008: 19), assim, o cristianismo tornou-se a crença que, ao mesmo tempo, encenou e subjulgou o corpo.

O corpo de Cristo está no centro da mensagem cristã, e o cristianismo é a única religião na qual Deus se inscreveu na história tomando forma humana [...]. Ele nasceu nesta Terra, viveu e morreu consumando no sofrimento sua missão: oferecer sua pessoa à vingança pública e seu corpo à perseguição, para salvar os pecadores (GÉLIS, 2008: 23).

No cristianismo há uma inversão dos valores naturais, a dor passa a ser valorizada como um instrumento de salvação, de purificação. Bom é aquele que sofre. “Uma ambiguidade atravessa pois o discurso cristão sobre o corpo e as imagens que ele suscita: um duplo movimento de enobrecimento e de menosprezo do corpo.” (GÉLIS,

2008: 20). Essa é a tônica que permeia as palavras de *Justine* em uma conversa com Deus:

— Oh, meu Deus – eu exclamava. — Vós o haveis querido, era Vossa vontade que o inocente se tornasse uma vez mais a presa do culpado. Disponde de mim, Senhor, estou ainda muito longe dos sofrimentos que haveis sofrido por nós. Possam os que eu sofro em Vos adorando me tornar digna de um dia das recompensas que prometeis ao fraco quando ele Vos tem sempre por objeto em suas tribulações que ele Vos glorifique em suas penas! (SADE, 200: 79-80).

Cristo é o Deus encarnado e seu sangue, seu suor, tudo aquilo que remete ao seu corpo sofrido é divinizado, é louvado, tomado como relíquia²³. Muito comum neste momento (e não apenas nele) será a: “Veneração dos instrumentos da paixão das cinco chagas, devoção especial à chaga do lado que levará à devoção ao Sagrado Coração de Jesus” (GÉLIS, 2008: 19). O momento de maior comunhão com Cristo é quando as pessoas podem servir-se de seu corpo, após o mistério de transubstanciação. Como dito no compêndio doutrinário *Catecismo da Igreja Católica*, “[...] No santíssimo sacramento da Eucaristia estão ‘contidos verdadeiramente, realmente e substancialmente o Corpo e o Sangue juntamente com a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, o Cristo todo’. ‘Esta presença chama-se ‘real’ não por exclusão, como se as outras não fossem ‘reais’, mas por antonomásia, porque é substancial e porque por ela Cristo, Deus e homem, se torna presente completo. É pela conversão do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo que este se torna presente em tal sacramento. Os padres da Igreja afirmaram com firmeza a fé da Igreja na eficácia da Palavra de Cristo e da ação do Espírito Santo para operar esta conversão. Assim, S. João Crisóstomo declara: Não é o homem que faz que as coisas oferecidas se tornem Corpo e Sangue de Cristo, que foi crucificado por nós. O sacerdote, figura de Cristo, pronuncia essas palavras, mas a sua eficácia e a graça são de Deus. *Isto é o meu Corpo*, diz ele, estas palavras transformam as coisas oferecidas. E S. Ambrósio afirma acerca desta conversão: “Estejamos bem persuadidos de que isto não é o que a natureza formou, mas o que a bênção consagrou, e que a força da bênção supera a da natureza, pois pela bênção a própria natureza é mudada [...]”.

²³ Pensemos nas chamadas *Arma Christi* que eram todos os instrumentos que haviam martirizado a carne de Cristo no caminho da cruz e o haviam levado à morte. Elas são consideradas como armas na luta vitoriosa contra Satanás.

Corpo de Cristo que comemos, se revela a partir do real e da carne. Pão que converte e salva os corpos. Corpo magnificado do Filho encarnado, do encontro do Verbo com a carne. Corpo glorioso do Cristo da Ressurreição. Corpo torturado do Cristo da Paixão, cujo símbolo é em toda parte a cruz, lembra o sacrifício pela redenção da humanidade (GÉLIS, 2008: 19).

Eis a parte humana de Deus, seu filho, que se ofereceu para salvar os homens do pecado. Quando o corpo de Cristo e seu próprio sangue tocam nossas línguas, entra em nossos corpos, mistura-se com nosso sangue, comungamos, comungamos Cristo e seu sacrifício.

Pensem em um dos maiores símbolos do catolicismo, a cruz. Ela nos mostra a dor de Cristo, seu sofrimento. O grande ícone religioso do catolicismo é um cadáver exposto.

O crucifixo é um ícone violentamente indecente. Para recuperar a sua força visceral, crianças do século XXI devem imaginar um linchamento, o corpo da vítima inchado e desfigurado, sua cabeça pendurada para um lado sobre um pescoço quebrado, enquanto os espectadores mostram sorrisos indecentes. Então, devem imaginar esse espetáculo medonho reproduzido no local mais sagrado de qualquer edifício que considerem sagrado. E mesmo quem vá assim tão longe ainda não alcançará o significado da imagem, pois essa vítima não é apenas inocente: Ele é o Deus encarnado, o próprio Senhor em forma humana (MILES, 2002: 18).

Se fosse posto na cruz o mais inocente homem da terra, isso já seria um absurdo, mas não é esse o caso. Mas não importa se é inocente ou culpado, importa que ele está na cruz, que ele sofre. De quem estamos falando é o que se supõe que seja o que há de melhor e mais puro na Terra.

O cristianismo valoriza os mais fracos, as vítimas. Segundo Nietzsche, em *O Anticristo* (2000: 16): “O cristianismo defendeu tudo quanto é fraco, baixo, pálido, fez um ideal da “oposição” aos instintos de conservação da vida potente”. A teoria nietzscheana valoriza a vontade de potência, é esse o avaliador dos homens. Para Nietzsche “Pereçam os fracos e os fracassados: primeiro princípio do nosso amor ao homem. [...] A própria vida é para mim o instinto do crescimento, da duração, da acumulação de forças, de potência, onde falta a vontade de poder, existe degeneração” (NIETZSCHE, 2000: 14-17). O contrário dessa vontade de potência, de acumulação de forças, é o niilismo, a vontade do nada, e no lugar do nada, entendamos o paraíso, o mais além. Ou seja, essa vida que vivemos é somente uma fase, seremos recompensados com a “verdadeira vida”, a vida eterna.

A piedade e o perdão eram virtudes presentes nos atos de Cristo, que não só era vítima dos homens, mas os amava independentemente disso. À sua semelhança, ao ser açoitada por *Bressac*, *Justine* afirma: “senhor, que vossos crimes vos tornem tão feliz quanto vossas crueldades me causam tormentos, e seja qual for a sorte que o Céu vos reserve, enquanto ele se digne a conservar meus deploráveis dias, eu os empregarei somente em rogar por vós” (SADE, 2009: 79). É como se o forte fosse o fraco, e o fraco passasse a ser o forte. Pensando ainda nesta ideia de inversões criada pelo cristianismo, Jack Miles chama a atenção para uma coisa: geralmente os vencedores parecem vencedores, e os perdedores parecem perdedores, mas “graças a esse aspecto paradoxal do mito cristão [...] o aparente perdedor pode ser, realmente, o verdadeiro vencedor não reconhecido” (MILES, 2002: 18).

Parece estranho isso? Mas, em um *site* da comunidade cristã *Juventutem Londrina*, há uma resposta para a relação entre dor e purificação dada por um padre italiano chamado Padre Carlo Gnocchi, que escreve um artigo respondendo aos questionamentos ditos ateus, do por que Deus permitiria que uma criança inocente sofresse. O nome do artigo é *A Pedagogia da Dor Inocente*. Nele, o padre explica que a função da dor na pedagogia divina deve-se à raiz dessa dor, que é o pecado original. O pecado original fez da dor naturalmente uma manifestação de pena e castigo por culpa, ou seja, expiação. Ele diz que a concepção de dor no *Antigo Testamento* era individual, isto é, era resultado de um grande pecado, como no caso dos leprosos e deficientes. Mas no *Novo Testamento* essa relação é diferente. “Sabemos” que devido a uma coisa chamada “comunhão dos santos”, somos todos da mesma família, somos todos irmãos, filhos do mesmo pai, Deus. Desse modo, essa comunhão nos faz provar da dor uns dos outros. “A queda de Adão representou a queda de todo o gênero humano. A partir de Adão, toda a humanidade partilha do pecado original e, portanto, do sofrimento.” E quando se questiona do por que disso, responde o padre: “Desígnios de Deus, difícil saber o motivo”.

Dessa forma, o vínculo que une a humanidade é o pecado. Mas, segundo o padre Carlo, quando Cristo aparece, ele surge como um novo paradigma na concepção da pedagogia da dor, ele acrescenta à concepção de dor o caráter de purificação e redenção.

Por meio da dor, com Cristo, o homem não só pode reparar a sua culpa, como também conquistar e merecer o prêmio de uma vida mais plena e indefectível. Ou seja, a dor purifica, no sentido de que ajuda o homem a se livrar de suas paixões e de tudo aquilo que lhe prende à vida material, aos prazeres [...] (GNOCCHI).

É como se vivêssemos sobre os ensinamentos de Cristo para sermos solidários com seu sacrifício inocente,

Ou seja, a partir de Cristo, todo o sofrimento do gênero humano partilha de certa forma do sofrimento de Cristo. Carregamos de certa forma um pouco da cruz de Cristo e nossos sofrimentos, nossas dores e angústias, nos unem ao sacrifício de Cristo, para dele partilhar e assim participarmos de sua ação purificadora e redentora (GNOCCHI).

O padre ainda nos pede que, ao vermos o sofrimento de um justo, “devemos ver nisso uma espécie de ação divina, pois ali está Cristo no sofredor.” Quando li em Jack Miles que “No Ocidente, qualquer criminoso pode ser Cristo, e, portanto, qualquer promotor público, um Pilatos” (2002: 19), achei um pouco exagerado, mas ao ler a frase do padre que dizia, “A atitude cristã que se deve ter diante do sofredor é a mesma atitude que teríamos a rigor diante de Cristo sofredor”, percebi que não era um exagero assim. Jean Paulhan também afirma:

Ousaria dizer que a punição do criminoso tudo concilia, a partir do instante que o ladrão se vê ele mesmo roubado - se não de seu dinheiro ao menos de alguns anos de sua vida - o assassino ele mesmo assassinado, nós podemos, sem o menor escrúpulo, freqüentá-los e, por exemplo, levar-lhes - caso estejam vivos - laranjas na prisão, nós podemos amá-los, beber de suas palavras, afinal, eles foram ou estão sendo punidos. (Eles com seu sacrifício, com seus atos, nos redimem e nos purificam). (PAULHAN, 1987: 31)²⁴.

Aparentemente, não basta ser apenas cabalmente um virtuoso, mas faz-se necessário ser um virtuoso sofredor, chegando a parecer que é mais válido um vicioso arrependido que conheceu os desígnios da dor, e através dela conheceu a redenção, do que alguém que segue os preceitos religiosos, porém, é de todo alegre. Aliás, os

²⁴ *“J’oserai dire qu’elle concilie tout. Dès l’instant que le voleur se trouve lui-même volé — sinon toujours de son argent, du moins de quelques années de sa vie, qui valent de l’argent et bien davantage — et l’assassin assassiné, nous pouvons sans le moindre scrupule les fréquenter, et par exemple leur apporter, tant qu’ils vivent encore, des oranges dans leur prison ; nous pouvons les aimer, nous pouvons même boire leurs paroles : ils paient, ils ont payé”.*

religiosos nunca carregam a felicidade em seus semblantes, ao contrário, neles só se percebe dor e sofrimento. “As religiosas tomam naturalmente como modelos figuras de mulheres que têm a reputação de ter castigado seu corpo” (GÉLIS, 2008: 55). Se alguém está sempre “feliz” é provavelmente porque algo está errado, não deve ser alguém pudico²⁵.

O Cristo da paixão, oferecendo-se como vítima pela salvação da humanidade, tem um lugar essencial na vida religiosa do século XVI ao século XVIII, [...] O mistério da redenção torna-se até mesmo, com Tomás de Jesus, Luís de Palma e Paulo da Cruz, o objeto de uma devoção especial. [...] “Ecce Homo” ou “Cristo ultrajado”, “Cristo na coluna” ou “Jesus flagelado”, “Cristo atado”, “Cristo que inspira piedade” ou “homem das dores”, todos esses qualificativos traduzem as sucessivas etapas de uma paixão na qual o corpo e o espírito do Deus feito homem foram submetidos a tormento atrozes. Textos apócrifos acrescentaram aos textos dos evangelistas a menção de suplícios suplementares, de sofrimentos ocultos, como se fosse preciso convencer-se um pouco mais de que o Redentor foi certamente objeto das piores humilhações, dos sofrimentos mais terríveis, da soma de todas as infâmias físicas e morais que um homem foi capaz de suportar (GÉLIS, 2008: 26).

Se a dor purifica, é necessária muita dor, muito suplício, muita humilhação, e muito sacrifício, para tornar-se o “homem” que Jesus Cristo era. Afinal, como diz Tereza d’Ávila: “Um martírio muito breve não pode fazer um grande santo” (apud GÉLIS, 2008: 83). Quanto mais se supera o sofrimento, mais próximo do céu se está.

Para todos aqueles que procuram audaciosamente assemelhar-se ao Cristo das dores para partilhar seus tormentos, o corpo é ao mesmo tempo o maior obstáculo, “o maior inimigo”, e o meio de acompanhar o Redentor: o corpo que é preciso vencer, o corpo vetor de um procedimento sacrificial. Todas essas formas de humilhação foram exploradas por essas almas exigentes e dilaceradas, governadas pelo princípio da desvalorização, da perda absoluta de si mesmo (GÉLIS, 2008: 54-5).

São muitos os meios pelos quais os religiosos levam ao crivo do corpo para poder comungar com Cristo. A autoflagelação era muito comum no meio religioso,

²⁵ Guido Mantega discute como o homem se submete a esta tortura da “não felicidade” para viver em sociedade. No capítulo “Sexo e poder nas sociedades autoritárias: a face erótica da dominação” ele afirma que, na verdade, a humanidade defronta-se com um mundo que só lhes provoca dissabores e sofrimentos. [...] Então, segundo Freud, a vida em sociedade submete o homem ao sofrimento, não apenas exigindo a renúncia ao prazer imediato, como também impedindo a livre manifestação dos instintos agressivos, inerentes, sendo ele, a todo ser humano. [...] Para viver em coletividade, o homem é obrigado a encerrar seus instintos numa camisa de força, que poderá ser mais ou menos folgada de acordo com o nível de repressão dessa sociedade. (1979: 13-4)

já a ascese alimentar é até hoje usada por eclesiásticos ou pelos laicos, pois “Ela [a ascese] vai permitir ao místico assemelhar-se a Cristo, pela fusão de seu corpo no corpo dele [sendo que] a privação alimentar é a punição mais imediata que se faz ao próprio corpo” (GÉLIS, 2008: 56). A imaginação humana para assemelhar-se ao maior dos sofredores é inesgotável,

Para lutar contra as tentações que sempre os ameaçam, uma vez que a batalha jamais está definitivamente ganha contra o demônio, os santos usam estratégias ainda maiores e de uma grande violência. (...) O corpo deve portanto ser constantemente vigiado e coagido. Dormir no chão duro da cela, “como verdadeiro penitente”, vestir uma roupa de tecido grosseiro, rugosa e remendada, acrescentar a ela um ou dois cilícios que corroem a carne, levantar-se de noite para aplicar-se a disciplina com chibata ou com açoite são vias ordinárias pelas quais eles pretendem superar os desvios do corpo (GÉLIS, 2008: 60).

O que o cristianismo faz é divinizar o fraco, a vítima, e estou entendendo *Justine* exatamente como uma cristã, alguém que leva os ensinamentos cristãos e o exemplo de Cristo até as últimas consequências.

Para Jack Miles, “A divinização da vítima é a fonte da revolução, assim como a demonização da vítima é a fonte da repressão” (2002: 22). Essa frase nos ajuda a entender a inversão que acontece dos séculos XVI e XVII para o XVIII. Nos dois primeiros, o prazer é punido publicamente, a relação entre dor e prazer está muito mais ligada a fazer sofrer, punir quem tem prazer, castigar aqueles que abusam das sensações. Já no século XVIII, começa uma nova experiência com a dor, ela sai do coletivo e passa para o individual, ela sai do público e vai para o privado.

Segundo Foucault (2010: 13) “No fim do século XVIII e começo do XIX, a despeito de algumas grandes fogueiras, a melancólica festa da punição vai-se extinguindo.” Isto se deve também ao fato de que, a partir do século XVIII, inicia-se uma forte discussão sobre os suplícios e as execuções públicas. Argumentos como o de Baccaria passam a ser evidenciados, “O assassinato que nos é apresentado como um crime horrível, vemos sendo cometido friamente, sem remorsos” (BACCARIA, 1764 apud FOUCAULT, 2010: 14). Com essa mudança,

A punição vai-se tornando, pois, a parte mais velada do processo penal, provocando várias consequências: deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade, não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens (FOUCAULT, 2010: 14).

O século XVIII, aquele em que vive *Justine*, ainda possui um fluxo cultural de uma concepção da virtude empenhada em triunfar sobre o vício, mas, ele “propõe uma filosofia do meio-termo, desvencilhada dos rigores punitivos [...]” (MUCHEMBLED, 2007: 151). Ou seja, antes cabia ao Estado culpar aquele que pecava, esta relação é dada agora individualmente, baseada na ideia do autocontrole e do senso íntimo de culpa, a ideia é agora a de moderação.

A maçã proibida simboliza os prazeres “impuros” do erotismo que assolam a humanidade, e fazem-na cometer atos impróprios e prejudiciais aos seus semelhantes. Portanto, os homens devem sentir-se culpados quando tomados por tais sentimentos, e procurar exorcizá-los. Dessa forma, o sentimento de culpa tem sido um dos principais guardiães da vida em sociedade, sempre atazanando o prazer onde quer que ele surja (MANTEGA, 1979: 13).

A punição exterior diminuiu e caiu sobre o próprio indivíduo, ele próprio passou a se punir caso tivesse prazer. Não é à toa que a masturbação sofreu uma grande perseguição²⁶.

²⁶ “[...] Para a Igreja Católica, a masturbação foi qualificada de bestialidade [...], na base da interpretação da história bíblica de Onan que, na verdade, foi punido mais pelo coito interrompido, por uma atividade não procriativa. Essa condenação levou a um verdadeiro combate às práticas masturbatórias [...]. As campanhas contra a masturbação foram lançadas no século XVIII, por médicos, educadores e moralistas. Rousseau [...] foi intransigente na luta contra a autossatisfação. Na sua célebre obra — ‘Emile’ — escreveu alertando o educador sobre os efeitos nefastos da masturbação. ‘Seria perigoso que seu aluno aprenda a responder a seus sentidos e a suprir às ocasiões para satisfazê-lo; se ele conhecer uma vez este perigoso suplemento, estará perdido’ [...] Considerando-se o fato de que Rousseau, nas suas ‘Confissões’, declarou masturbar-se regularmente durante sua vida, pode-se supor que sua condenação da masturbação refletia a própria culpabilidade. A posição de Diderot era ambígua, em todo caso mais avançada do que a de Rousseau, pois só condenava a masturbação frequente e que era excitada por uma imaginação fervente. Médicos advertiam sobre as consequências nocivas da masturbação sobre o corpo e o psiquismo. O livro do dr. Tissot, suíço, médico do Papa, ‘De l’onanisme’ (publicado em francês, em 1760) conheceu um sucesso internacional e teve um papel importante na luta contra a masturbação. Para ele, a perda do esperma era mais grave do que a perda de sangue. Referindo-se a esta prática, ‘delito abominável de Onan’, que ‘pune mesmo se se acredita estar curado ou não ter doença’. E acrescentou: ‘Pode-se prever claramente que toda a parte do corpo, que terá pecado, morrerá’ (WEREBE, 1998: 72-3).

Se não é mais ao corpo que se dirige a punição, em suas formas mais duras, sobre o que, então se exerce? A resposta dos teóricos – daqueles que abriram, por volta de 1780, o período que ainda não se encerrou – é simples, quase evidente. Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições. Mably formulou o princípio decisivo: “Que o castigo, se assim posso exprimir, fira mais a alma do que o corpo” (FOUCAULT, 2010: 21).

Esta vigilância não é tão fácil, pois

existe uma outra imagem do corpo, igualmente cheia de sentido, que é a imagem do ser humano pecador. [...] “esta abominável veste da alma” [...] pois se ouve incessantemente dizer que é pelo corpo que ele corre o risco de perder-se. O pecado e o medo, o medo do corpo, principalmente o medo do corpo da mulher, retornam como uma ladainha sob forma de precauções ou de condenações [na Contra-Reforma]. As tentações espreitam o ser humano desde a queda, [...] a carne é fraca e que cada um, seja qual for sua condição ou sua força d'alma, jamais está seguro de não lhe sucumbir. Pois, mais do que de corpo, é precisamente de “carne” que se fala; assim, o desejo sexual é o “agulhão do carne” (GÉLIS, 2008: 20).

Como então é possível proteger a todos dessas tentações, como protegê-los de si mesmos? Como proteger a mulher, este ser essencialmente dissoluto de suas vontades imperativas e licenciosas? Como isto foi feito? Dicotomizando a mulher, que passou a ter dois papéis possíveis na sociedade, virtuosa ou devassa, esposa e mãe ou puta. O dogma da inferioridade feminina continua, mas com uma roupagem levemente diferente,

Por um lado, trata-se de proteger a mulher casada contra as tentações e contra si mesma, confinando-a ao lar. Por outro, a puta, cada vez mais presente nas ruas urbanas, concentra unicamente sobre sua pessoa as características negativas, especialmente a perversidade e o insaciável apetite carnal que antes se imputavam a todas as filhas de Eva²⁷ (MUCHEMBLED, 2007: 153).

Qual é o preço que essas mulheres pagam pela salvação? É o do esquecimento de si mesmas. Eis que se esvaziam essas mulheres, ou são uma ou são outra, ou são boas e submissas, ou indóceis e demoníacas. Ambas são portadoras do

²⁷ No capítulo “*La Prostitution et La Vie Sexuelle au 18me siècle*”, Iwan Bloch afirmou que as descrições dos bordéis feitas por Sade em *Justine* e *Juliette* são fiéis aos diversos prostíbulos parisienses (1970: 119).

pecado original por causa do erro de Eva, mas as que desposavam Deus no convento ou que se submetiam com paciência à tutela de um marido se salvavam, ao passo que as outras, impelidas por seus instintos lúbricos, danavam-se irremediavelmente.

Todavia, apesar de teoricamente esse prazer continuar a ser proibido no século XVIII, ele entrou pelas portas do fundo do Iluminismo, leia-se aí a literatura erótica²⁸.

de acordo com Vartanian, o Iluminismo ofereceu um clima favorável para o progresso de uma “sexologia literária”, da qual participou a pornografia. Ainda segundo Vartanian, a concepção iluminista de natureza provocou o ressurgimento do elemento erótico na literatura e na pintura do século XVIII: o desejo sexual era natural, enquanto a repressão desse desejo era artificial e despropositada, e as paixões podiam ter uma influência benéfica, já que tornavam os seres humanos mais felizes. Consequentemente, o Iluminismo sexual foi uma parte do próprio iluminismo (HUNT, 1999: 35).

Mas e os homens, de que lado eles ficam?

Para os homens criou-se outro padrão, um duplo padrão, que fez reinar sua virtuosidade e sua devassidão. A eles foi permitido e incentivado o casamento com uma virgem de quem ele cobrava seriedade e desaprovava qualquer atitude viciosa. Também, o uso abusivo das casas de prostituição, reafirma o seu papel de macho. Ao homem, cabe a obrigação de tentar desfrutar da mulher, e à mulher cabe o autocontrole. Existe uma expressão do século XVI que retrata bem essa situação: “Vou soltar meus galos, vigia tuas galinhas!” Aliás, acreditava-se que na grande maioria das vezes em que ocorria um estupro, o causador era a mulher, pois ela, em algum momento, devido a sua inclinação ao vício, demonstrou que gostaria daquilo, ou seja, é devido à falta de controle da mulher, que tem de se vigiar o tempo todo²⁹.

²⁸ O prazer encontra-se, muitas vezes, ligado a ideia de transgressão. Ao serem “obrigadas” socialmente a escolherem um papel, as mulheres que escolhiam o papel de virtuosa e tudo que lhe cabia, encontravam outros meios de exercer sua liberdade e sexualidade. Eis uma das chaves do sucesso da literatura erótica entre as mulheres, por meio dos livros que se leem com uma mão só, é que muitas mulheres podiam se satisfazer, realizar sua multiplicidade.

²⁹ Em “Violação: ato de sexo ou de poder?” Aguinaldo Silva aponta como o número de casos de estupro aumentou vertiginosamente na França e EUA na década de 70. E apresenta uma pesquisa francesa que mostra que, dos 289 casos denunciados no ano de 1972, 246 tiveram como vítimas mulheres menores de idade. O fato de essas mulheres serem menores implica “em qualquer país do mundo” certa segurança com relação a uma reação positiva da Justiça em prol ao réu. Segundo o autor, a Justiça dos Estados Unidos só tem sua piedade despertada caso as jovens adolescentes tenham sido atacadas dentro de suas próprias casas. Já os homens acusados de violência sexual que conseguem provar que suas vítimas estavam vestindo minissaia ou não estavam fazendo uso de sutiã na ocasião do ataque são absolvidos. Há, inclusive, nesse país, advogadas [mulheres] especializadas em defender estupradores, pois “apenas a simples presença de uma mulher a defender o acusado já predispõe o júri contra a vítima. Além disso, [a vítima] vê sua vida ser levantada durante o processo em todas as minúcias,

O homem tem não apenas que aproveitar-se desse duplo padrão, mas também vangloriar-se o máximo que puder dele, “Pois a sexualidade feminina não pode de nenhum modo ser ostentada, ao passo que os homens têm orgulho de se vangloriar de suas conquistas” (MUCHEMBLED, 2007: 64)³⁰. Isso denota uma dominação hostil masculina, é só pensarmos, por exemplo, nas palavras utilizadas para relatar o sexo, elas mostram exatamente essa ideia de dominação, de violência,

“Foi possível identificar 130 termos diferentes para designar a dominação masculina durante a relação sexual. Estão ligados basicamente a quatro campos semânticos. Assediar e suas variantes vêm do vocabulário guerreiro. Corromper, desonrar ou destruir estão ligados a uma forma de sedução mais brutal. Quebrar, deflorar, raptar, sujar evocam o estupro. O quarto grupo, que exclui a violência aparente, nem por isso deixa de ter uma tonalidade agressiva: nas obras de Shakespeare os homens montam, possuem, batem, pulam, cavalgam, empanturram, encostam na parede, derrubam a parceira. A atitude esperada dos homens é que ajam como caçadores de mulheres, vangloriando-se publicamente de seus sucessos” (MUCHEMBLED, 2007: 74).

Uma das grandes questões a serem percebidas a partir desses argumentos apresentados é que a sexualidade passa, agora, de punida para controlada.

enquanto do acusado nada se pode dizer sobre seus feitos anteriores, sob ameaça de ser anulado o processo. [...] O modo negligente como são tratados pela Justiça os acusados de violação sexual pode ser facilmente explicado, na opinião dos sociólogos, se lembrarmos de que maneira as responsabilidades são atribuídas a cada sexo, dentro da nossa sociedade: “Nela, o homem é o agressor nato, o soldado que sitia as fortalezas. Quanto à mulher, ela é a guardiã das portas, a defensora dos tesouros sagrados. Se o homem consuma a invasão e se apodera do tesouro, ele apenas cumpriu com o seu dever. Não existe, para ele, nenhum motivo para se sentir culpado ou com remorsos. A mulher que se deixa possuir a força, no entanto, faltou com o seu dever. A sociedade, a família, a polícia e os tribunais a tratarão como tal. E esse tratamento parecerá à mulher mais traumatizante e terrível que a própria violação, pois ele é completamente injusto” (SILVA, in MANTEGA, 1979, pp.162-4).

³⁰ Aguinaldo Silva mostra o caso de uma menina que foi estuprada e seu caso foi levado à Justiça. No entanto, o juiz viu o caso de outro modo, não como um estupro e sim como um caso de sedução, e para livrar-se de qualquer condenação, ele convenceu o agressor a resolver o problema casando com a vítima. A menina, que morava no subúrbio carioca de Del Castilho, foi muito pressionada pelos pais e aceitou, como podemos perceber em seu próprio depoimento feito ao autor: “Eu não gostava dele, é claro. Mas a rua inteira ficou sabendo do meu caso: minha mãe, quando viu que eu tinha sido agredida, deu escândalo, chamou os vizinhos, me levou à polícia. Eu vi como é que passaram a me olhar, até mesmo os pais de família, eu passava e eles ficavam comentando. Nós somos muito pobres, não podíamos nos mudar de Del Castilho. A doutora [sua advogada] me disse logo: “Eles não vão perder uma única oportunidade de te humilhar.” Aí eu vi que a única saída mesmo era o casamento, por isso aceitei. (M.G)” – Mais uma vez, a culpa da violação vem da mulher, por não ter se guardado o suficiente. Chegando a transparecer que é provável mesmo que a moça desejasse o estupro, caso contrário o violador não o faria. E, ao aceitar o contrato, essa situação é completada, como que a silenciando ao passar para os padrões da normalidade, pois depois do casamento, o que será feito com o corpo da moça pelo marido, é uma questão unicamente própria aos dois (de bens), pois a Justiça não interfere naquilo que as pessoas fazem com suas propriedades.

O que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. [...] a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. (FOUCAULT, 1988: 10)

Para compreender *Justine* temos que transitar entre esses dois momentos. Para daí entendermos como é possível *Justine* gozar ao ser violentada. *Justine* traz consigo a ideia de que o prazer deve ser punido, deve ser castigado como nos séculos XVI e XVII, também corre dentro de seu imaginário a relação entre dor e prazer. Mas ela acrescenta ainda mais uma coisa, que é sua forte cristandade que permite que ela herde a ideia de que a dor purifica, pois a dor nos faz mais dependentes de Deus, a dor nos aproxima de Deus, nos faz mais humildes, o sofrimento nos purifica e nos faz entender que o pecado traz sofrimento, ele, o sofrimento, disciplina e santifica, a dor beneficia porque é um ensinamento de Deus. E conforme teria dito Jesus, no evangelho apócrifo de Tomé: "bem aventurados os que sofrem porque encontrarão a vida".

Essas questões podem parecer inicialmente sem qualquer ligação com a atualidade, mas, as palavras ditas no parágrafo superior são o resumo dos "Oito motivos pelos quais Deus permite que sofram", que foram retiradas de um *blog* cristão, para responder ao questionamento posto por um internauta, no *site Yahoo*, sobre os motivos pelos quais Deus permite que as pessoas sofram tanto.

Portanto,

Se o corpo é o principal obstáculo para chegar a Deus, ele pode também ser o meio de operar sua salvação. O ideal ao qual se aspira não é reviver a paixão de Cristo através dos sofrimentos do corpo e dos ultrajes sofridos?

O martírio, pelo fato de ser infligido por outros, que são forçosamente encarnações do mal, aparece paradoxalmente como "a fórmula" mais simples: a vítima consente e abandona aos carrascos este corpo que eles vão destruir (GÉLIS, 2008: 53).

Em seu corpo *Justine* encontra sua condenação e sua salvação. Afinal, "o corpo não é dotado de unidade, sincronia. Ele nem é um organismo ou mesmo um sistema. Nenhum princípio sobrevive a ele." (SADE, in GIANNATTASIO, 2012: 16).

Em a *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino, deparei-me com a seguinte frase: "Em certos casos, a mesma dor e tristeza é delectável [...] a dor pode ser

matéria do prazer, como diz Agostinho: Que o penitente esteja sempre na dor, que se alegre na dor” (AQUINO, 2003: 428).

Justine, ao longo do romance sofre, e sofre muito. Ela passa o tempo todo em desgraça. Quando você pensa que ela não suportará mais sofrimento, ela passa por situações ainda mais desgraçadas. É nos momentos de violência que em *Justine* a “vida e morte não se distinguem, onde dor e prazer se perdem na vitalidade do momento vivido” (SADE, in GIANNATTASIO, 2012: 16). E, se o cristianismo diviniza a vítima, todas essas situações em que ela é posta ou em que ela se coloca só faz dela ainda mais cristã, mais virtuosa.

“A ideia central [do cristianismo] é que o corpo sofredor diz a verdade, a exemplo [...] do cadáver cujas chagas sangram na presença do seu assassino” (MUCHEMBLED, 2007: 65). No caso de *Justine*, o seu corpo sofredor parece omitir uma “verdade”, que ela gostava da dor que lhe impunham. A redenção de *Justine*, portanto, dava-se por meio do martírio, assim como o “cordeiro imolado” que redimiu os homens do pecado. A anunciação feita por João Batista a Jesus como o “Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo” (JOÃO, 1:29) manifesta “que Jesus é ao mesmo tempo o Servo Sofredor que se deixa levar silencioso ao matadouro” (ISAÍAS, 53:7) “e carrega o pecado das multidões” (ISAÍAS, 53:12). Nietzsche, em *O Anticristo* disse que ser “cristão é certo instinto de crueldade contra si mesmo e contra os outros” (2000: 33).

Mas, é dessa proibição de gozar, dessa obrigação do esquecimento de si que muitas mulheres vão encontrar no gozo uma ideia de transgressão. Os “livros que se leem com uma mão só” são uma dessas forças, porque transformadas em *voyeur*, essas leitoras podem “estremecer de inquietação sem enfrentar os rigores punitivos prometidos aos que se entregam realmente a tais torpezas” (MUCHEMBLED, 2007: 159). Escolher o caminho da devassidão pode ser outro. Mas, há também o de *Justine*: o gozo silencioso, que vem ao ser humilhada, ultrajada, violentada.

Quantos gozos mais essas mulheres inventaram ao transgredir? Tanto quanto é a fartura que lhe serve a imaginação feminina do século XVIII.

3 OS PRAZERES NO INFORTÚNIO

“A transgressão é a desordem organizada;
na medida que introduz no mundo algo que o ultrapassa.”
GEORGE BATAILLE

Tristeza, melancolia, ternura, ingenuidade, candura, boa-fé, pudor, delicadeza, timidez e uma surpreendente sensibilidade. Esses são, entre tantos outros, os adjetivos pelos quais o autor nomeia *Justine*. São todas características de uma boa moça, tão caras e perigosas no século XVIII, e que me fazem lembrar que conhecemos a história de *Justine* através de sua própria doce voz e, como todos os que contam uma história, entendemos que *Justine* pode, também ser uma ficcionista, no sentido em que cria um discurso sobre si, discurso esse que é expresso logo em sua primeira fala:

- Contar-vos a história de minha vida, senhora [...] é vos oferecer o exemplo mais chocante dos infortúnios da inocência. É acusar a Providência, é se lamentar dela, é uma espécie de crime e eu não ousar... (SADE, 2009: 32)³¹.

Mesmo sendo doloroso, cruel, e quase criminoso contar sua história, *Justine* o faz diversas vezes e em mínimos detalhes³². Ao longo do romance, a moça constrói sua história, a de uma vítima da inocência e da providência. E organizando acontecimentos, revelando alguns fatos, omitindo outros³³, *Justine* nos deixa a tarefa de ler o que não foi escrito, de ouvir seu silêncio. Sendo que,

³¹ Ao longo do romance *Justine* ousa duvidar da Providência, porém logo em seguida ela sente-se culpada por fazê-lo, como quando *Bressac* (durante o planejamento da morte de sua mãe) recebe notícias de que um tio acabava de deixar-lhe oitenta mil libras de herança, frente a essa prosperidade do crime, *Justine* contesta: “Oh Céu, eu disse para mim ao tomar conhecimento disso, será então assim que a justiça celeste pune a conspiração dos perversos? [...] Arrependo-me logo em seguida dessa blasfêmia contra a Providência, caí de joelhos, pedi perdão a deus e acalentei a ideia de que essa herança inesperada ia ao menos causar alguma mudança nos projetos do marquês...” (SADE, 2009: 69).

³² E de tanto partilhar sua história passa a chamar sua narrativa de “[...] o doce prazer de partilhar meus prantos [...]” (SADE, 2009: 139-140).

³³ Ela própria afirma fazê-lo diversas vezes, como no trecho: “De todas as agruras que experimentei nessa infeliz situação, de todas as propostas horríveis que me foram feitas, citarei apenas a que me chegou na casa do senhor *Dubourg* [...]” (SADE, 2009: 32).

Um leitor que se delicia com um poema, um conto, romance, ou outra qualquer forma de expressão literária, e que busca nas entrelinhas das palavras escritas, aquelas que ficaram ao nível do não dito, assemelha-se ao analista que, pinçando os significantes nas histórias de vida que lhe são contadas, capta o que não está sendo anunciado. [De forma que...] Um analista é, ao mesmo tempo, um leitor atento. Não um leitor preso a história que lhe narra o protagonista, mas aquele que, por meio de sua atenção flutuante, busca o enunciado na enunciação, o sentido oculto naquilo que lhe está sendo dito (BECKEL: 1-2).

E nessa tarefa de interpretar a história de *Justine*, abrem-se as portas para algumas discussões feitas pela psicanálise e às críticas feitas a ela, pois, desde seu nascimento, a psicanálise mantém estreita relação com a literatura, servindo-se dela inclusive para nomear seus conceitos. Freud sempre reconheceu seu encantamento por essa arte e via nela uma antecipação das descobertas psicanalíticas. Mais ainda, Freud via que na literatura os

[...] conteúdos latentes dos sonhos mais sintomáticos podem desenvolver-se nela fora de toda censura. [...] A crítica psicanalítica foi sugerida pelo próprio Freud, que considerava a literatura como testemunho da vida subconsciente do homem, ao encontrar seu objetivo na “realidade psíquica” fantasmal (JOSEF, 2006: 51).

O pai da psicanálise via, portanto, a literatura como um lugar de manifestação do inconsciente, via no texto, “[...] o eco de uma verdade a descobrir [já que] O sujeito estrutura-se nas fantasias, isto é, numa configuração de representação de seus desejos inconscientes” (JOSEF, 2006: 52). Sabemos que o inconsciente tem seus rastros em nossas atitudes, nossas escolhas, gestos, fala e escrita, isso é inegável. A própria formação de nosso imaginário, fantasias, é muito mais complexa do que imaginamos ser, mas, não é trazendo elementos do inconsciente à tona que se pode preencher as lacunas de uma história. “Cavar mais fundo” não significa necessariamente descobrir mais verdades. Juntar consciente e inconsciente não dá unidade ao homem.

Então, como encontrar a verdade mais pura, a essência de algo que se transforma a cada segundo? O que fazemos é apenas atribuir sentidos, seja ao escrever uma história ou ao contá-la em uma sessão de análise. Além do mais, esse movimento de escavação só é possível por meio de um veículo, a linguagem. E tanto o mapa da mina quanto as ferramentas utilizadas e o próprio ouro que se pretende encontrar são “irreais”, pois “Toda realidade é um discurso porque é percebida através da estrutura

verbal. A linguagem estrutura a realidade da obra” (JOSEF, 2006: 60). Dessa forma, o homem configura a linguagem e é por ela configurado. E ao abrir as portas para a psicanálise, quer-se levar o inconsciente em consideração, mas não se pretende encontrar a verdade através dele, melhor é ter em vista que “A literatura mais verdadeira é a que se sabe linguagem, isto é, comédia, simulacro do mundo.” (JOSEF, 2006: 60).



Em um dia comum caminhamos pelas horas sem surpresas, o tempo passa cronologicamente, sem sustos, às vezes com pressa, mas sem interrupções. Em geral, as vidas ordinárias seguem seus fluxos, contudo, há momentos de estranhamento. Neles, o tempo parece estar suspenso, os pontos do relógio fazem-se escutar mais alto, parecendo nos cobrar algo, uma resposta, uma atitude, uma opinião. Chamando assim, a dar um nome, a circunscrever, a encaixotar, a entender e interpretar. Também a fazer do incognoscível algo nomeável. Do inominável, algo reconhecível. O que leva muitas vezes a fazer um diagnóstico, fazendo do natural, do real, algo divino ou maldito. E apesar do desejo da grande maioria das pessoas de manter-se estável³⁴, o que mais chama atenção, o que provoca estranhamento, que faz perder a noção do tempo e rouba o ar é o excesso.

Contudo, vivemos o momento do discurso da busca de equilíbrio, seja ambiental, emocional, psicológica, de consumo etc. Quase tudo é permitido, desde que tomado a pequenos goles. As fantasias sexuais são bem vindas, os chicotes assentidos e as prostitutas toleradas, desde que tenham um lugar apropriado e um limite. Eis o tempo do homem politicamente correto³⁵.

Não é de hoje que somos desafiados a nomear o excesso, pois os interditos podem ter alargado suas fronteiras, mas tudo aquilo que é feito em demasia é considerado um mal. E como os malefícios precisam ser classificados para serem extirpados, nomeamos alguns dos excessos da humanidade de perversão³⁶. Foucault, em *A vontade de saber*³⁷, aponta muito bem esse movimento ao dizer que

³⁴ Ver mais adiante, na nota 45, sobre o princípio de constância.

³⁵ Chegamos a um momento de proibição de etiquetas como masturbadores, homossexuais, vadias, etc, todos devem ser igualmente tolerados.

³⁶ Segundo Roudinesco “Forjado a partir do latim *perversio*, o substantivo ‘perversão’ surge no francês entre 1308 e 1444 [no português, entre 1562 e 1575, com a mesma origem]. Quanto ao adjetivo

A sociedade burguesa do século XIX, a nossa ainda, provavelmente, é uma sociedade da perversão explosiva e explodida... É possível que o Ocidente não tenha sido capaz de inventar prazeres novos, e provavelmente não descobriu vícios inéditos. Mas definiu novas regras para o jogo dos poderes e dos prazeres: nele configurou-se a fisionomia rígida das perversões. (Apud ROUDINESCO, 2008: 76)

Todas as perversões identificadas no século XIX não remetem a um quadro novo de gostos, mas, muitas vezes, a costumes triviais antes desse período.

O Código Penal francês de 1810, influenciado pelo Iluminismo, é alterado de forma a laicizar e descriminalizar as práticas sexuais³⁸. Para circunscrevê-las, a psiquiatria inicia um intenso processo de nomeação, criando as patologias,

Esvaziadas de seu furor pornográfico, são então rebatizadas ao sabor de uma terminologia sofisticada. Na literatura médica do século XIX, não se fala mais em foder, de cu, de xoxota, nem das diferentes maneiras de tocar punheta, fornicar, enrabar, comer merda, chupar, mijar, cagar, etc. inventa-se, para descrever uma sexualidade dita 'patológica', uma lista impressionante de termos eruditos derivados do grego³⁹. E, inclusive com frequência, para dissimular a eventual cruzeza da qualificação de um ato, fala-se latim (ROUDINESCO, 2008: 78).

Desde o seu nascimento, a humanidade nomeou o que considerava como anormalidade. Mudaram-se os nomes, os lugares, mas o excesso foi sempre combatido. O século XVII e parte do XVIII fizeram da fogueira o lugar dos perversos⁴⁰.

'perverso', é atestado em 1190, derivando de *perversitas* e *perversus*, particípio passado de *pervertere*: retornar, derrubar, inverter, mas também erodir, desorganizar, cometer extravagância". No *Dictionnaire étymologique de la langue française*, de 1964, perversão é a "Transformação do bem em mal. A perversão dos costumes. Distúrbio, perturbação" (ROUDINESCO, 2008: 9). Já no *Vocabulário da Psicanálise*, o conceito perversão é apontado como um "Desvio em relação ao ato sexual 'normal', definido este como coito que visa a obtenção do orgasmo por penetração genital, com uma pessoa do sexo oposto. Diz-se que existe perversão quando o orgasmo é obtido com outros objetos sexuais (homossexualidade, pedofilia, bestialidade, etc.), ou por outras zonas corporais (coito anal, por exemplo) e quando o orgasmo é subordinado de forma imperiosa a certas condições extrínsecas (fetichismo, travestismo, voyeurismo e exibicionismo, sadomasoquismo) [...]" (LAPLANCHE, 1992: 341).

³⁷ Volume 1 da *História da Sexualidade*.

³⁸ Se as práticas sexuais deixam de ser criminosas, a literatura dita pornográfica não, ela ainda é vista como uma ofensa a moral pública.

³⁹ "Zoofilia, necrofilia, exibicionismo, pedofilia, coprofagia, travestismo, voyeurismo, onanismo, sadismo, masoquismo etc. [...]"

⁴⁰ "Na Antiguidade grega, a homossexualidade era qualificada como pederastia e integrada a polis como uma cultura necessária ao funcionamento da norma. [...] Porém, quando um homossexual recusava qualquer contato com as mulheres, era visto como anormal que atentava contra as regras da polis e da instituição familiar. O perverso, portanto, não era o sodomita, mas aquele que usava sua inclinação pela sodomia para recusar as leis da aliança e da filiação. Na 'época cristã [...]' o homossexual tornou-se a figura paradigmática do perverso. [...] A sodomia, demonizada, foi então considerada a vertente mais escura da atividade perversa e assimilada tanto a uma heresia quanto a um comércio sexual com

Contudo, o século XVIII – conhecido como o século corrompido – é o marco de grandes mudanças, o discurso muda, retirando-se as lenhas da fogueira, partindo para uma descriminalização das perversões, e chegando ao XIX que pretende tratá-las. O discurso psiquiátrico do século XIX vem higienizar as perversões, catalogá-las e, entre elas, o sadismo e o masoquismo. Contudo, as perversões não cessam no século XX⁴¹, mas, após o prevailecimento do modelo capitalista no mundo, dissemina-se um ideal de individualismo, no qual se supõe que haja igualdade, e cada um tenha sua chance, oportunidades, faltando-lhe apenas a força de vontade para encontrar o sucesso e a felicidade. Por isso, acredita-se que não há mais motivos para revolução em massa, nem para conflitos, uma vez que as mudanças e a “busca pela felicidade” devem ser feitas individualmente. É nesse mundo de “oportunidades a todos”, um mundo globalizado, que se pretende tornar todos igualmente felizes, de forma a extinguir

“[...] todos os excessos pelos quais se enuncia a parte obscura de nós mesmos. Nem perversão, nem sublimação. Dar cabo da perversão. Eis, portanto, na atualidade, a nova utopia das sociedades democráticas globalizadas, ditas pós-modernas: suprimir o mal, o conflito, o destino, a desmedida, em prol de um ideal de gestão tranquila da vida orgânica.” (ROUDINESCO, 2008: 164)⁴²

A busca pela paz, pela igualdade, traz consigo um paradoxo, o fim das diferenças. E com ela, o arquétipo de *Justine* fora perdido, pois, tornando-se improvável e condenável após a revolução feminista, *Justine* fora taxada como uma mulher passiva, submissa, portanto, digna de ser combatida⁴³. Segundo Luiz Felipe Pondé, “O

animais (bestialidade), isto é, com o Diabo. Visto como uma criatura satânica, o invertido da era cristã foi então considerado o perverso dos perversos, fadado à fogueira porque atentava contra o laço genealógico. Mas nem por isso deixou de ser tolerado, ao menos nas famílias abastadas, desde que aceitasse casar e engendrar” (ROUDINESCO, 2008: 50-51).

⁴¹ Lembremos-nos do nazismo.

⁴² Vivemos em outro momento, no qual os nomes já foram dados e agora devem ser esquecidos para a realização do projeto de paz, que se estende até as relações sexuais, e que, a fim de fazer do sexo algo natural, saudável, que faz bem ao coração e à saúde, chega-se a estipular quantas vezes deve ser praticado. Cria-se uma maneira certa e higiênica de fazer sexo. Para Pondé, (2012c) “Quem diz coisas como ‘sexo é saudável faz gargarejo e escova os dentes depois de fazer sexo oral.’ É um projeto de higienização, que cria uma prática regulamentada, delimitando maneiras e doses certas de amar. O próprio desaparecimento da palavra “perversão” do léxico da psiquiatria talvez esteja ligado a essa questão, à aceitação de que todos são um pouco perversos. Portanto, ao invés de rotular, seria melhor trabalhar a economia da perversão, em um novo problema econômico do prazer.

⁴³ A resposta de algumas mulheres a esta questão poderia ser dada em torno de elas verem na mulher contemporânea justamente a figura da mulher que se torna ativa em todas as situações, que toma as rédeas de sua vida. Segundo Pondé, (2012c) “No fundo, o novo uso da palavra ‘vadia’ [usado nas marchas que vem acontecendo nos últimos meses em vários pontos do mundo] significa: ‘só gosto de apanhar de quem me dá tesão’, como me disse, uma vez, mais ou menos assim, uma aluna, para definir o

puritanismo feminista, que não entende nada de mulher, faz da mulher uma ‘camarada’ vestida de homem em meio a um mundo brocha de tanta exigência de igualdade entre os sexos”, para o filósofo esse é um “erro clássico do feminismo: deserotizar a mulher a fim de torná-la cidadã” (2012c). Briga-se tanto pela igualdade entre os sexos, pela semelhança, que por vezes perde-se o direito às diferenças.

Esse nivelamento exclui as forças motoras do mundo, e com o medo do excesso, segue juntamente a exclusão daquilo que nos é mais próprio, pois existe paixão sem excesso? Existe humanidade sem crueldade⁴⁴? Existe sexualidade humana sem perversão?

Pensemos, por exemplo, no reino animal. Nele, só o homem é realmente perverso, de forma que

que era, para ela, uma mulher emancipada.” Isso afirmaria ainda mais a impossibilidade da existência de *Justine* na mulher contemporânea. Dessa forma, haveria um impasse, pois *Justine* não era uma contratualista, não pedia para apanhar, seu gozo vinha justamente em ser contrariada. *Justine* não negava, não denegava, ela transgredia. A mulher contemporânea é a mulher do autocontrole, até quando ela deseja se perder ela só o faz enquanto um risco controlado, já *Justine* vive suas experiências na beira do abismo.

⁴⁴ Segundo Bastos (2010: 13-6) “Homens não são violentos por serem *também* animais. Homens são violentos por serem tão-somente humanos. Desde a autora do Ocidente, o homem é concebido como um ser esquizofrênico. De um lado, ele é considerado um animal entre outros animais. Tem instintos, sente fome, busca o prazer, evita a dor, nasce, reproduz-se e morre. Isso tudo qualquer animal experimente. Por outro lado, ser humano é ser divino. Sua racionalidade o faz sair do cativeiro das determinações impulsivas de sua animalidade e o faz assemelhar-se aos deuses. [...] O problema é que a relação entre animalidade e racionalidade sempre foi concebida como uma tensão entre elementos antagônicos. Por isso, sempre houve o perigo de a besta no homem tornar inumano o próprio homem. [...] Ah, se o homem pudesse não ser animal! Porém, se o homem é violento por ser uma mescla de animalidade demoníaca e divindade racional, por que é que os animais ‘não-humanos’ não conhecem o que chamamos de violência? A história da humanidade e a história da crueldade sempre andaram de mãos atadas. Sofrer e fazer sofrer deliberadamente tem sido parte do combustível estruturador do processo histórico ocidental. Dos persas ao romanos, a crucificação foi uma das grandes diversões populares. As arenas iluminadas por piras humanas tornaram-se comuns no início da era cristã. Se os imperadores romanos antipatassem com os cristãos, suas vidas eram destroçadas pelos leões, servindo de entretenimento popular e generosidade dos governantes para a distração do povo. Porém, ao assumir as rédeas das sociedades ocidentais, o cristianismo, outrora vítima, tornou-se algoz, impondo a crueldade das penas inquisitoriais. Se o Cristo disse: ‘eu vos deixo a paz’ (Jó 14,27), o cristianismo medieval dizia: ‘Eu voz faço a guerra’. Não satisfeitos com as punições eclesiásticas, havia grande gozo com as dores que acompanhavam as técnicas de ascese.” ⁴⁵ Para Freud, o desprazer está ligado ao aumento das tensões, das excitações, enquanto o prazer está ligado à diminuição dessas tensões. Portanto, o princípio do prazer tem como objetivo evitar as excitações exteriores e escoar as excitações interiores, nesse processo ele trabalha junto ao princípio de realidade, que transforma a energia livre (uma espécie de energia primária, que se escoia de maneira rápida) em energia ligada (uma energia secundária, que tem seu movimento de descarga retardado ou controlado). Ambos os princípios estão ligados ao princípio de constância, princípio base da teoria econômica de Freud, que seria uma tendência do aparelho psíquico de manter a “nível tão baixo ou, pelo menos, tão constante quanto possível a quantidade de excitação que contém.” (LAPLANCHE, 1992: 355). Apesar de o princípio de constância estar estritamente relacionado com o princípio de prazer, o “princípio de prazer se acha antes em oposição à manutenção da constância, quer porque corresponde ao livre escoamento de energia enquanto a constância corresponde a uma ligação dela, quer porque em última análise Freud indaga se o princípio do prazer não estará à serviço da pulsão de morte” (LAPLANCHE, 1992: 366).

Nenhuma ciência, com efeitos, salvo se for perversa, poderá provar a existência de qualquer perversão no reino animal. Os animais não conhecem nem a Lei nem a transgressão da Lei, não são fetichistas, nem zoófilos, nem sádicos, nem masoquistas, nem voyeuristas, nem exibicionistas, nem capazes de sublimação. [...] A crueldade do animal não se aparenta à dos homens, uma vez que é instintiva e nunca assimilável a um gozo qualquer da crueldade. Como apontava muito bem George Bataille, o crime é tão ausente do reino animal quanto o erotismo (ROUDINESCO, 2008: 176-7).

A perversão não só “está presente, decerto em diversos graus, em todas as formas de sexualidade humana” (ROUDINESCO, 2008: 12), como na verdade é uma de nossas particularidades, e por mais estremecidos de estranhamento que possamos estar ao nominar um ato perverso de monstruoso, ao contrário, “Os mais diferentes e insólitos tipos de satisfação estão presentes em todos nós, de forma atenuada, disfarçada ou restrita. [...] Os perversos não são extra-humanos, mas demasiadamente humanos” (DUNKER: 2012). A perversão é, antes de qualquer coisa, uma exclusividade nossa, pois,

Sejam sublimes quando se voltam para a arte, a criação ou a mística, sejam abjetos quando se entregam às suas pulsões assassinas, os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos. (ROUDINESCO, 2008: 13)

O desmedido é o que nos tira do lugar comum e, com sua força de potência, nos convida a contar sua história, afinal “Quanto maior a beleza, maior a ignomínia” (BATAILLE, 1987: 95).

Nossa doce *Justine*, que apesar de aparentar ser uma moça ponderada, sensata, tem como principal característica, justamente, o excesso. *Justine* não é apenas religiosa, ela é um poço de servidão. Ela não só tem boa fé nos homens, ela entrega sua carne como testemunha de sua crença. Ela não é apenas a mais pudica das moças da França de seu tempo, ela é quem sangra brutalmente de candura. Em *Justine*, a virtude é visceral.

Para além do excesso, sua perversão está ligada também ao desvio, *Justine* toma um lugar incomum como o seu lugar.

Para Freud, o princípio do prazer é um dos princípios que regem o funcionamento mental, ele é um princípio econômico, ou seja, se refere à hipótese de que os processos psíquicos estejam ligados à quantificação, suscetível de aumento,

diminuição e equivalências. No princípio de prazer, sua economia funciona primeiramente no sentido de evitar o desprazer e procurar o prazer. Quando alguém inverte esse roteiro, buscando o “desprazer” ao invés do prazer⁴⁵, ou seja, criando um desvio, Freud perturba-se, entendendo aí, primeiramente, um defeito de ordem mental,

A existência de uma tendência masoquista na vida instintual dos seres humanos pode corretamente ser descrita como misteriosa desde o ponto de vista econômico. Pois se os processos mentais são governados pelo princípio de prazer de modo tal que o seu primeiro objetivo é a evitação do desprazer e a obtenção do prazer, o masoquismo é incompreensível. Se o sofrimento e o desprazer podem não ser simplesmente advertências, mas, em realidade, objetivos, o princípio de prazer é paralisado — é como se o vigia de nossa vida mental fosse colocado fora de ação por uma droga. (FREUD, 1924: n.p).

Contudo, essa seria uma forma muito limitada de compreender o prazer, o próprio Freud conseguia ver nessa configuração apenas o sadismo, mas não encontrava espaço para o masoquismo⁴⁶. A partir disso, ele percebeu que o “problema do masoquismo” não era apenas econômico, passando a entender a relação entre prazer e desprazer não mais referentes apenas à quantidade, mas também à relação entre as pulsões de vida e de morte. Como resultado criou a ideia de um *Além do princípio do prazer*.

Deve-se, contudo, apontar que, estritamente falando, é incorreto falar na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo. O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe na mente uma forte *tendência* no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer (FREUD, s.d: 2).

⁴⁵ Para Freud, o desprazer está ligado ao aumento das tensões, das excitações, enquanto o prazer está ligado à diminuição dessas tensões. Portanto, o princípio do prazer tem como objetivo evitar as excitações exteriores e escoar as excitações interiores, nesse processo ele trabalha junto ao princípio de realidade, que transforma a energia livre (uma espécie de energia primária, que se escoar de maneira rápida) em energia ligada (uma energia secundária, que tem seu movimento de descarga retardado ou controlado). Ambos os princípios estão ligados ao princípio de constância, princípio base da teoria econômica de Freud, que seria uma tendência do aparelho psíquico de manter a “nível tão baixo ou, pelo menos, tão constante quanto possível a quantidade de excitação que contém.” (LAPLANCHE, 1992: 355). Apesar de o princípio de constância estar estritamente relacionado com o princípio de prazer, o “princípio de prazer se acha antes em oposição à manutenção da constância, quer porque corresponde ao livre escoamento de energia enquanto a constância corresponde a uma ligação dela, quer porque em última análise Freud indaga se o princípio do prazer não estará à serviço da pulsão de morte” (LAPLANCHE, 1992: 366).

⁴⁶ No sadismo se entende que o objetivo era fazer o outro sofrer para obter prazer, portanto, o prazer ainda é o objetivo, já no masoquismo, Freud via que o objetivo era o desprazer, a dor, o sofrimento, portanto, a busca do prazer não caberia nesse exemplo.

Freud não excluiu o princípio do prazer do *hall* de princípios que governam as estruturas mentais, esse princípio continua sendo soberano, mas admitiu que ele, por si só, não daria conta, havendo coisas além desse princípio, e

por 'além', Freud não compreende absolutamente exceções ao princípio de prazer. Todas as exceções aparentes que ele cita - os desprazeres e desvios que a realidade nos impõe, os conflitos que fazem o que é prazer para alguns de nós ser desprazer para outros [...] - todas as exceções são citadas como aparentes e realmente conciliáveis com o princípio de prazer. Ou seja, não há exceção ao princípio de prazer, embora haja singulares complicações do prazer propriamente. É justamente onde começa o problema; pois se nada contradiz o princípio de prazer e se tudo com ele se concilia, isso não quer dizer que ele dê conta desses elementos e processos que complicam sua aplicação. Se tudo entra na legalidade do princípio do prazer, isso não quer dizer que da mesma forma tudo saia dele. [...] deve-se dizer que o princípio de prazer reina sobre tudo, mas não governa tudo. Não há exceção ao princípio, mas há um resíduo irreduzível ao princípio; nada é contrário ao princípio, mas há algo exterior e heterogêneo em relação a ele - um além... (DELEUZE, 2009: 110).

É nesse além que temos nossa heroína *Justine*, que gozava ao ser violentada, que alcançava o prazer através da dor, da humilhação. Seria então *Justine* uma masoquista?

Para responder tal questão torna-se necessário entender o que é o sadismo e o que é o masoquismo. E nesse processo de distinção é que se encontra o debate do filósofo francês Gilles Deleuze que, ao contrário de Freud, compreende as questões acerca do sadismo e masoquismo de maneira mais filosófica do que clínica, partindo da obra literária de cada autor, já que foi “[...] preciso recomeçar tudo, e recomeçar pelas leituras de Sade e de Masoch. Sendo o julgamento clínico cheio de preconceitos, devemos recomeçar tudo, e de um ponto de vista situado fora da clínica, o ponto literário [...]” (DELEUZE, 2009: 14). Para tanto, Deleuze mergulha neste universo que parecia até pouco tempo ser composto de unidade para separá-los. Com Deleuze, o que era até então entendido como o casal sadomasoquista se divorcia, ou melhor, destroem-se as possibilidades do relacionamento entre eles. Em *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*, o filósofo finda a unidade sadomasoquista a fim de resgatar a obra injustiçada do

escritor Masoch⁴⁷, que é conhecido pelo público apenas como o reviramento do sadismo. Para Deleuze, há muitos leitores de Sade, e a maioria deles acreditam ser desnecessário ler Masoch, posto que, lido a obra sadiana, o contrário seria a obra de Masoch.

Mas, ao contrário do que se possa imaginar, sadismo e masoquismo pertencem a mundos completamente diferentes, não são necessariamente opostos, mas também não são complementares. Em ambos os universos, a linguagem desempenha papel fundamental, sendo a sensualidade de cada um construída através dela, e a narrativa a responsável por fazer de um toque um ato de erotismo, de uma imagem aparentemente simples, algo deleitável, da voz, um ato de violência.

Em Sade, a linguagem serve como **demonstração**, por meio dela, o libertino demonstra à vítima seus princípios, seus argumentos⁴⁸, descreve a ela todos os fundamentos de seus pensamentos. Entre um ato e outro de sexo,

Ouve-se um libertino ler um rigoroso panfleto, desenvolver teorias inesgotáveis, elaborar uma Constituição. Ou então ele se põe a conversar, discutir com a vítima. Momentos assim são frequentes, sobretudo em *Justine*: cada um dos algozes toma-a como ouvinte e confidente (DELEUZE, 2009: 20-1).

Justine, ao sair do convento, tem imediatamente provas da crueldade da Providência, ao pedir emprego, pedir abrigo, as portas lhe são duramente fechadas. A cada homem ou mulher que encontra em seu caminho, descreve seu infortúnio com a intenção de despertar-lhes no coração alguma compaixão. Contudo, como resposta lhe são entregues apenas argumentos muito bem estruturados de almas gélidas formadas pela corrupção e libertinagem. Todos os seus algozes lhe demonstram seus preciosos raciocínios.

Após receber informações de que o senhor *Dubourg* - um dos arrecadadores mais ricos da capital - poderia empregá-la, *Justine* vai até a casa dele oferecer-lhe seus serviços. À sua oferta *Dubourg* responde demonstrando a menina como a vida é, afirmando “[...] que o Céu é a coisa que menos interessa no mundo; [...] [que] nós o afrontamos diariamente sem estremecer e nossas paixões só têm verdadeiro charme quando mais transgridem suas intenções [...]” (SADE, 2009: 35). Como resposta a seu pedido de emprego, além de argumentos, *Justine* recebe o entusiasmo de *Dubourg*

⁴⁷ Inicialmente Masoch era professor de história, e começou sua carreira literária escrevendo romances históricos, sendo *A mulher divorciada* (1870) um de seus primeiros romances do gênero.

⁴⁸ Levando-as ao crivo do corpo, e demonstra que ao corpo, nada sobrevive.

em saciar seus desejos com ela que, aterrorizada, consegue fugir. Depois disso, a virgem *Justine* vai servir na casa de um usurário e sua esposa que atendem pelo sobrenome de *Du Harpin*. Dessa vez, *Justine* sai acusada e presa por roubo. Na cadeia, onde esperava sua sentença, *Justine* conhece *Dubois*, uma senhora de quarenta anos, que convida *Justine* a participar de seu plano de fuga. Entre meia-noite e uma hora da madrugada, *Dubois* coloca fogo na prisão, deixando dez vítimas do incêndio para trás. Juntas, a virtuosa e a celerada fogem e dentre tantos algozes de *Justine*, *Dubois* foi a única que quase lhe persuadiu. Em sua extensa demonstração, *Dubois* dizia à menina que

[...] se tenho um conselho para te dar, é o de renunciare a práticas de virtude que, como vês, nunca deram certo; um escrúpulo fora de lugar conduziu-te ao pé do cadafalso, um crime pavoroso, salta-te dele; olha para que serve o bem no mundo e se vale a pena se imolar por ele. [...] creia-me, deixa para lá a justiça celeste, teus castigos ou tuas recompensas futuras, tudo isso só serve para se esquecer quando se sai da escola ou para fazer morrer de fome quando se comete a estupidez de acreditar nisso quando já se saiu para sempre (SADE, 2009: 46).

E quase convencida com a demonstração de *Dubois*, *Justine* confessa que “[...] se algum dia eu me abalei foi com as seduções dessa mulher astuta, mas uma voz mais forte do que ela combatia seus sofismas em meu coração; [...] e declarei pela última vez que estava decidida a jamais me deixar corromper” (SADE, 2009: 47), afinal não podemos nos esquecer de que *Justine* é um poço de virtude. Contudo, para o quadro que compõe o sadismo, pouco importa se *Justine* acolhe ou não os conselhos de *Dubois*. A demonstração, como função superior de linguagem, só tem na aparência a função de convencer sua vítima, “Porém, nada está mais distante do sádico do que a intenção de persuadir ou convencer, ou seja, qualquer intenção pedagógica⁴⁹. É de outra coisa que se trata: de mostrar que o próprio raciocínio é uma violência” (DELEUZE, 2009: 20). A demonstração é feita em solidão, não é para convencer que o libertino demonstra, mas para “negar”. Para Bataille, a linguagem sadeana “É uma linguagem que desmente a relação daquele que fala com aqueles a quem se dirige” (apud DELEUZE, 2009: 21), ou seja, o libertino fala com o outro, mas para si, expressão de força, ato de violência. E ao exercer a função demonstrativa, Sade usa e abusa das descrições obscenas. Em seus romances são retratados com ricos detalhes os lugares e as formas onde os membros

⁴⁹ Mesmo quando o libertino realiza uma obra professoral, como em *A filosofia na Alcova*, o interesse não é persuadir, ensinar, é demonstrar seu pensamento, sua violência, sua força.

são postos, Sade descreve com prazer o destino de cada esperma jorrado nas cenas libidinosas. A partir de um quadro obsceno se constrói a demonstração sadeana, que falando para si, e contra o mundo, entra em um processo de negação.

Já em Masoch, a linguagem não tem a função de demonstração, nele, ela é uma força **dialética**, ou seja, é essencial ao masoquismo o diálogo entre a vítima e seu carrasco. “Não estamos mais diante de um carrasco que se apodera da vítima e goza à custa dela, com um prazer inversamente proporcional ao seu consentimento e ao quanto ela é persuadida” (DELEUZE, 2009: 23). No universo masoquista procura-se uma mulher para educá-la, para formar uma déspota⁵⁰. É preciso antes de tudo, persuadir a mulher a assinar um dos elementos mais importantes do masoquismo, o **contrato**. “Estamos diante de uma vítima em busca de um carrasco e que precisa formá-lo, persuadi-lo e a ele se aliar para a mais estranha empreitada” (DELEUZE, 2009: 23). O contrato é uma condição necessária para o estabelecimento da relação masoquista, ele que estabelece as leis, de forma que

Mesmo a escravidão apoia-se num pacto. Só nas aparências o masoquista está preso por correntes e amarras; é sua palavra que o prende. O contrato masoquista não exprime apenas a necessidade do consentimento da vítima, mas o dom da persuasão, o esforço pedagógico e jurídico com que a vítima adentra o carrasco (DELEUZE, 2009: 76).

Já Sade tem a lei como inimiga, sendo contra os contratos, contra os pactos, entendendo que elas servem para moralizar a vida. Para Sade, melhor seriam as instituições de moto-contínuo, com o mínimo possível de leis, anárquicas, em constante conflito, num vir-a-ser⁵¹. E se “A possessão é a loucura própria do sadismo; o pacto, [é] a do masoquismo” (DELEUZE, 2009: 23). É preciso, portanto, persuadir a mulher do masoquismo a assinar o contrato, e daí educá-la. Mas, essa mulher não pode ser realmente sádica⁵², ela tem de torna-se uma carrasca, “Do corpo à obra de arte, da obra de arte às Ideias, há toda uma ascensão que se faz à base de chicotadas” (DELEUZE, 2009: 24). Em Masoch, é a vítima quem escolhe e quem fala através de seus carrascos.

⁵⁰ Esta mulher é escolhida com rigor, pois deve ter algo específico pelo qual o masoquista se interessa em despertar e expandir.

⁵¹ Nietzsche aproxima-se dessa concepção de mundo, em que devemos nos superar a cada dia, em que a vida seria vista como um eterno conflito, repleta de devir.

⁵² Deleuze afirma que a primeira esposa de Masoch, a “Wanda Sacher-Masoch erradamente se espantou ao ver que Sacher-Masoch não se interessava por uma amiga sádica; e os críticos, de modo inverso, erram achando que Wanda mente ao se descrever, não sem malícia e certa inabilidade, atribuindo-se uma imagem vagamente inocente” (DELEUZE, 2009: 42), queriam-na sádica.

Aliás, o faz com muito pudor. Não que a obscenidade não possa estar presente na dialética masoquista, mas ela não lhe é uma característica essencial.

Masoch pode apresentar em tons cor-de-rosa uma grande parte de sua obra⁵³, justificando o masoquismo pelas mais diversas motivações ou por exigências de situações fatais e dilacerantes. (Sade, pelo contrário, não engana ninguém quando tenta esse procedimento.) Por esse motivo, Masoch não foi um autor maldito, mas festejado e homenageado. [...] Negras ou cor-de-rosa, as descrições, entretanto, nunca deixam de ser marcadas pela decência. O corpo da mulher-carrasco mantém-se coberto de peles [...] (DELEUZE, 2009: 27).

Em *Justine* a obscenidade está presente, pois é um elemento romanesco essencial a Sade, porém, aparece parafraseada pela voz de uma vítima, pela voz de uma cândida moça. Vocábulo como bunda, boceta, cu, enrabar e foder são excluídos da história de *Justine*, no máximo eles escapam na voz de seus carrascos. Eis uma obra de muito pudor; engraçado ter sido ela tão cara a Sade e tão condenada pelo século XVIII, “A tal ponto que Rousseau afirmou: ‘uma jovem que vier a ler uma só página deste romance estará perdida’. Que poder!” (BLANCHOT, apud GIANNATTASIO, 2012: 102).

Nossa heroína passa por metade do romance sem ser deflorada, é espancada, presa, marcada em brasas, passa fome, mas, só é estuprada ao chegar a um convento “ocupado por quatro solitários que ninguém igualava na religião, continência e sobriedade” (SADE, 2009: 92). Trata-se dos sádicos padres *Raphael, Clément, Antonin e Jérôme*, que mantinham algumas moças presas no convento a fim de servirem à suas lascívias desenfreadas. E depois de páginas e páginas de servidão, de fé e honestidade inabaláveis, depois de ter conseguido fugir virgem das mais funestas situações, é justamente em um convento que *Justine* é deflorada, e quanto a este momento ela descreve:

⁵³ Deleuze afirma que “Em inúmeras das suas novelas, foi fácil para Masoch fazer com que as fantasias masoquistas passassem por costumes nacionais e folclóricos, ou brincadeiras inocentes de crianças, ou jogo de linguagem de mulheres que amam, ou ainda exigências morais patrióticas. Seguindo um velho costume, no calor de um banquete, homens bebem nos sapatos das mulheres (‘A pantufa de Safo’); mocinhas pedem a seus apaixonados que se fantasiem de urso ou de cachorro e se deixem atrelar a uma carrocinha (A pescadora de almas); [...] de forma mais séria e para salvar a sua cidade, uma patriota entrega aos turcos o próprio marido como escravo e a si mesma ao paxá (A Judith de Bialopol)” (DELEUZE, 2009: 26-7).

Forma-se ali imediatamente um círculo, colocam-me no meio, e ali, durante mais de duas horas, eu sou examinada, considerada, apalpada por esses quatro libertinos [...] E o patife, havendo me colocado sobre um sofá na atitude apropriada para seus prazeres execráveis, fazendo-me segurar por *Antonin* e *Clément*... *Raphael*, italiano, monge e depravado, satisfazia-se vergonhosamente sem me fazer deixar de ser virgem. Ó cúmulo do desvario! [...] Ele me faz ajoelhar [*Clément*], e colocando-se a mim nesta postura, suas pérfidas paixões se exercem num lugar que me impede, durante o sacrifício, de poder me queixar de sua irregularidade. *Jérome* vem em seguida, seu templo era o mesmo de *Raphael* [...] (SADE, 2009: 102-3).

Esse momento poderia ser pintado com horror, com sabores, mas, ao contrário, *Justine* faz da obscenidade de uma cena de estupro algo oculto. Os sentimentos, os cheiros que são imanentes a essa cena, ficam guardados apenas para ela, fazem parte de seu segredo⁵⁴.

Já aos seus carrascos, os personagens sádicos, a intenção é outra, o que está em jogo é a realidade, é negar o real. Na base do pensamento sadeano está a ideia de **negação**⁵⁵. Segundo Deleuze (2009: 28), é preciso separar o “**negativo** como processo parcial e **negação** pura como Ideia totalizante”. Em Sade, essas instâncias estão ligadas a naturezas diferentes, o negativo (que só pode ser parcial) está ligado à **segunda natureza**, relativa às nossas experiências, ao vivido, em que a natureza expressa suas leis e ordens em todos os lugares - como o nascimento e a morte, que fazem parte da vida. De certa maneira, a segunda natureza é onde o homem está aprisionado. Já a **primeira natureza** é a “portadora da negação pura, acima dos reinos e das leis, [...] sem fundo além de qualquer fundo, delírio original, caos primordial feito unicamente de moléculas furiosas e dilacerantes” (DELEUZE, 2009: 28). Essa primeira natureza pertence ao mundo das ideias, apenas nela se pode conceber a ideia de destruição total, de uma negação totalizante.

Em um ‘diálogo⁵⁶ com *Sophie, Bressac* fala os planos de assassinato da mãe, a condessa de *Bressac*:

⁵⁴ Segundo Contador Borges, Octavio Paz entendia que Sade não descrevia o que sentia suas personagens vítimas, não falava do silêncio delas, porque certas habilidades como romancista lhe faltavam, para ele, Sade “era incapaz de pintar ou recriar sentimentos e sensações [faltando a Sade] [...] o essencial daquilo que caracteriza os verdadeiros romancistas: o dom poético” (BORGES, in SADE, 2009: 10). Ao contrário, acreditamos que Sade escreve com um compromisso com sua filosofia, essa hipótese será trabalhada no próximo capítulo a partir da identificação de um ‘Sade autor’.

⁵⁵ Na psicanálise, a negação é um dos mecanismos de defesa do Eu/Ego. Os mecanismos de defesa pretendem evitar o perigo, isto é, fazem parte das operações de proteção, sendo um meio de reação para manter a própria segurança. No caso, a negação é uma tentativa de não aceitar na consciência algo que lhe perturba.

⁵⁶ Lembrando, é claro, que um personagem sádico não dialoga.

Dois crimes graves se oferecem aqui a teus olhos pouco filosóficos, a destruição de seu semelhante e o mal de que essa destruição se acresce quando esse semelhante é nossa mãe. Quanto à destruição de seu semelhante, esteja certa, *Sophie*, ela é puramente quimérica, o poder de destruir não é concedido ao homem; ele tem quando muito o de variar-lhe as formas, mas não o de destruí-la; ora toda forma é igual aos olhos da natureza, nada se perde no cadinho imenso onde suas variações se executam, todas as porções de matéria que aí se jogam se renovam incessantemente sob outras figuras e quaisquer que sejam nossas ações sobre isso, nenhuma a ofende diretamente, nenhuma saberia ultrajá-la, nossas destruições reanimam seu poder, elas conservam sua energia mas nenhuma a atenua. Ora, que importa à natureza eterna criadora que essa massa de carne que hoje dá forma a uma mulher se reproduza amanhã sob a forma de mil insetos diferentes? (SADE, 2009: 64).

O crime perfeito - para os personagens sádicos - deve acontecer impessoalmente na primeira natureza, pois ao contrário dos pequenos crimes cometidos na segunda natureza, esse ecoaria eternamente. Essas duas naturezas às quais pertencem as descrições sadeanas estão relacionadas ao elemento pessoal e ao impessoal. O negativo está relacionado à segunda natureza que, através do elemento pessoal, é onde o homem vive suas experiências, já a primeira natureza representa o elemento impessoal, em uma “ideia delirante de negação” não de alguém ou algo em particular, mas as pessoas e coisas em geral, em um sentido impessoal. É nela que o sádico nega a natureza segunda e, para Deleuze, nega a ele próprio.

Em os *120 dias de Sodoma*, o libertino se declara excitado não pelos ‘objetos’ que aqui estão’. Ora, essa ideia de algo que não está, a ideia do Não ou da negação, que não é dada nem possível de ser dada na experiência, só pode ser objeto de demonstração (como o matemático fala de verdades que guardam todo seu sentido mesmo enquanto dormimos, e mesmo não existindo na natureza) (DELEUZE, 2009: 29).

Parece-me que na busca de tentar cometer seus crimes na primeira natureza é que os personagens sádicos fazem uso da repetição. Paira sobre os textos sadeanos uma monotonia, isto é, cenas muito parecidas repetem-se diversas e diversas

vezes. Há um fator quantitativo em sua obra, mas a multiplicação de vítimas não é à toa, essa repetição é como uma roda, que não deve parar de girar, e movimentando-se incessantemente amontoa vítimas, acelerando crimes, sofrimentos, prazeres, buscando alcançar a totalização, a negação pura, a primeira natureza⁵⁷. E para girar essa roda é preciso sangue-frio, ou seja, o pensamento demonstrativo sadeano deve ser conduzido com apatia, e com impessoalidade.

Sade, pelo menos nunca mostrou o vício sob forma agradável nem alegre: mostrou-se apático. Sem dúvida, dessa apatia decorre um prazer intenso, mas afinal, não é mais o prazer de um eu que participa da natureza segunda [...] é, pelo contrário, o prazer de negar a natureza em mim e fora de mim, e até mesmo de negar o próprio eu. Em poucas palavras, é um prazer de demonstração (DELEUZE, 2009: 30).

Se a negação é um dos conceitos chaves para entendimento do sadismo, no masoquismo falamos sobre **denegação**. A denegação não contesta nem tenta destruir o real, ela o suspende, cria uma forma de escapar da realidade, criando outra, fantasia. Essas duas instâncias são reações diferentes para a insuficiência do real, no caso da denegação, neutraliza-se o real para viver o ideal. Para exemplificar a denegação Freud traz o exemplo do fetiche, pois

[...] o fetiche é a imagem ou o substituto de um falo feminino, quer dizer, um meio pelo qual se denega que à mulher falta o pênis. O fetichista, por exemplo, elege como fetiche o último objeto que viu, em criança, antes de se aperceber da ausência (o sapato, por exemplo, para um olhar que sobe a partir do pé); e o retorno a esse objeto, [...] lhe permitiria manter, [...] a existência do órgão contestado. O fetiche, então, de forma alguma seria um símbolo, mas algo como um plano fixo e estático, uma imagem parada, uma fotografia a que se volta para conjurar as consequências

⁵⁷ Para melhor entender a ideia de primeira e segunda natureza, Deleuze recorreu à definição e distinção Freudiana feita em *Além do princípio de prazer* entre **instinto de morte** e **pulsões de morte** ou destruição. A pulsão de morte ou de destruição (tendência fundamental de todo ser vivo a voltar ao seu estado anorgânico) é encontrada no inconsciente de forma misturada às pulsões de vida (tendência de criar e conservar unidades vitais). Portanto, em uma pessoa, Eros e Tânatos nunca se encontram em estado puro, e “É nesse sentido que Freud pôde sustentar que não se encontra o Não (a negação pura) no inconsciente, uma vez que os contrários nele coincidem” (DELEUZE, 2009: 31). Já o instinto de morte é exatamente Tânatos em estado puro, que não pode ser encontrado nem na vida psíquica, e nem mesmo no inconsciente, apenas de maneira especulativa ou mítica. Ou seja, o instinto de morte corresponde à negação pura sadeana, ideia totalizante que só pode estar correlacionada à primeira natureza. Dessa forma “O herói sádico desponta como aquele que incube de pensar o instinto de morte (a negação pura), sob espécies demonstrativas, ele só pode fazer isso multiplicando e condensando movimentos das pulsões negativas ou destrutivas parciais” (DELEUZE, 2009: 32). Ou seja, o sádico só tem acesso à negatividade, para transformá-la ele faz uso da repetição, da monotonia para gerar um movimento que pretende alcançar a negação, a ideia totalizante.

importunas do movimento, [...] representaria aquele último momento em que ainda se podia acreditar[...] O fetichismo, assim definido pelo processo de denegação e de suspense, é parte essencial do masoquismo“ (DELEUZE, 2009: 32-3).

E se, por um lado, a monotonia sádica é essencial para a negação, para a denegação o fundamental é o **suspense**. Ao contrário dos romances de Sade, que possuem um incessante movimento, em Masoch tudo é estático, como uma obra de arte, como uma fotografia. A imaginação masoquista é formada de imagens de mulheres em poses quase como estátuas, gélidas, cruéis. Masoch não explicita a obscenidade em suas cenas, ele apenas as sugere. De forma que “O suspense estético e dramático em Masoch opõe-se à reiteração mecânica e acumuladora, tal como ela se apresenta em Sade” (DELEUZE, 2009: 36). Masoch estabelece em suas fantasias uma relação “estética e plástica”, em que as artes da pintura e da escultura são centrais, pois, para ele

As mulheres só são perturbadoras quando se confundem com estátuas frias sob o luar ou com quadros ensobreados [e assim se forma a base da fantasia masoquista, criada a partir de uma] relação mística entre a carne, as peles e o espelho. É onde se forma o vínculo entre o gelado, o cruel e o sentimental (DELEUZE, 2009: 70).

Aliás, essas são as características da mulher ideal do masoquismo; gelada, sentimental e cruel - fria, maternal e severa.

Na fantasia masoquista, as peles mantêm sua função utilitária: ‘menos por pudor do que por medo de apanhar um resfriado’... ‘Em nossos países abstratos do Norte, em nosso mundo cristão gelado, Vênus tem de se esconder num bom casaco de peles se não quiser se resfriar.’ As heroínas de Masoch frequentemente espirram. ‘Corpo de mármore’, ‘mulher de pedra’, Vênus de gelo’ são expressões favoritas de Masoch [...] (DELEUZE, 2009: 54-55).

Poderíamos citar então a apatia sádica para a frieza masoquista⁵⁸. E enquanto a apatia nega o sentimento⁵⁹, a frieza denega a sensualidade.

Essa imagem sólida da mulher-carrasco remonta ao fato de que parte do prazer masoquista está na espera, naquilo que pode acontecer, em um quadro de

⁵⁸ Com isso não estou dizendo que elas são iguais, porém são elementos diferentes, mas, que podem ser comparados em cada universo.

⁵⁹ No sadismo nega-se o sentimento em uma função de demonstração impessoal, “Trata-se de tirar prazeres de tudo o que alarma seu coração...” [pois] Todos os entusiasmos, inclusive e principalmente o do mal, estão condenados por nos ligar à natureza segunda [...]” (DELEUZE, 2009: 53).

imagens fixas, tais como “Aquele chicote ou aquela espada que não se abatem, esse casaco de peles que não se abre, esse salto do sapato que não completa a pisada [...]”(DELEUZE, 2009: 71). Aliás, no geral entende-se masoquismo através do complexo dor-prazer ou, no máximo, acrescenta-se a ele a punição e a humilhação como as características de sua fantasia. Contudo, o masoquista, assim como qualquer outra pessoa, sente prazer no prazer e dor na dor. O elemento fundamental para essa relação entre dor e prazer acontecer é a forma temporal pelo qual ela se realiza: a espera. Deleuze afirma que essa relação de espera é dividida em duas partes, em “[...] dois fluxos simultâneos, um que representa *o que se espera* e que, essencialmente tarda, sempre atrasado e sempre adiado, e outro que representa algo *que pode acontecer*, sendo também o que precipitaria a vinda do esperado” (DELEUZE, 2009: 72). Na fantasia masoquista, o prazer é *o que se espera*, e a dor é o que *pode acontecer*. O prazer está sempre atrasado, é sempre adiado, em um suspense profundo, e o que acelera a chegada desse prazer, que o precipita, que o torna possível é a dor. Com isso, conseguimos reunir algumas das principais características do masoquismo, posto que “A denegação, o suspense, a espera, o fetichismo e a fantasia formam a constelação propriamente masoquista” (DELEUZE, 2009: 73). Para elucidar essa relação temporal de espera entre o que se espera e o que pode acontecer, Deleuze mostra o fetiche como o objeto da fantasia, criando a seguinte imagem,

Imaginemos uma fantasia masoquista: uma mulher de short está numa bicicleta fixa, pedalando vigorosamente; o sujeito está deitado sob a bicicleta, sendo quase atingido pelos pedais vertiginosos, com as palmas das mãos colocadas às panturrilhas da mulher. Todas as determinações estão aí reunidas, desde o fetichismo da panturrilha até a dupla espera representada pelo movimento dos pedais e a imobilidade da bicicleta. (DELEUZE, 2009: 73).

A força da fantasia masoquista está em “sua lentidão de espera, sua força de suspensão ou congelamento [...]” (DELEUZE, 2009: 74-5). Opostamente, a sensualidade sádica é movimento, não há espaços para os sonhos, toda devassidão deve ser vivida e não denegada e suspendida. Em Sade, o movimento é tão intenso, tão violento, é tão urgente a necessidade de sentir que a arte não dá conta. Em *Juliette* ele explica:

Ah, como seria necessária a presença aqui de um artista gravador que transmitisse à posteridade esse voluptuoso e divino quadro! Mas a luxúria coroa rápido demais nossos participantes, e provavelmente não

haveria tempo para o artista apreendê-la. Não é fácil para a arte, que não tem movimento, realizar uma ação que tem no movimento toda a sua alma (SADE, apud DELEUZE, 2009: 70).

Ao descrever as qualidades de seus lindos traços, Sade afirma que *Justine* era uma “caçula encantadora cujas graças ingênuas e os traços deliciosos eram de um toque fino demais e delicado demais, impossíveis de serem captados pelo pincel que os quisesse retratar” (SADE, 2009: 22). Portanto, a arte não consegue acompanhar a força necessária a Sade para exprimir sua obscenidade e alcançar a negação. Uma imagem pintada de uma cena libidinosa seria uma interrupção na roda repetitiva sadeana, e o sádico tem urgência em se projetar para o mundo. O que nos permite retomar a relação entre dor e prazer, apontando que “Essa maneira de associação do prazer e da dor [masoquista] só pode ser obtida sob certas condições (a forma de esperar). A outra [sádica], sob outras condições (a forma da projeção)” (DELEUZE, 2009: 75).

Mas, mesmo postas todas essas questões, ainda não se pode explicar como alguém pode ter prazer no sofrimento, como uma moça pode gozar ao ser ultrajada. Para chegar a tal questão, é necessário retomar a ideia freudiana de que não há exceções, apenas um *Além do princípio de prazer*. Segundo Deleuze, Freud aponta que “Naturalmente há na vida psíquica prazeres e dores, mas num ou noutro lugar, em estado livre, esparso, flutuante, ‘não ligado’” (DELEUZE, 2009: 111), ou seja, prazer e dor não estão relacionados “naturalmente”.⁶⁰ Para que isso aconteça é preciso que haja uma ligação. De maneira simplória, poderíamos dizer que é como se em um primeiro momento – como na infância -, alguém passou por uma situação de violência, de humilhação, de castigo e viu-se de alguma forma excitado e/ou sentiu prazer. Nessa configuração criou-se uma ligação entre a violência e o prazer, entre Eros e Tânatos. Não que a pessoa tivesse deixado de sentir dor na violência, ao contrário, dói da mesma forma que dói em qualquer outra pessoa, contudo, essa dor fez uma ligação com algo que estava por vir, o prazer. A partir disso, podemos dizer que a ligação é a repetição de uma experiência traumática. Dessa forma, o masoquista, quando faz essa ligação, quando executa a repetição, ou seja, repete determinada situação de dor⁶¹, de sofrimento etc.,

⁶⁰ Contudo, pensemos na fome, na sede. Em nenhum outro momento nos é tão prazeroso tomar um copo de água como quando dolorosamente pede-nos água nossa garganta.

⁶¹ O que pode acontecer.

ainda está em busca do prazer⁶², a dor está ainda subordinada ao Princípio de prazer. Isso pode inicialmente trazer um caráter de ponte à dor, em uma fórmula simples em que o prazer seria o objetivo e a dor o veículo para se alcançá-lo, simplesmente. Contudo, faz-se necessário trazer a noção de tempo posta por Deleuze a esse argumento criado por Freud,

Deve-se compreender que a repetição, tal como Freud a concebe nesses textos geniais, é em si mesma síntese do tempo, síntese ‘transcendental’ do tempo. Ela é simultaneamente repetição do antes, do durante e do depois. Constitui no tempo o passado, o presente e até mesmo o futuro. Ao mesmo tempo, o presente, o passado, e o futuro se constituem no tempo, apesar de haver entre eles uma diferença qualitativa de natureza, com o passado sucedendo ao presente e o presente, ao futuro (DELEUZE, 2009: 113).

Depois de feita a ligação, a relação entre dor e prazer perdeu-se na noção do tempo. A dor não pode ser entendida com uma ponte, como um primeiro ato, em prol ao segundo, sequencialmente, cronologicamente, pois é como se a dor presente e o prazer futuro se unissem em uma só instância, através da repetição. Eros e Tânatos seguem misturados, mas de forma que “Nem Eros nem Tânatos podem ser dados ou vividos. Apenas são dadas, na experiência, combinação dos dois – sendo o papel de Eros ligar a energia de Tânatos e submeter essas combinações ao princípio de prazer no isso⁶³” (DELEUZE, 2009: 113-114). A questão no masoquismo é que se chega ao momento em que a repetição torna-se independente, que, ao ser feita, ela traz consigo essa união do tempo. Muda-se a relação “repetição-prazer”, e a repetição liquefaz a ligação em um único tempo, de modo que

Em vez de viver a repetição como uma conduta a se ter como um prazer obtido ou a se obter, em vez de a repetição ser comandada pela ideia de se encontrar ou obter um prazer, a repetição se desencadeia, independente de qualquer prazer prévio. Ela é que se tornou ideia, ideal. E é o prazer que se torna conduta com relação à repetição, passando a acompanhá-la e segui-la como terrível força independente. O prazer e a repetição então inverteram os seus papéis [...] (DELEUZE, 2009: 118).

O prazer deixa de ser a motivação, ele é renunciado, denegado, voltando como “recompensa ou resultado”. A denegação cria uma nova realidade na qual o prazer

⁶² O que se espera.

⁶³ Isso, também conhecido como ID, é uma das três instâncias do aparelho psíquico diferenciadas por Freud, sendo a nossa parte mais primitiva, que desconhece os julgamentos de valores, o bem e o mal, a moralidade.

torna-se parte imanente da repetição. Mas, para que a repetição torne-se um ideal, ela deve ter passado por um processo de **dessexualização**, para depois voltar ressexualizada. Para conduzir uma cena de sadismo ou masoquismo, em que se ativa a ligação através da repetição, causando a dor⁶⁴, é preciso frieza, (seja ela a apatia sádica teorizada, ou o ideal masoquista fantasiado) para criar uma estrutura na qual haja espaço para **ressexualização** e seus prazeres.

Quando a repetição vira o ideal (apenas a dor, os castigos), dá-se a impressão de que Tânatos está em estado puro, de que ele é o instinto supremo, de que “o instinto de morte ia falar”, o que seria contrário à ideia freudiana de que o princípio do prazer seja o maior dos princípios. Entretanto, a repetição faz-se possível através dessa relação particular com o tempo, e também dentro de um processo de dessexualização e ressexualização (encontrado na apatia sádica e na frieza masoquista), portanto, o prazer ainda está ali, Eros está fundido na repetição, ligado a ele, sendo, portanto, “[...] ainda o princípio de prazer que mantém a palavra”.

Isso nos remete ao fato de que

Quanto ao embasamento da dor, por parte do sadismo e do masoquismo, não podemos compreendê-lo de verdade enquanto o considerarmos em si mesmo: a dor não tem absolutamente um sentido sexual, mas representa, pelo contrário, a dessexualização que torna a repetição autônoma e lhe subordina in loco os prazeres da ressexualização. Dessexualiza-se e mortifica-se Eros, para melhor ressexualizar Tânatos. (DELEUZE, 2009: 119)

Se, no início desse capítulo, ainda era possível compreender a relação entre sadismo e masoquismo com a dor de maneira direta e simples, o mesmo não pode mais ser feito depois de tudo que foi apresentado.

Justine foi criada em um convento onde sofrimento, redenção e prazer mantêm laços estreitos. Entre os instintos de uma doce menina e a crueldade das punições das freiras, desenvolveu-se a sexualidade de *Justine*. Entre um suplício e outro, a imagem do Cristo sofredor, entre castigos e sacrifícios ia se formando o desejo e a força que lhe conduziria a todos os infortúnios.

—Oh, meu Deus – eu exclamava. – Vós o haveis querido, era Vossa vontade que o inocente se tornasse uma vez mais a presa do culpado.

⁶⁴ No sádico a dor ao outro, no masoquista a dor a si mesmo.

Disponde de mim, Senhor, eu estou ainda muito longe dos sofrimentos que haveis sofrido por nós. Possam os que eu sofro em Vos adorando me tornar digna um dia das recompensas que prometeis ao fraco quando ele Vos tem sempre por objeto em suas tribulações e que ele Vos glorifique em suas penas! (SADE, 2009: 79-81)

Foi provavelmente no convento, com ajuda das irmãs e das outras pequenas virgens, que *Justine* fez sua **ligação**. A repetição foi criando em *Justine* continuamente dessexualização e ressexualização. Podemos perceber que os sofrimentos que nossa pobre heroína sofre ao longo do romance em grande parte não são sexuais, aliás, *Justine* só é violentada sexualmente após muito ter caminhado no infortúnio. Mas isso não faz com que a menina deixe de sentir prazer em cada ato perverso da Providência, ao ponto de afirmar que “[...] quaisquer que possam ser os espinhos da virtude, eu os preferirei sempre aos falsos vislumbres de prosperidade, perigosos favores que acompanham um instante de crime” (SADE, 2009: 45). É a ligação - que tem como um de seus elementos o processo de dessexualização e ressexualização - que fazem dos caminhos tortos de *Justine* algo irresistível, de forma a confessar que “Por mais que tentasse me defender desses sentimentos de comiseração, por mais cruelmente que viesse a ser punida por eles, não pude resistir a me entregar de novo a eles” (SADE, 2009: 139).

Agora, nos é possível esclarecer melhor a relação entre dor e prazer,

Não há vínculos misteriosos entre dor e prazer. O mistério está em outro lugar. Está no processo de dessexualização que junta a repetição ao oposto do prazer, e, em seguida, no processo de ressexualização que age como se o prazer da repetição procedesse da dor. No sadismo, como no masoquismo, a relação com a dor é um efeito (DELEUZE, 2009: 119).

Além de estabelecerem relações (de diferentes formas) entre prazer e dor, sadismo e o masoquismo mantêm uma relação de complementariedade, porém muito distante do que a primeira vista se possa imaginar. Dentro da fantasia masoquista há a mulher-carrasco, que prazerosamente faz o outro sofrer, porém, não como uma sádica. A mulher-carrasco pertence inteiramente ao universo masoquista, sendo, portanto, um elemento sádico do masoquismo. Essa mulher não possui todas as características de um sádico, ela, por exemplo, não vê o mundo a partir da negação totalizante e não usa da força da linguagem obscena e demonstrativa, ao contrário, ela é persuadida pelo masoquista a entrar em seu mundo e participar como um elemento

necessário e próprio do masoquismo. A mulher-carrasco possui um “sadismo que nunca se encontra no sádico, e que funciona como o duplo ou o reflexo do masoquismo” (DELEUZE, 2009: 42). Da mesma forma, há no sadismo um elemento masoquisante, isto é, as vítimas do sádico-sujeito são as masoquistas-elementos, algo inteiramente dentro do sadismo. A vítima do sadismo não pode ser masoquista,

[...] não apenas porque o libertino fica despeitado se ela tiver prazer, mas porque a vítima do sádico pertence inteiramente ao sadismo, integra a situação e estranhamente se coloca como o duplo do carrasco sádico (prova disso, em Sade, os dois grandes livros que se autorrefletem, e em que a corrompida e a virtuosa, *Juliette* e *Justine*, são irmãs) (DELEUZE, 2009: 42-43).

São, portanto, universos diferentes que não se cruzam, pois “Cada sujeito de determinada perversão precisa do ‘elemento’ da mesma perversão, e não de um sujeito de outra perversão (DELEUZE, 2009: 43).” Há, desse modo, os sujeitos e os elementos; sendo que o masoquista-elemento está para o sujeito-sádico da mesma forma que o sádico-elemento está para o masoquista-sujeito, ambos configurados e pertencentes a seus universos.

É apenas a partir desses elementos postos que podemos responder à pergunta que guia esse capítulo: *Justine* é uma masoquista?

Antes de qualquer coisa, *Justine* não pode ser masoquista, sendo ela uma criação de Sade, ela pertence unicamente ao universo sadeano e, principalmente, ela pertence ao sadismo. Não podendo ser de outra forma, os elementos romanescos pelos quais *Justine* conta sua história são os elementos que compõem o romance sadeano e, apesar dela ser um elemento masoquisante, não há ligação direta com Masoch. Sua história está cheia de demonstração, de negação, de repetição, de movimento, como bem mostram seus muitos e sequenciais infortúnios, mas ela carrega uma carga própria, além da estrutura tipicamente sádica, porém dentro dela.

Durante a construção desse capítulo e a percepção de *Justine* como um elemento masoquisante do universo sadeano, fizeram-se perceptíveis algumas características da estrutura do sadismo em sua história, posto que ela seja um personagem que compõe esse universo e é composta por ele, da mesma forma, ser uma masoquista-elemento trouxe algumas das configurações do universo do masoquismo para a compreensão da formação desse personagem, sendo a relação entre dor, prazer e

tempo, a ligação e a repetição, bem como a dessexualização e ressexualização, essenciais em *Justine*. Mas, outra questão perpassou esse texto sem ser respondida – não sem intenção –, é ela a dúvida se em *Justine* o papel das descrições é o de negação ou de denegação. Tendo mudado de hipótese algumas vezes ao longo do processo, por ora, a resposta é que em *Justine* o papel das descrições é o de transgressão.

Para compreendermos essa hipótese, é preciso mergulhar no universo em que transita *Justine*. Temos que recorrer à ideia de que a fundamentação da lei é dada a partir de um princípio de distinção entre o que é certo e o que é errado, entre o Bem e o Mal, portanto a lei torna-se um representante do Bem, que age sem ser necessariamente conhecida,

Ela define uma área de errância em que todos somos culpados, isto é, em que já transgredimos os limites antes de saber o que ela exatamente é – a exemplo de Édipo. [...] Efetivamente, se a lei não se funda mais num Bem prévio e superior, valendo por sua própria forma, que deixa o conteúdo completamente indeterminado, torna-se impossível dizer que o justo obedece à lei para o melhor. Ou então: aquele que obedece à lei nem por isso é ou se sente mais justo. Pelo contrário, sente-se culpado, é previamente culpado, e ainda mais culpado por obedecer estritamente (DELEUZE, 2009: 84).

Dentro desse princípio de lei há um paradoxo, mostrando que se trata com mais severidade e desconfiança o sujeito virtuoso, de forma que proporcionalmente ao decoro e à obediência das leis, aumenta a desconfiança e a culpabilidade de um possível delito. A este paradoxo da consciência moral, Freud acrescentou que

[...] não é a renúncia às pulsões que deriva da consciência moral, pelo contrário, é a consciência moral que se origina da renúncia. Portanto, quanto mais forte e rigorosa for a renúncia, mais a consciência moral, herdeira das pulsões, é forte e se exerce com rigor (DELEUZE, 2009: 84-85).

Diferentemente do sujeito sádico, a linguagem de *Justine* não é a da demonstração, a linguagem de *Justine* é a linguagem da comoção, seu objetivo ao nos falar é “comover vossa alma em meu favor [*Justine*]” (SADE, 2009: 39)⁶⁵.

em Sade, o discurso virtuoso da beldade é usado de maneira paródica. A linguagem emotiva e sensível das heroínas se torna a linguagem dos que sofrem abusos. Ao apropriar-se dessa fala chorosa, Sade expõe a estrutura desses romances sentimentais e parece perguntar: Não será o discurso sentimental fundamentalmente uma pose? Será que *Justine* foi realmente

⁶⁵ Fala de *Justine* para a esposa de *Du Harpin*.

inocente e virtuosa o tempo todo ou está utilizando a ‘fala sentimental’ para sensibilizar o leitor naquele momento de confissão? Tudo que sabemos sobre ela é aquilo que ela nos conta, quem garante que ela não foi realmente uma cúmplice nos crimes? (SERRAVALLE DE SÁ, 2008: 372).

Isto é, *Justine* quer convencer de sua moral, da rigidez de seu pensamento, de sua fortíssima obediência às leis divinas. Se, em Freud, poderíamos dizer que o supereu (ou superego) de *Justine* briga contra seu eu (ou Ego) proporcionalmente à sua renúncia, Lacan poderia acrescentar que esta renúncia de *Justine* está ligada às suas leis, e a lei nada mais é que o desejo recalçado. Ou seja, *Justine* é moralmente rigorosa, posto que se sua moral for proporcional à sua renúncia, e a renúncia proporcional à suas pulsões recalçadas, maior será sua transgressão, visto que o gozo de *Justine* se faz nos interditos.

Após ser expulsa da casa do médico *Rodin*, *Justine* pensa naquilo que é a “ideia mais doce de sua vida”, a religião. Justamente após lembrar-se de que seus “deveres de piedade” estavam negligenciados devido aos seus infortúnios, em seu caminho, a desafortunada avista uma morada, sobre a qual recebe informações de ser um convento governando por um homem muito santo chamado padre *Raphael*. Com essas informações fora impossível à nossa donzela “resistir ao desejo que sentia de peregrinar até esse convento e ali reparar com o máximo de atos piedosos que pudesse todas as negligências de que era culpada” (SADE, 2009: 93). E foi ali, em um convento santo, em meio a quatro padres, que *Justine* sofreu sua pior mácula, a pobre que ali chegou intacta dali saiu despedaçada. *Justine* fora deflorada dentro de um convento por quatro padres. E se este é um ambiente sagrado, se essas são as principais leis as quais *Justine* deve submissão e fervor, eis o melhor altar para transgredir seus interditos, pois para *Justine* “Sem repressão não há tesão. O pecado é um afrodisíaco⁶⁶” (PONDÉ, 2012a), já que “a palavra funda o crime, parafraseando Dostoiévsky, sem linguagem tudo é permitido, sem gramática não há transgressão possível [...]” (GIANNATTASIO, 2012: 71). Ali, *Justine* foi religiosamente estuprada.

Sade e Masoch representam duas formas diferentes de contestação da lei, são elas a **ironia** sadeana e o **humor** masoquista. Como ironia pode-se entender a

⁶⁶ No dicionário encontramos como definição da palavra transgressão os seguintes verbetes: passar além de; atravessar; Ou ainda: desobedecer a; deixar de cumprir; infringir; violar. Estamos tomando transgressão exatamente como esse ir além, isto é, nem negação, nem denegação, e sim um mais além. Infringir e violar também traz uma dimensão que se pretende presente aqui, pois está ligada aos prazeres vindos do e a partir do interdito, isso é, ultrapassar aquilo que é proibido, de desobedecer e infringir aquilo que é tomado como lei.

intenção de subverter a lei, ultrapassá-la em busca de um princípio mais elevado que, em Sade, deixa de ser o Bem para ser a Ideia de um Mal absoluto. Já em Masoch o movimento é de humor, em que se pretende infringir a lei por “[...] excesso de zelo, por uma escrupulosa aplicação pretende-se mostrar seu absurdo e alcançar, precisamente, a desordem que ela deveria proibir e coibir” (DELEUZE, 2009: 88). Por isso que *Justine* “rezava ao céu e esperava [sua] sentença. (SADE, 2009: 133). No masoquismo a lei não será mais subvertida (talvez pudéssemos dizer negada), e sim infringida humoristicamente, de forma que “[...] a mais estrita aplicação da lei tem o efeito oposto ao que normalmente se espera (por exemplo, as chicotadas, em vez de punir ou de prevenir uma ereção, provocam-na, asseguram-na)” (DELEUZE, 2009: 88-9).

A relação que *Justine* estabelece com as leis é a de ser sempre culpada, mesmo quando inocente. Aliás, é quando ela é mais culpada.

Ali estava eu, portanto, culpada, eu exclamava, ali estava, pois mais uma vez denunciada à justiça por ter respeitado demais seus decretos... Assim seja, não me arrependo; aconteça o que me acontecer, não conhecerei dor moral nem remorsos se minha alma for pura, e não terei cometido outros erros além e ter dado importância demais aos sentimentos de equidade e de virtude que não me abandonarão jamais (SADE, 2009: 83).

No romance *Os infortúnios da virtude*, a lei é manifestada de outra forma, ela está subvertida, digna de um universo anárquico sadeano. A “lei” pela qual *Justine* é sempre culpada e punida é guiada por uma Ideia de um Mal absoluto dos personagens sádicos, guiados pela libertinagem. Ela está inserida num universo sádico subvertido, em um mundo “ao contrário”, negado. Nele se castiga a inocência. Nesse conto de fada às avessas, *Justine* passa de virtuosa à criminosa.

Mas, *Justine* é o elemento masoquisante dessa história, portanto nossa *bela aventureira* tem lá seus traços de masoquismo. *Justine* traz ao mundo sádico subvertido ironicamente seu humor masoquista, sem contestar, ela o infringe. De forma que ao ser punida, castigada enquanto seus algozes estavam ávidos por lhe tirarem os piores gritos e gozarem à custa de seu pior sofrimento, *Justine* silenciosamente deleitava-se.

[...] ele ordenou que eu me colocasse na posição que sabia lhe agradar... eu quis pedir clemência, mas vendo já a raiva e a cólera em seus olhos, achei que o mais fácil seria obedecer.

[...]

Eu gostaria muito de recusar, mas não podendo, perpetuamente obrigada a sacrificar meus desejos e minhas vontades às desses homens vilões, inclinei-me e prometi tudo fazer para que ele ficasse contente (SADE, 2009: 118 e 126).

Mas, é colocando *Justine* a partir de uma dimensão trágica da vida é que a vejo mais enquanto uma transgressora. *Justine* cria a partir da dor, a partir dos espinhos, ela acontece no vir-a-ser, permitindo-se viver de uma forma que poucos conseguem fazê-lo. *Justine* existiu na corda-bamba, tragicamente emitiu sua voz, a partir da ideia de que “[...] já estava escrito na página de meu destino que cada movimento honesto a que me conduziria meu caráter, devia ser pago com uma desgraça, era-me preciso, portanto, sofrer minha sorte sem que pudesse escapar” (SADE, 2009: 42).

Justine fez dos interditos sua força. Isso não quer dizer que ela não acreditasse realmente na Providência, que não se via como vítima de sua inocência. A questão é que *Justine* colheu bons frutos de seus infortúnios, soube dançar com Eros e Tântatos, de forma a explorar as “regiões limítrofes, onde vida e morte não se distinguem, onde dor e prazer se perdem na vitalidade do momento vivido” (SADE, in GIANNATTASIO, 2012: 16). Ninguém quer identificar *Justine* como inocente ou culpada, se nem a Providência conseguiu lhe provar nada, como a própria moça diz, “[...] funesta lição que nada me corrigiu [...]” (SADE, 2009: 134). Quem sabe por meio de *Justine*, Sade quis nos demonstrar mais uma de suas lições, como aquela posta à sua amada, a senhorita F ao fim de uma de suas correspondências: “Posso, finalmente, te dizer o que nos resta? Resta-nos, meu pequeno astro luminoso, gozar!! Sim...gozar e transformar em gozo as mais espinhosas situações que a vida nos impõe!” (SADE, in GIANNATTASIO, 2012: 16).

Uma bela lição através daquela ingênua menina que gozava silenciosamente nos infortúnios e chamava seus piores algozes de....

“Meus carrascos”.

4 UM CONTO DE FADAS SADEANO

“Não é pela crueldade que se realiza o erotismo de Sade; é pela literatura”
SIMONE DE BOUVOIR

Conhecido como libertino e libertário, Donatien Alphonse François de Sade foi um escritor francês que passou quase metade de sua vida preso, dividindo seus dias de cárcere entre prisões e sanatórios⁶⁷. Suas condenações vieram para condenar, castigar e silenciar sua filosofia, seus romances e principalmente seus desregramentos licenciosos.

Seus primeiros encarceramentos estão relacionados à sua falta de decoro, como sua prisão em 1763, logo após seu casamento com Renée-Pélagie de Montreuil, devido à denúncia de Jeanne Testard, segundo a qual o marquês, ao contratar seus serviços sexuais, fez uso de violência durante o sexo e praticou atos de blasfêmia com um crucifixo. Essa denúncia rendeu-lhe quinze dias na prisão de Vincennes⁶⁸. Mas, segundo Daniel Ferreira (2012: 82), foi o ocorrido em 1768 que começou a contribuir para a criação da imagem do homem libertino. Em um domingo de Páscoa, após ter saído da missa, uma moça chamada Rose Keller mendigava nas proximidades da igreja de Arcueil e, ao vê-la, o marquês lhe convidou a acompanhá-lo em troca de algum dinheiro. Animada com a proposta, Rose seguiu Sade até sua casa, contudo, a moça parece não ter gostado da maneira como o marquês conduziu as coisas, ao menos, foi o que disse ao procurador de justiça após sair da casa de Sade – casa que o marquês, desde alguns anos atrás, havia transformado em um local de luxúria, onde recebia suas companhias.

De um lado, o marquês de nobre estirpe, de outro, o corpo fresco de uma mulher sem posses e sem títulos. As fantasias do devasso agitam o fluxo sanguíneo, os vasos se dilatam e a energia migra para a região do abdômen. O devasso, mantendo a vítima infeliz sob ameaça, fustiga

⁶⁷ Entre as prisões e manicômios estão *Miolans, Vincennes, Saumur, Pierre-Enclise, Bastille, Sainte-Pelagie, Madelonnettes, Saint-Lazare, Picpus e Charenton*.

⁶⁸ Os dados biográficos que serão utilizados, bem como a cronologia das publicações da obra de Sade, têm como base as notas biográficas organizada pelos editores das obras completas de Sade, Jean-Jacques Pauvert e Annie Le Brun. Há uma constante confusão de datas nas cronologias postas pelos leitores brasileiros de Sade. Preferimos, dessa forma, utilizar aqueles que tiveram maior acesso aos originais franceses.

seu corpo, produz pequenas feridas em sua carne, logo cobertas por cera quente. No calor da cena libidinosa a língua é sacrificada, algoz e vítima se expressam, pouco a pouco, por meio de sons monossilábicos, que anunciam os prazeres dele e o pavor da mulher (GIANNATTASIO, 2012: 64).

Novamente a blasfêmia de Sade chamava a atenção e, segundo a depoente Rose Keller, Sade fazia uso de símbolos sagrados em sua profanação, posto que ele

havia lhe perguntado ‘se ela tinha religião e cria em Deus, em Jesus Cristo e na Virgem’. Respondida afirmativamente a pergunta, houve réplica com ‘injúrias e blasfêmias horríveis’ e a negação da existência de Deus, que foi provada por ato de masturbação e de gozo num cálice sagrado (FERREIRA, 2012: 82-3).

Se o caso de Jeanne Testard passou quase despercebido, já as práticas de Sade com Rose Keller tomaram um pouco mais de sete meses da “liberdade” do marquês. “Dessa feita, o caso ganhava forma judicial ao mesmo tempo em que corria como burburinho popular” (FERREIRA, 2012: 82). É com o processo de Rose Keller que o formato da figura atribuída a Sade começa a ser construído e, com os acontecimentos de 1772, passa de burburinho a escândalo. A denúncia agora é de que Sade, junto ao seu criado Latour, além de abolir os rígidos papéis sexuais, já que “[...] Sade sodomiza as garotas e é sodomizado pelo seu criado enquanto elas são duramente castigadas por ambos” (GIANNATTASIO, 2012: 65), também oferece as quatro prostitutas de Marselha “[...] alguns ‘bombons de cantárida’ — um conhecido afrodisíaco da época — mas a ingestão do estimulante provoca, em uma delas, uma forte indisposição estomacal” (GIANNATTASIO, 2012: 65). Por esse episódio, o marquês foi acusado por sodomia e envenenamento, e esses escândalos tomam uma grande dimensão, pois passam a ser atribuídos não apenas à família Sade, envolve-se também o nome de sua esposa: a família Montreuil. Sade foge para Itália, tornando-se desde então, “[...] um fugitivo da lei e um homem destinado a uma vida social clandestina” (GIANNATTASIO, 2012: 65). Condenado, ele é executado em effigie em 12 de setembro na cidade de Aix-em-Provence e, com isso, muitas das cores que iriam compor a imagem do escritor libertino que ele se tornaria dez anos mais tarde⁶⁹ já estavam aqui distribuídas ao público. Sua reputação começava a ecoar por Paris, de forma que “Começa a nascer [...] a reputação de um

⁶⁹ O primeiro texto conhecido do romancista Sade data de 1782, trata-se do *Diálogo entre um padre e um moribundo*.

homem dotado de uma fantasia sexual extraordinária, violenta, impiedosa e incrédula” (GIANNATTASIO, 2012: 65). Sendo que todos esses episódios

permitted a emergência de uma nova percepção social do nome de Sade [...] Além disso, como afirma Françoise Laagaut-Traut, se até então Donatien de Sade vivia sob certo anonimato, a partir de 1772 ocorre uma inflexão na composição de uma imagem do Marquês de Sade. Quando os eventos envolvendo Keller tornaram-se públicos, diversas opiniões e juízos foram produzidos sobre Donatien de Sade, tornando-o um personagem conhecido na França. Para Maurice Lever, a opinião pública foi uma terceira personagem do processo de Arcueil e sua atuação evidenciou que determinados grupos emergentes demandavam o fim dos privilégios nobiliários, principalmente quando eles se traduziam em impunidade judicial. É justamente a repercussão que conduziu o Parlamento a dar atenção especial à denúncia, numa ação muito menos preocupada com o crime e mais disposta a mostrar que a condição nobiliária não era mais uma garantia simples de impunidade. O momento político era delicado e o Estado precisava punir para demonstrar, exemplarmente, sua capacidade de responder às novas questões sociais. (FERREIRA, 2012: 84-5).

Essas tentativas de domesticar, aprisionar e calar esse homem espirituoso faz parte do processo que geriu um autor de imaginação privilegiada. Nesse momento, Sade “[...] não se encontra preso em decorrência de seus textos, pensamentos ou escritos. O autor libertino encontrava-se, ainda, em gestação” (GIANNATTASIO, 2012: 63). E no cárcere o marquês encontrou um meio de exercitar sua liberdade e de sobreviver, ele chamou para a cena a imaginação.

Giannattasio toma a vida dissoluta de Sade como seu espaço laboratorial e, neste espaço, o marquês encontrou diferentes limites para seus desejos; um deles é justamente quando suas vontades esbarram-se no desejo do “outro”. E fora

Possivelmente, a necessidade imperiosa em transgredir tais limites [que] o tornou um escritor, o mesmo que anunciara tempos depois: ‘a felicidade está na imaginação’. E, desta forma, ele fez da literatura a sua mais íntima cortesã, não como aquelas com as quais ele se encontrava nas ruas e nos bordéis da França e cuja presença era, por si só, um obstáculo às fantasias do homem obrigando-o, assim, a parir o escritor (GIANNATTASIO, 2012: 67).

No cárcere, Sade cria seus personagens para lhe fazerem companhia, para irem onde ele não pode⁷⁰. Seguem-se, entre seu primeiro texto, o *Dialogue entre un prêtre et un moribond*, concluído em 1782, e o romance *Les Infortunes de la vertu*, a redação de *Cent vingt journées de Sodome*, em 1785, também *Contes et d'histoires*, de 1787, e, em 1788, Sade redige *Eugénie de Franval*.

Inserido no conflito entre *Ancien Régime* e os processos da Revolução Francesa, Sade é por vezes tomado como símbolo de uma nobreza impune, que luta para manter-se legítima e soberana e, por outras, condenado por ser um representante da vontade subversiva do povo e um agitador da revolução.

Ao produzir interpretações bastante particulares e ousadas a respeito da crise política e social vivenciada pela França de então, ele acabou participando de uma teia de diálogos na qual tanto se evidenciou a história de Donatien Alphonse François de Sade quanto de seu duplo, o Marquês de Sade, constituído como herói mítico ou lendário, marcado historicamente por uma dinâmica própria e com variações de faces diabólicas e santificadas (FERREIRA, 2012: 79).

Apesar dos discursos em que é divinizado ou demonizado, ele se mantém à margem, falando sobre uma liberdade além e aquém dos princípios da revolução de 1789, sofrendo perseguições tanto das autoridades monárquicas quanto das republicanas e ainda das autoridades restauracionistas.

Paralelamente à vida de Donatien de Sade constituiu-se, pela interferência da opinião pública, uma figura mítica e heroica [*sic*], o Marquês de Sade, paulatinamente associada às noções de crueldade e a uma história de impunidades decorrentes de sua condição nobiliária. Nesse momento, esse herói possuía múltiplas faces as quais mantinham contornos ainda indefinidos: era um tipo capaz de gestos desregrados e pautados pela libertinagem pessoal; era louco; captava os desejos populares de subversão da ordem e instauração da justiça (não seria assim um arlequim?); e aos grupos dirigentes, sendo um representante da arbitrariedade [*sic*] nobiliária, servia como bode expiatório, capaz de convencer os populares de que o Estado modernizava-se e tendia a maior justiça (FERREIRA, 2012: 85-6).

⁷⁰ Pois mesmo quando está em liberdade, isto é, fora das prisões e sanatórios, Sade continua enjaulado. Com outro intuito, porém, que acreditamos caber muito bem aqui, Daniel (2012: 19) afirma que “Maiores ou menores, as portas se abriam para que o prisioneiro andasse em outros caminhos, não numa demonstração da possibilidade de liberdade, mas numa clara ampliação do local da pena”. Portanto, ao ver a imagem de um Sade que insufla a Revolução Francesa, é como se víssemos um “Sade [que] saúda a revolução do alto de sua cela. Como se a própria *Justine* saudasse o triunfo da virtude” (GIANNATTASIO, 2012: 89).

Às vésperas da Revolução, Sade encontra-se preso na Bastilha e entre os frutos de sua solidão está um daqueles que mais tarde ocupará o pior círculo do “inferno” das bibliotecas: o romance *Os infortúnios da virtude*. As confidências narradas pela desventurada personagem *Justine* fizeram companhia a Sade enquanto o mesmo encontrava-se preso; já tendo passado por *Vincennes*, Sade estava enclausurado na Bastilha desde o ano de 1784, e de lá só saiu em dois de julho de 1789 para então ser transferido para o hospício de *Charenton*. Em apenas quinze dias, encerrados em oito de julho de 1787, Sade escreveu seu romance mais lido, talvez o mais sutil, quem sabe o mais virtuoso, mas sem dúvida o mais misterioso e que lhe custou muito caro.

Escrito em pouco mais de duas semanas, *Les Infortunes de la vertu* nasceu apenas para ser um conto que comporia a coletânea *Contes et Fabliaux du XVIII siècle*, contudo, as desgraças desse personagem acabaram por acompanhar Sade por mais de dez anos. Essa primeira versão⁷¹, acabada em 1787, só foi publicada⁷² no ano de 1930 por Maurice Heine, mas em 1791 Sade publica clandestinamente *Justine, ou les malheurs de la vertu*, a segunda obra da saga que narraria a história das irmãs *Justine* e *Juliette* e que tem como alteração apenas a inserção do nome da personagem principal ao título, a fim de “[...] adequar a narrativa a um procedimento típico da época fazendo figurar o nome da heroína no título e [...] ressaltar os laços entre infortúnios e os procedimentos e escolhas adotados pela heroína” (GIANNATTASIO, 2012: 88). Já em 1796 é a vez de contar a *L’histoire de Juliette*, a irmã de *Justine*, e suas prosperidades no vício. Por fim, a saga é encerrada com a publicação clandestina de *La Nouvelle Justine*, em 1800 e, enquanto nas duas primeiras versões é *Justine* que narra o romance, em *La Nouvelle Justine* ela perde a voz e mantém-se em silêncio.

Apesar de ser publicado anonimamente, a autoria de *Justine, ou les malheurs de la vertu*, era atribuída, pela maioria, a Sade. Para livrar-se da acusação, e também das possíveis consequências caso fosse comprovada a veracidade da mesma, o marquês refutou a autoria de *Justine* no prefácio de *Os crimes do amor* - publicado primeiramente em 1800 – ao dizer:

⁷¹ Utilizamos como fonte justamente essa primeira versão, traduzida para o português por Celso Mauro Paciornik e publicada pela editora Iluminuras.

⁷² Segundo Daniel, “Esse texto acabou não sendo publicado durante a vida de Sade, provavelmente porque ele aproveitou a ideia, transformando a narrativa em romance, publicado em 1791, com título *Justine ou les malheurs de la vertu*” (FERREIRA, 2012: 22).

Nunca, repito, nunca pintarei o crime senão com as cores do inferno; quero que o vejam nu, que o temam, que o detestem, e não conheço outro modo de fazê-lo senão mostrando-o com todo horror que o caracteriza. Que se cubram de infortúnio os que o cercam de rosas! Suas intenções não são puras, e eu nunca as copiarei. Que nunca mais atribuam-me, após essa exposição, o romance *Justine*: nunca fiz obras semelhantes e certamente nunca as farei (SADE, 1991: 41).

Podem parecer exageradas as preocupações do marquês, afinal todos sabem do “[...] gosto das Luzes pela anedota licenciosa [...]” (GOULEMOT, 2000:31). Contudo, o último encarceramento de Sade acontece em 1801 justamente sob a acusação de ser o autor do romance *L’histoire de Juliette*. Sade foi detido nas dependências da Editora Massé juntamente com a edição ilustrada de *La nouvelle Justine* e *L’histoire de Juliette*. É então encarcerado na prisão de *Sainte-Pélaige*, depois transferido para Bicêtre e finalmente internado no hospício de Chareton, onde viveu até sua morte em dois de dezembro de 1814.



Era uma vez, em um dos melhores conventos da França, uma menina muito doce, mechas douradas de cabelo tocavam seus macios traços ingênuos e grandes olhos azuis coroavam seu ar de candura. Sua bondade confirma-se ao ajudar as colegas de convento, pois estava sempre pronta a protegê-las e a ceder até a si mesma a castigos que seriam direcionados às outras internas. Recebia, de bom grado, todas as lições que as freiras lhe impunham, passando a ser conhecida por ser uma menina dócil, bondosa, submissa e generosa.

Todas as noites, antes de ajoelhar-se, a menina erguia a barra de seu gasto vestido e, sentindo a aspereza e a frieza do chão do convento roçar a pele de seus joelhos, ela tinha o momento mais confortável de seu dia, afinal, como a própria costumava afirmar “A oração é o mais doce consolo do sofredor” (SADE, 2009: 50). Ali, ajoelhada, e com os cotovelos apoiados na cama, a linda criança conversava com seu criador e diariamente confirmava a ele os seus votos de sempre seguir a risca o seu exemplo. Aos doze anos, seu criador quis cobrar-lhe a promessa, jogando a encantadora menina ao mundo e lhe testando o coração.

A cada oferta, uma recusa, a cada infortúnio, uma nova esperança de encontrar a bondade, e das feridas de cada castigo que lhe imputavam, escorria seu sangue banhado de virtuosidade. A menina cresceu, mas o que demorou a perceber era que seu verdadeiro criador já havia escrito seu destino. Pela pena do marquês, ela encenaria a pobre vítima *Justine*.



Como já dizia um dos grandes leitores de Sade, o francês Jean-Paulhan (1987: 46), “*Justine* se lê, ou, se deveria ler, como um conto de fadas”⁷³. E em qualquer conto de fadas duas forças opostas e ao mesmo tempo complementares são essenciais. Não existiria a história de Chapeuzinho Vermelho sem a presença do Lobo Mal, e Branca de Neve não teria ganhado seu final feliz se não houvesse sua Madrasta Má — Deus não seria a personificação do Bem sem alguém para personificar o Mal.

Esta teoria de que um herói não existe sem o seu arqui-inimigo já é algo muito conhecido, mas como trazer esta ideia à tona ao falar do criador de *Justine*, aquele que esboça através da literatura a busca de um mal absoluto, como falávamos anteriormente?

Assim como nos contos de fadas, o mal é tão onipresente quanto o bem, ambas as forças são necessárias. Em Sade, isso não é diferente, não é à toa que *Justine* e *Juliette* são irmãs, de um lado a loira de olhos azuis, terna e virtuosa; do outro, a cruel morena de olhos negros.

Não é possível perceber aí um desejo de apresentar os vícios e as virtudes como conjugações necessárias à cena e pertencentes à mesma gestação? Criaturas nascidas do mesmo ventre metafísico e cujo existir de uma se encontra, umbilicalmente, ligado ao da outra (GIANNATTASIO, 2012: 98).

O vício e a virtude são indissociáveis, são peças necessárias para o jogo, também são, é claro, peças variáveis, afinal “A moral é uma geografia que compreendemos por via torta” (PAULHAN, 1987: 55)⁷⁴, mas é, sobretudo, uma parte da cultura de um povo e dos costumes de uma época. Inicialmente somos levados a

⁷³ “*Justine se lit, ou se devrait lire, comme un conte de fées*”.

⁷⁴ “*La morale est une géographie que l’on entend de travers*”.

entender que os personagens libertinos sadeanos desejam o triunfo dos vícios, e que, apesar de seus atos cruéis acontecerem na segunda natureza⁷⁵, o objetivo deles é alcançar a primeira natureza, em uma ideia de negação pura e totalizante.

Porém há um paradoxo intrínseco a essa afirmação, pois apesar da expectativa do triunfo do mal, um não existe sem o outro, bem e mal seguram cada um uma ponta da corda, a existência de um depende da sobrevivência do outro, e vice-versa. Portanto, o triunfo do mal é impossível de ser realizado, pois, ao triunfar, viveríamos apenas no crime, assim, não haveria mal possível.

Sade percorreu um caminho até chegar a esse paradoxo, primeiramente percebeu que todos os crimes aconteciam na segunda natureza e que eram, portanto, parciais, apenas negativos, por isso o libertino sadeano pretendia criar o crime perfeito, que deve ser feito impessoalmente na primeira natureza e que ecoe eternamente, aquele que seria reflexo da negação. Contudo, notou que o crime faz parte dos desígnios da natureza, e que a destruição do semelhante

[...] é puramente quimérica, o poder de destruir não é concedido ao homem; ele tem quando muito o de variar-lhe as formas, mas não o de destruí-las; ora toda forma é igual aos olhos da natureza, nada se perde no cadinho imenso onde suas variações se executam, todas as porções da matéria que aí se jogam se renovam incessantemente sob outras figuras e quaisquer que sejam nossas ações sobre isso, nenhuma a ofende diretamente, nenhuma saberia ultrajá-la, nossas destruições reanimam seu poder, elas conservam sua energia mas nenhuma a atenua (SADE, 2009: 64).⁷⁶

Ao dar-se conta disso, tornou-se, então, impotente perante ela e encontrou outro limite para seus prazeres, a natureza. Ao longo de sua carreira filosófica, Sade despontencializou a natureza, retirando-a do centro de seu sistema, pois deduziu que seja virtuoso ou criminoso, em nada podemos afetar a natureza primeira. Seus olhos voltaram-se novamente para o homem e ninguém mais, e integrou ao seu sistema trágico filosófico a ideia de Energia, em que os indivíduos são mais ou menos fortes conforme a Energia que empregam, portanto, quem passa a ser potencializado é o homem, indiferentemente do papel que ele escolha encenar, seja ao lado do vício ou da

⁷⁵ Processo negativo que se realiza na segunda natureza, aquela relativa às nossas experiências e ao vivido.

⁷⁶ Fala do senhor de *Bressac à Justine*.

virtude. E para ultrapassar as regiões limítrofes que encontrava à sua frente, Sade fez uso da imaginação.

Ao introduzir o conceito de Energia, o excesso passa a ser o avaliador da vida, ele torna-se o ideal. A esta altura, todos nós já sabemos dos excessos de *Justine*, e até mesmo os guardas da cavalaria que a levaram para receber sua sentença de execução perceberam que ela não só era bondosa, mas era “[...] a criatura mais doce e que parece a mais honesta...” (SADE, 2009: 31).

Na maioria dos contos de fadas não há uma lição moral explícita como há nas parábolas⁷⁷, mas apenas os elementos do bem e do mal estão distribuídos, e os personagens seguem seu rumo por uma das vias. Por meio do desfecho da história é que conseguimos distinguir o bem do mal. Posto que aqueles que trilharam seus caminhos pela via da virtude encontrarão ao final o merecido “viveram felizes para sempre”, já aqueles que se aventuraram pelas vias tortas do mal terão como destino derradeiro um grande castigo.

Em Sade é a mesma coisa, quem segue um caminho é castigado, já quem segue o outro é glorificado, só que ao contrário! Estamos falando de um mundo ao contrário, um mundo invertido.

Justine tem todas as virtudes e de cada virtude ela se vê punida. Solidária, um mendigo a rouba. Piedosa, um monge a viola. Honesta, um usurário a arruína. Ela se recusa a ser cúmplice de um furto, de um envenenamento, de um ataque a mão armada e é, exatamente ela, considerada culpada pelo roubo, pelo assalto e pelo assassinato. [...] Mas, como se isto não bastasse, leva felicidade a quem abusa dela, [...] Eis um romance que muito se parece com as obras morais, onde o vício é, a todo momento, punido e a virtude Contudo é ao contrário; mas enfim o defeito, do simples ponto de vista romanesco (que é o nosso), permanece o mesmo: sabemos sempre o que acontece no final. [...] Como se o romance sadeano introduzisse um ‘defeito’ na narrativa romanesca (PAULHAN, 1987: 41)⁷⁸.

⁷⁷ Assim como nos apólogos (protagonizados por objetos) e nas fábulas (protagonizada por animais).

⁷⁸ “[...] *Justine a toutes les vertus, et de chaque vertu se voit punie. Compatissante, um mediant la dévalise. Pieuse, um moine la viole. Honnête, um usurier la ruine. Elle se refuse à devenir la complice d’un larcin, d’un empoisonnement, d’une attaque à main armée et c’est elle, la maladroite, que l’on tient coupable du vol, du brigandage ou de l’assassinat. [...] Mais ce serait peu : elle porte bonheur à qui abuse d’elle, [...] Voilà um roman qui ressemble extrêmement à ces ouvrages moraux, où le vice se voit à tout coup puni et la vertu récompensée. Sauf que c’est le contraire ; mais enfim le défacut, du simple point de vue romanesque (qui est le nôtre), demeure le même : on sait toujours ce qui arrive à la fin [...]*”.

Portanto, no universo literário sadeano a glória acompanha os vícios, e a desgraça, a virtude. Logo no início do romance, Sade já nos coloca essa dimensão subvertida do século XVIII ao dizer que esse é um século corrompido⁷⁹. É nesse universo que *Justine* escolhe ser virtuosa, e ao informar sobre a “cruel [tarefa de] pintar uma multiplicidade de infortúnios se abatendo sobre a mulher doce e sensível que mais respeita a virtude”, Sade, na primeira página, indaga:

Se, partindo de nossas convenções sociais [...] só nos acontecer lamentavelmente que, pela maldade dos outros, só tenhamos encontrado espinhos enquanto os maus colhem apenas rosas, pessoas privadas de um lastro de virtude [...] para se colocar acima das reflexões proporcionadas por essas tristes circunstâncias não calcularão então que vale mais se deixar levar pela corrente que resistir a ela, não dirão que a virtude, por mais bela que seja, quando fica desgraçadamente enfraquecida demais para lutar contra o vício torna-se o pior partido [...], e que num século absolutamente corrompido o mais seguro é fazer como os outros? [...] não acrescentarão a isso [...] que, como na constituição imperfeita do nosso mundo [...] é essencial para a manutenção do equilíbrio que haja tantos bons quantos maus [...]. Seria o caso de manifestar algum arrependimento por haver estabelecido um fato do qual resultará, para o sábio que lê com proveito a lição tão útil da submissão aos desígnios da Providência [...] (SADE, 2009: 19-21).

Ao falar sobre os contos de fadas, Marilena diz: “Em resumo: as condutas estão reguladas por normas e valores, a finalidade do conto sendo persuadir a criança de que tais normas são boas e verdadeiras e que o sofrimento decorre apenas de sua desobediência. É o compromisso do conto, situado entre o lúdico e a repressão.” (CHAUÍ, 1984: 41-2). No caso do conto sadeano, as normas e valores estão ligados à ideia do mal absoluto, ao século corrompido, aquele que não segue suas ordens é também castigado, mas a questão é que há um desvio nos princípios de *Justine*, ela é um elemento masoquisante, que busca esse sofrimento para nele gozar. *Justine* é sempre uma desobediente, ela não quer aprender nada com a Providência, a relação entre a falta de obediência e o castigo é oportuno para *Justine* e em nada deve ser alterada.

O que quer que aconteça a *Justine*, ela se espanta. A experiência não lhe ensina nada. Sua alma permanece na ignorância, seu corpo mais ainda. Ninguém ousa lhe imputar qualquer tipo de malícia, os olhos

⁷⁹ Se é que não podemos entender toda a história da civilização humana como uma história de tempos corrompidos!

permanecem semi-abertos. Ela nunca dará o primeiro passo. [...] Surpresa, sempre surpreendida (PAULHAN, 1987: 43)⁸⁰.

E ao contrário do objetivo da maioria dos contos de fadas, que pretende através da narrativa mostrar que “o seguimento de regras é determinado por suas conseqüências [e que] se houver discrepâncias entre a regra e as contingências, e o ouvinte entrar em contato com as conseqüências [...] é provável que seu comportamento mude (PASSINATO, 2009: 21)”, nesse conto de fada às avessas Sade não quer convencer a todos a seguirem o exemplo da libertina *Juliette* e juntarem-se no caminho do mal, nem mesmo convencer que *Justine* é o ideal, ele quer, antes de tudo, optar pelo caminho da força, do vivido, da Energia. Sade sempre nos convida a sair de nosso conforto e a andar pela beira do precipício.

Nos tradicionais contos de fadas, cada personagem estrutura-se de um lado do universo maniqueísta, existe o grupo de personagens que acompanha o bem e o grupo que comete o mal, e ao menos dois deles protagonizam e personificam cada lado dessa dicotomia. O herói (ou a mocinha) nunca está sozinho. Já em *Os infortúnios da virtude*, Sade faz da protagonista *Justine* o arquétipo do bem, mas do outro lado estão praticamente todos os outros personagens. Ela parece estar sozinha em sua batalha, uma intrusa no século XVIII. *Justine*, a última francesa virtuosa! Pois se outras existem, ao menos *Justine* não as encontrou.

Encontramos também nos contos de fadas a presença da natureza como uma aliada dos heróis, quando Cinderela, por exemplo, está presa e proibida de ir ao baile, logo depois de sua madrasta roubar-lhe o vestido herdado de sua mãe morta, pássaros e outros animais constroem-lhe um vestido e abóboras viram uma carruagem. Em *Os infortúnios da virtude*, poderíamos ver na Providência esta força da natureza. E nesse mundo virado de cabeça para baixo, ao invés de aliada de nossa heroína, a Providência só leva *Justine* à desgraça.

Ao afirmarmos que *Justine* goza justamente no ultraje, que ela retira prazer de suas desgraças, alguns poderiam ver a Providência como um personagem cúmplice de *Justine*, isto é, a Providência consciente da excentricidade dos gostos de *Justine* poderia, a seu favor, empurrá-la ladeira abaixo. Contudo, a Providência está a

⁸⁰ “Quoi qu’il lui arrive, *Justine* s’étonne. L’expérience ne lui apprend rien. Son âme demeure ignorante, son corps plus ignorant encore. L’on n’ose meme lui prêter ici ou là quelque léger glissement de tête, des yeux à demi fermés. Jamis elle ne fera le premier pas.”

serviço do mundo subvertido sadeano e cumpre fielmente as suas regras. É nossa heroína que, dotada de imenso **humor**, transgride a Providência, chegando exatamente onde se pretender proibir.

Outra característica desses contos é a constante vitimização dos personagens protagonistas, “De modo geral, heróis e heroínas são órfãos de pais (os heróis) ou de mãe (as heroínas), vítimas do ciúme de madrastas, padrastos ou irmãos e irmãs mais velho” (CHAUÍ, 1984: 37). Mas para além da relação de *Justine* com seus pais⁸¹, a palavra vitimização, aqui, tem o interesse de apontar para alguém que se vê como vítima, mais ainda, aquele que encena este papel⁸².

Quando os rapazes do bando de *Dubois* decidem divertirem-se à custa de *Justine*, ela própria justifica o desejo desses celerados ao dizer “[...] minha idade, minha inocência, minha aparência, tudo os encorajou” (SADE, 2009: 48). *Justine* esboça o retrato de uma vítima, ela pinta sua própria imagem enquanto mulher sofredora, e o faz, incansavelmente, ao longo de sua narrativa a todos os personagens que vão aparecendo. A cada um deles ela narra suas desgraças, realizando “[...] o doce prazer de partilhar meus prantos [...]” (SADE, 2009: 139-140), e sempre tentando convencê-los de que é uma vítima. Durante o romance, ocultando seu verdadeiro nome, *Justine* nomeia-se como *Sophie*. Portanto, *Justine* narra parte de sua história em terceira pessoa, contando suas desventuras, mas também as desventuras da pobre *Sophie*. Talvez pudéssemos compreender *Sophie* como uma fantasia de *Justine*, pois como afirma o psicanalista americano Michael J. Barder⁸³, a fantasia é o lugar onde conseguimos nos livrar do sentimento de culpa e podemos deixar fluir nossa excitação (Apud SAMBURGARO & SELIGMAN, 2002). Mas estamos tomando, aqui, a palavra fantasia como um conceito pertencente ao masoquismo, que tem uma função específica dentro do processo de denegação, no qual o real é suspenso. E *Justine* não suspende o real, ao contrário, ela o experimenta de uma forma trágica, alimentando-se da realidade e da crueldade que a vida lhe concede. Com isso, procuramos, então, interpretar *Sophie* como uma **máscara** de *Justine*, e com a ideia de máscaras, assim como nas fantasias, quem está atuando não sou eu, e sim um outro, um personagem de mim mesmo, isto é, o indivíduo faz uso da

⁸¹ O pai a abandonou e a mãe cometeu suicídio por desgosto.

⁸² O arrecador *Dubourg* afirma para *Justine* que ela é a dona de sua própria sorte ao dizer que: “Por que se queixar da sorte que só depende de ti para dominar?” (SADE, 2009: 35), ou seja, é *Justine* que opta pelo caminho da vítima.

⁸³ No livro ainda inédito no Brasil *Arousal: The Secret Logic of Sexual Fantasies* (Excitação: a lógica secreta das fantasias sexuais).

máscara para abster-se da culpa e por meio dela sente-se seguro. É essa segurança que permite a *Justine* pronunciar “Assim seja, não me arrependo; aconteça o que me acontecer, não reconhecerei dor moral nem remorsos se minha alma for pura [...]” (SADE, 2009: 83). Portanto, *Justine* utiliza “o virtuoso” como máscara do deleite.

Mesmo nos momentos quando *Justine* estava bem instalada, bem alimentada e que pôde desfrutar de um pouco de calma, como quando estava na casa da senhora de *Bressac*, que a tratava muito bem, nossa heroína afirmava que,

todas as ideias de infelicidade se desfizeram enfim de meu espírito para serem substituídas pela esperança dos mais doces consolos que me foi permitido esperar; mas não estava escrito no Céu que a pobre *Sophie* devesse jamais ser feliz, e se alguns momentos de calma surgiam fortuitamente para ela, era apenas para lhe tornar mais amargos os de horror que os deveriam suceder (SADE, 2009: 57).

Porque é tão claro para *Justine* que seu infortúnio é certo? Talvez, seja justamente por tê-lo vestido como máscara. Aliás, ao narrar as desgraças de *Sophie*, *Justine* fala ao mesmo tempo em primeira e em terceira pessoa, a voz do narrador que se quer fazer ausente é ao mesmo tempo a voz dela, uma voz presente. Quando narramos um discurso em primeira pessoa ficam claras nossas opiniões e julgamentos, já quando narramos em terceira pessoa parecemos um observador que possui um distanciamento dos fatos e assim passamos uma impressão de veracidade no relato. Em *Os infortúnios da virtude*, *Justine* alterna-se entre esses dois narradores, como no momento (um dos únicos, aliás) em que *Justine* fala sobre seus próprios sentimentos, que considera como seu único pecado; sua branda paixão pelo *Bressac* - um jovem que tem por vício a prática de prazeres com outros homens -, nesse momento sua voz aparece mesclada ente primeira e terceira pessoa,

E chegou o momento de vos informar, senhora, a única falta real que tenho a me reprovar em minha vida [...] uma extravagância que jamais teve nada igual... mas ao menos não é um crime [...] Era-me impossível ver o marquês de *Bressac* sem me sentir atraída para ele por um movimento de ternura que nada pudera vencer em mim. [...] e se o marquês me houvesse pedido a vida, eu lha haveria sacrificado mil vezes, acreditando ainda não fazer nada por ele. Ele estava longe de desconfiar dos sentimentos que eu nutria tão cuidadosamente encerrados em meu coração... estava longe, o ingrato, de adivinhar a causa das lágrimas que a infortunada *Sophie* derramava diariamente sobre as desordens vergonhosas que o perdiam, mas era-lhe impossível, contudo, não duvidar do desejo que eu tinha de voar ao encontro de tudo que pudesse agradá-lo [...] (SADE, 2009: 59, grifo nosso).

Justine usa a máscara *Sophie* para mostrar-se como vítima, ela fala em primeira pessoa assumindo seus erros, mas quando toma a terceira pessoa, relata o sofrimento de *Sophie*, levantando o paradoxo de que ao mesmo tempo é pela dor que *Justine* goza e encontra, à semelhança de Cristo, a purificação e a redenção. A questão é que enquanto *Justine* goza, *Sophie* sofre. Com isso, não queremos separar a dor e o prazer, acreditando, inclusive, que a relação entre dor e prazer já foi refletida por meio da noção de tempo freudiana exposta por Deleuze e discutida no capítulo anterior; mas sim que *Justine* precisa da máscara da virtuosidade para transgredir ao papel dado a ela de elemento masoquisante do universo sádico, o qual *Justine* encena tão bem, a ponto de nunca revelá-lo.

Ao que parece, nossa heroína tem total consciência do papel destinado a ela pelo seu criador, tanto que, quando o médico *Rodin* sai para um passeio deixando o caminho de *Justine* livre para executar seu plano de salvar uma pobre menina de doze anos, que o médico havia raptado e mantido em sua casa a fim de fazer nela experimentos de anatomia, *Justine* questiona-se por esse comportamento cooperativo da Providência: “O Céu o favoreceu, mas ousaria eu dizer se foi a inocência sacrificada que ele socorreu ou o ato de piedade da infeliz *Sophie* que ele se propunha punir?” (SADE, 2009: 87). *Justine* não apenas conhece a intenção de seu criador, como parece divertir-se com a tarefa dada a ela. Em *Os infortúnios da virtude*, *Justine* brinca de vítima.

Aliás, manter-se na serenidade não parece fazer parte dos planos de *Justine*. Há passagens em sua história que nos levam a crer que a inocente *Justine* não apenas aproveitava dos infortúnios que lhe eram postos, como ela própria procurava meter-se em determinadas situações.

[...] quando o céu, que não desejava que uma única virtude pudesse emanar de meu coração sem me cobrir prontamente de infortúnios, veio uma vez mais me tirar da **triste felicidade** em que me encontrava por algum tempo para mergulhar-me em novas desgraças (SADE, 2009: 84-5 grifo nosso).

Justine encena tão bem seu papel, que parece mesmo sentir-se vítima até dessa “triste felicidade”. Nossa doce virtuosa narra a sua estadia na casa do cirurgião *Rodin* como o período de maior tranquilidade depois que seus infortúnios começaram, mas, passados dois longos anos de conforto e mansidão, nossa heroína decide colocar

sua virtude em prática e colaborar na fuga da menina raptada pelo médico. Ela poderia, para manter o conforto que desfrutava na casa, criar um plano que justificaria o escape da moça, ou mesmo esconder as evidências que provavam sua participação nessa contravenção. Contudo, confessa nossa inocente *Justine*, “Eu não havia tomado outra precaução para ocultar o que havia feito [...]” (SADE, 2009: 88). E ao invés de fugir, sabendo que será considerada culpada e castigada, ela volta “prontamente a casa”, e diria que essa prontidão de *Justine* é para receber o castigo que seria destinado à outra menina, a que acabara de fugir. E quando questionada pelo médico sobre a fuga, diz *Justine*: “De início eu nego... mas a minha desgraçada franqueza acaba me levando a tudo confessar” (SADE, 2009: 88). E após sua confissão, ela é espancada, posta nua, perdendo dois dedos do pé e dois dentes, ganha no ombro, feito a ferro quente, a marca que identifica os ladrões e, por fim, ela é expulsa e entregue novamente a novos infortúnios. Se a retidão do caminho parece certa, *Justine* procura um jeito de entortá-la, da casa de *Rodin* ela sai lambuzada. Mas ainda havia a possibilidade de procurar as autoridades e tentar provar que a marca que acabava de ser gravada em sua pele não provinha de um tribunal, provando assim que ela não era uma ladra, mas escolheu por não fazê-lo devido a “[...] sua fraqueza, minha natural candura [...]” (SADE, 2009: 89).

E as torturas sofridas na casa do cirurgião foram pequenas comparadas às próximas que *Justine* iria sofrer. Logo depois de ser expulsa, *Justine* se vê sozinha e perdida em meio a uma floresta e então avista, a mais ou menos três léguas de distância, um campanário, que a faz suspirar imaginando a doce solidão que desfrutam os que ali vivem. Ao encontrar uma moça que estava a pastorear ovelhas, nossa infortunada lhe pergunta sobre a morada e é então informada que se tratava de “[...] um convento de recoletos, ocupado por quatro solitários que ninguém igualava na religião, continência e sobriedade” (SADE, 2009: 92). E como todos os infortúnios vividos até agora não foram suficientes para *Justine*, ela segue até o convento. Há um sentimento que persegue *Justine*, como um aviso, um arrepio, uma intuição. A partir deste momento da narrativa, ela sempre sabe quando a mão do infortúnio está prestes a esmagá-la, tanto que, ao entrar no convento e trocar olhares com o padre *Clément*, *Justine* presente:

um olhar feroz e sombrio, o som de sua voz duro e rouco, e cuja chegada fez-me estremecer em vez de me consolar... Um tremor involuntário se apoderou de mim, e sem que pudesse evitar, a lembrança de todos os meus passados infortúnios me veio à memória (SADE, 2009: 94-5).

Mesmo com seus pressentimentos, ou a partir deles, *Justine* instala-se na casa e ali é totalmente desgraçada. E em sua primeira noite, *Justine* é dilacerada, mas não se recusa a nada. E após ter sido vítima da excitação dos quatro padres é deixada caída “[...] sobre o altar onde havia sido imolada, quase sem consciência e sem movimento”. Vendo seu estado, um dos padres pede que as outras mulheres cuidem dela, mas *Justine* parece incansável! Sendo assim, mesmo depois de ser absolvida daquela noite e ganhado o direito de ir descansar e chorar em outro canto, *Justine* prefere fazê-lo ali mesmo, na frente de todos, no meio do altar libidinoso,

Não consegui suportar a horrível ideia de ter perdido enfim o tesouro da virgindade pelo qual eu teria sacrificado cem vezes a vida, de me ver estigmatizada por aqueles dos quais, ao contrário, eu mais devia esperar ajuda e consolo moral. Minhas lágrimas correram com profusão, meus gritos ecoaram pela sala, eu rolava pelo chão arrancando os cabelos, suplicava a meus carrascos que me dessem a morte, e embora esses celerados endurecidos para tais cenas se ocupassem mais de provar novos prazeres com minhas companheiras do que de acalmar minha dor ou consolá-la, importunados porém pelos meus gritos, [...] o pérfido *Raphael*, observando-me ainda com lascívia apesar do estado cruel em que eu estava, disse que não consentiria que me enviassem sem que ele me fizesse uma vez ainda sua vítima [...] Que excesso de devassidão, grande Deus! [...] (SADE, 2009: 104-5).

Justine é insaciável e, ao ver-se livre de tormentos, parece procurá-los. Na passagem supracitada, é apenas quando os padres a largam e direcionam suas torpezas para as outras moradoras do convento que *Justine* se revolta e, ao invés, enquanto é violentada, mantém o silêncio. Em outro momento, a decana de sua torre instrui *Justine* sobre como melhor viver nessas condições, relatando uma das piores provocações que uma prisioneira poderia cometer. À *Justine*, *Omphale* alerta que: “Nós jamais cumprimos qualquer dever religioso; somos proibidas de pensar ou falar nisso; essas conversas são um dos agravos que mais seguramente merecem punição” (SADE, 2009: 112). Mas, seria pedir muito de *Justine* que ela não cometesse esse desvio, e logo que vê a oportunidade de estar com o padre *Raphael* ela provoca,

Posso dizer que nessa noite eu fiz um curso de libertinagem tão completo quanto a mundana mais habituada a esses exercícios impuros. Depois de ter sido amante, voltei logo a ser escolar, [...] e embora não me houvessem pedido indulgência, eu logo me vi na situação de implorá-la com lágrimas ardentes. Mas zombaram de minhas orações, e tomaram contra meus movimentos e as precauções mais bárbaras, e quando se

viram perfeitamente senhores de mim, fui tratada duas horas inteiras com uma severidade sem par. [...] nada escapava ao furor de meu carrasco [...] (SADE, 2009: 119).

Justine pede seu castigo após ter sido abusada. Se pudéssemos explicar passo a passo como funciona seu inconsciente, diríamos que é como se depois de encontrar prazeres na volúpia do padre *Raphael*, sente-se culpada e procura fazer por onde receber sua punição e se redimir de seus pecados, mas uma coisa não é seguida da outra, através da repetição e da fusão do tempo, ao mesmo tempo em que *Justine* goza nas cruéis investidas do padre, nossa doce inocente é perdoada e, ao invés da confissão, o religioso do mundo subvertido sadeano garante a redenção de *Justine* através da aflição de sua carne. E nossa heroína parece saber como ninguém como provocar um vicioso!

Mas os deliciosos tormentos que vivenciara ali duraram apenas alguns anos, sendo entregue novamente ao mundo. Após alguns infortúnios, tais como ser vítima de uma velha que lhe rouba o pouco que *Justine* tinha ao tentar oferecer-lhe ajuda, nossa incansável virtuosa depara-se com um moribundo, e apesar de tudo que a Providência já havia tentado lhe ensinar, *Justine* deseja cuidar do homem que ali se encontra quase morto. Este, por sua vez, que atende pelo nome de Dalville, fica muito agradecido ao anjo da guarda que salvou-lhe a vida, e como forma de gratidão promete empregar *Justine* em sua casa. Eles seguem até sua residência, e no caminho a intuição de *Justine* mostra-se aguçada,

[...] e havíamos deixado para trás toda habitação e todo caminho humano que me acreditei no fim do mundo. Fui tomada por uma certa apreensão contra minha vontade. [...] e a aversão que havia adquirido por todos os lugares ermos me fez estremecer daquele. [...] entretanto, como não havia mais tempo de recuar, fiz cara de nada (SADE, 2009: 142).

Mas, não se trata de uma residência comum, esta é a casa de moedeiros falsos, onde *Justine* passou a compor o grupo de escravas que serviam não só aos prazeres desses perversos - assim como fazia no convento - mas também cumpriam nuas um trabalho braçal e criminoso, regrado às chibatadas. A dor e as humilhações sofridas por *Justine* parecem apenas se intensificar a cada passo, como ela mesma nos mostra: “Cada golpe arrancando-me a pele e não havendo sentido dores assim tão agudas nem nas mãos de *Bressac*, nem nas daqueles monges bárbaros, eu soltava altos

gritos debatendo-me sob meus grilhões [...]” (SADE, 2009: 146-7). E se no convento *Justine* desfrutava de boa comida, boa bebida e longos dias de descanso, apesar de todas as dores que as volúpias geravam, ali, junto aos moedeiros, a situação era completamente diferente. E o que parece ser a descrição de um quadro ruim, pode ser exatamente o que *Justine* precisava, posto que, como cristã sofredora, ela jamais comete o pecado da gula, e passa a maior parte do tempo privada de boa alimentação. Enquanto estava na casa do usurário *Du Harpin*, ela tinha acesso apenas à miséria de três onças de pão por dia e meia garrafa de água do rio, e mesmo quando havia fartura, parece que a jovem nunca tinha grande fome, como na seguinte passagem: “Trouxeram o desjejum, minhas companheiras me obrigaram a comer um pouco, eu o fiz para agradá-las” (SADE, 2009: 116).

Justine é uma vítima dos homens, e apesar de tudo que eles possam lhe causar (e o fazem incessantemente), ela ama a cada um deles. E se dissemos anteriormente que o destino que nossa virtuosa encenaria já estava previamente planejado por seu criador, é porque imaginamos conhecer um pouco do que é “o autor Sade”, pelas suas próprias palavras expressas em *Idée sur le Romans*, um texto que prefacia o conjunto de novelas intitulado *Les Crimes de l'Amour*, publicado em 1800. Nesse texto Sade fala sobre o que é o romance, bem como algumas de suas influências e estratégias.

Acreditamos, assim como Eliane Robert Moraes (in SADE, 1991: 9), que em *Crimes do Amor* Sade apresenta-se como escritor aos leitores. Entendemos dessa forma dois Sades, um Sade filósofo comprometido com a ideia do mal, da negação, e um Sade escritor, que tem como principal ambição conhecer o coração do homem.

“[...] só no estudo profundo do coração humano, verdadeiro labirinto da natureza, pode inspirar o romancista, cuja obra deve fazer com que vejamos no homem, não só o que ele é ou o que demonstra – esse é o dever do historiador -, mas o que ele pode ser, ou no que pode ser transformado pelo vício e agitações das paixões. É preciso conhece-las todas, é preciso emprega-las todas, se se quer trabalhar esse gênero (SADE, 1991: 30-31).

A literatura sadeana é permeada a todo instante pela ideia de negação sadeana, nela encontramos a estrutura do pensamento filosófico de Sade, mas não

podemos nos esquecer de que essa expressão se fez através de romances⁸⁴, portanto, Sade elegeu o romance como uma de suas formas de ver o mundo, afirmando que quando se quer conhecer o homem, o romance é tão necessário quanto a história. Aliás, no mínimo, os romances sempre nos mostram um quadro de costumes seculares, mas Sade acredita que ele vai muito além disso.

A ambição, o orgulho, cobrem sua frente com um máscara que nos representa apenas essas paixões, não o homem. O pincel do romance, ao contrário, capta-o no interior... pega-o quando ele retira sua máscara, e o esboço, bem mais interessante, é também mais verdadeiro: eis a utilidade dos romances (SADE, 1991: 34).

Sade está interessado em todas as dimensões do homem, não apenas suas luzes, mas principalmente suas obscuridades, e ao pensar no homem não o vê como o bom selvagem, fraco e sentimental de Rousseau “(para quem a história dos povos nos fornece mil desmentidos)⁸⁵”, muito menos como o homem insensível e seco de Voltaire (PAULHAN, 1987: 49). Sade nomeia esses pensadores como um bando de pobre gente louca, de trapaceiros, pois descartam da história da humanidade as inquisições e as guerras, pois “[...] Notem, precisamente, o que chamo de trapacear, diz Sade. Nem bem conhecemos o homem e vocês já querem transformá-lo⁸⁶” (PAULHAN, 1987: 50). Sade quer conhecer o coração do homem através do romance, e em *Os infortúnios da virtude*, ele constrói um conto de fadas às avessas, e seja no mundo subvertido sadeano, ou quando fala sobre o século XVIII, Sade

só quer ter com o homem e com o homem natural, tal como o apresentam Richardson ou Fielding. Então, nada de ogros, nem mágicos, nem anjos, nem demônios e, sobretudo, nada de deus. Mas, o homem e, em particular, a capacidade dele de forjar os deuses, anjos e demônios, mais ainda, os vícios e as virtudes que, nos conduzindo para um final surpreendente, põe esta capacidade em movimento (PAULHAN, 1987: 42)⁸⁷.

⁸⁴ Também novelas e peças teatrais, além das correspondências, mas falamos aqui do diálogo de Sade com o público.

⁸⁵ “(à quoi l’histoire des peuples donne mille démentis)”.

⁸⁶ “Voilà précisément ce que j’appelle tricher, dit Sade. Il s’agissait de connaître l’homme. Et vous voulez déjà le changer”.

⁸⁷ “à l’homme naturel, tel que l’ont peint, par exemple, Richardson ou Fielding. Donc, point d’ogres ni de magiciens, point d’anges ni de démons — surtout pas de dieux! — mais dans l’homme la seule faculté qui forge ces dieux, anges ou démons, mais les vices ou les vertus qui, nous jetant dans la surprise, mettent cette faculté em mouvement”.

E para conhecer o coração do homem, Sade tem suas próprias técnicas. Ele acredita que o homem só se dá a conhecer no infortúnio, pois seu o coração não é revelado enquanto estiver envolto apenas pela fortuna e pela felicidade, encoberto pela prosperidade, falta a este homem conhecer-se, ir a todos os cantos de si mesmo, pois, sem conhece seus limites, o afortunado tem uma imagem turva de si.

O conhecimento mais essencial que o romance exige é, certamente, o do coração do homem. Ora, sobre esse importante conhecimento, todos os bons espíritos nos aprovarão, sem dúvida, ao afirmarmos que só se o adquire através dos infortúnios e das viagens: é preciso ter visto homens de todas as nações para conhece-los bem, e ter sido vítima deles para saber apreciá-los (SADE, 1991: 34-35).

Sabemos do gosto de *Justine* pelo caminho do infortúnio, pois nossa doce virtuosa parece andar sempre à beira do precipício e nas pontas dos pés. Por Sade filósofo tomamos *Justine* através da dimensão trágica da vida, a que derrama energia, que cria, nas situações mais funestas, momentos de “alegria”, que faz de um mundo de dores um universo de prazeres. Mas há também em Sade autor uma resposta para essa tendência de *Justine* de ir pelo caminho mais longo que leva direto à boca do lobo, pois, interessado em conhecer o coração do homem, e sabendo que isso só pode acontecer através dos infortúnios, Sade convida *Justine* a ser uma vítima, jogando-a ao mundo com a missão de conhecer o homem sendo vítima dele. Pelas mãos do Sade autor, *Justine* vai às profundezas.

Esse Sade autor de que falamos é, antes de qualquer coisa, um leitor e principalmente um observador, e se o filósofo assumiu um compromisso com o mal e cria a partir dele um sistema filosófico, é apenas através do autor que Sade pode falar sobre virtude, pode observar o coração do homem sem estar amarrado a um pacto com o mal absoluto, de forma que “Toda filosofia sadeana é trazida para o universo literário, pois pela literatura ele pode dar vazão àquilo que a filosofia, ainda, não comporta” (GIANNATTASIO, 2012: 99). O literato vai onde o filósofo não consegue chegar.

[...] o escritor vem se impor ao filósofo: se ao segundo cabe a difícil tarefa de conceber o indivíduo a partir de bases do sistema que expõe em sua literatura filosófica, ao primeiro cabe “pintar os homens tais como são”, “surpreendendo-os no seu interior”. O escritor, portanto, se permite excursionar com liberdade por regiões interditas ao filósofo comprometido com o mal. E, para Sade, essas regiões proibidas seriam

justamente a fé religiosa e a paixão amorosa (MORAES, in SADE, 1991: 18).

Pelo Sade autor é que *Justine* torna-se uma figura possível, e ela cumpre muito bem a tarefa que seu criador lhe concedeu. Aliás, a todo o momento ela é convidada pelos outros personagens a deixar de ser vítima, pois apesar de estarmos falando de sexo não consensual, obtido pelo uso da força e da violência, é sempre concedida - por seus carrascos - à *Justine* a oportunidade para escapar de todas essas situações, pois conforme afirmam os libertinos sadeanos

‘nós nos ferimos devido a franqueza e coerência de nossos princípios.’ [...] Eis, também, o que faz a fraqueza deles. Pois [...] Não há argumento, por mais sábio que ele possa ser, que não é capaz de ceder ao argumento contrário, se o primeiro o reconhece como mais sábio. Assim, Léonore, do romance *Aline e Valcour*, escapa a mais de uma tentativa de estupro, por meio dos excelentes argumentos que ela cria naquele exato momento. *Justine* se vê a todo instante instigada a refutar seus perseguidores. Ela nunca é pega de forma traiçoeira. ‘Nada de arrebatamentos, afirma um deles. Me dê argumentos e se forem bons eu me renderei a eles.’ Ora, *Justine* é espirituosa. O problema a ela exposto é, assim tão claramente apresentado – detalhado, explicitado – que a cada instante nós esperamos que ela descubra a palavra (PAULHAN, 1987: 51-2)⁸⁸.

Mas ela nunca o faz, nunca dá o primeiro passo, e por isso, devido às palavras de Jean Paulhan, poderíamos concluir que *Justine* é fraca, já que apenas nos ferimos conforme nossa capacidade de argumentar e persuadir. Dessa forma, *Justine* parece realmente desprovida de força. Entretanto, insistimos que não é por fraqueza que nossa pobre moça não faz uso, assim como os sádicos, da demonstração, e sim, entre as razões, está o dever de *Justine* com seu criador, isto é,

[...] a mão do infortúnio, exaltando o caráter daquele que esmaga, coloca-o à distância necessária para estudar os homens; ele os vê daí, como o passageiro percebe as ondas furiosas quebrando no recife ao qual foi atirado pela tempestade; mas, em qualquer situação em que

⁸⁸ “ne nous piquons que de franchise et d’exactitude dans nos principes. [...] Voilà qui fait leur faiblesse. Car ce sont donc aussi des réflexions et des discours, qui les pourraient apaiser. Il n’est pas d’argument, si sage soit-il, qui n’accepte par avance de ceder à l’argument contraire, s’il le reconnaît plus sage. Ainsi la Léonore d’*Aline et Valcour* échappe-t-elle à plus d’un viol par les excellents pretextes qu’elle invente à point nommé. *Justine* elle-même se voit à tout instant invitée à réfuter ses persécuteurs. Jamis prise em traître ; Point d’emportement, dit l’un d’eux. Des aisons. Je m’y rendrai si eles sont bonnes. Or *Justine* a de l’esprit. Or le problème qu’on lui propose est si honnêtement présenté — si détaillé, si explicite — qu’à chaque instant nous attendos qu’elle em découvre le mot.”

tenha sido colocado pela natureza ou sorte, se ele quer conhecer os homens, que fale pouco quando está com eles, nada se aprende quando fala, só se é instruído escutando, eis por que os tagarelas comumente são tolos (SADE, 1991: 35).

Quando conversa com seus carrascos, *Justine* não tece argumentos contra eles, ela apenas se espanta e faz perguntas, como quem quer ouvir a demonstração do outro. Ao pedir abrigo para o senhor *Dubourg*, um dos arrecadadores mais ricos da capital, ele discorre sobre cada dúvida que *Justine* lhe coloca, tais como: “Oh, senhor, então não há mais nem bondade, nem sentimento honrado no coração do homem?” e “Quanta dureza, senhor, quanta dureza! Credes que o Céu não vos punirá?” (SADE, 2009: 34). *Justine* parece uma aluna de seus carrascos, no entanto, uma aluna que parece nunca aprender. Mas, a questão é que não é por falta de energia que não dialoga com seus carrascos, e sim porque está em uma investigação sobre o coração dos homens, e segundo Sade, para isso, é preciso ser vítima deles, e mais ainda, é preciso fazê-lo em silêncio.

Ao olhar *Justine* através de Sade autor, ainda podemos identificar algumas estratégias desse romancista, como sua defesa pela verossimilhança do romance com a vida. Para Sade (1991: 37) o romance pode e deve fazer uso da história e da geografia, e jamais se deve substituir o verdadeiro pelo impossível. Isso nos faz lembrar de *Justine* como uma mulher possível no século XVIII, de como Sade dialoga com as mulheres de seu tempo, como bem nos mostra Jean-Marie Goulemot em um livro que analisa a “leitura e os leitores de livros pornográficos no século XVIII”, chamado *Esses livros que se lêem com uma só mão*. Nele, Goulemot evidencia que esse desvio de *Justine*, não é exclusividade dela, posto que,

A violência dos textos de Sade – os infortúnios de *Justine*, as agressões sofridas pela Senhora de Mistival em *La philoSophie dans le boudoir (A filosofia na alcova)*, as torturas infringidas aos prisioneiros dos libertinos dos *Cento e vinte dias de Sodoma* -, por um estranho desvio, longe de querer provocar o patético, o enternecimento e as lágrimas, pretende, bem ao contrário, suscitar excitação e jubilação sexuais. Portanto, o espetáculo das lágrimas não faz necessariamente chorar. Nesse século, no entanto, reputado como virtuoso, a infelicidade do outro, seus sofrimentos e sua dor nem sempre convidam à compaixão, incitam, às vezes, ao mais desenfreado gozo (GOULEMONT, 2000: 11).

Contudo, se os infortúnios são algo tão trivial ao século XVIII, como conseguir escrever um bom romance, algo que toque seus leitores?

Em suas referências de romances mais célebres, além de outros tantos livros e estilos, Sade fala sobre o *roman noir*, também conhecido como Gótico⁸⁹. Entre eles, Sade evidencia *O monge*, uma novela gótica escrita pelo inglês Matthew Gregory Lewis (1775-1818), e sobre ela Sade afirma:

Deveríamos, talvez, analisar aqui esses romances novos, cujo sortilégio e fantasmagoria compõem quase todo o seu mérito, escolhendo para começar *O Monge* [...] Convenhamos apenas que esse gênero, apesar do que se possa dizer, não é certamente sem mérito. Ele se tornara o fruto indispensável dos abalos revolucionários de que a Europa inteira se ressentia. Para quem conhecera todos os infortúnios com que os maus podem cumular os homens, o romance se tornava tão difícil de fazer quanto monótono de ler; não havia um único indivíduo que não tivesse passado, em quatro ou cinco anos, por infortúnios que nem em um século o maior romancista da literatura poderia descrever; seria preciso, portanto, pedir auxílio aos infernos para se compor títulos de interesse e encontrar no país das quimeras o que era corretamente sabido apenas folheando a história do homem nessa idade de ferro. Mas quantos inconvenientes apresentaria esse modo de escrever! [...] aqui, necessariamente, das duas, uma: ou se revela o sortilégio, e a partir de então o interesse se perde, ou nunca se ergue o véu, e eis-nos na mais horrível inverosimilhança. Que surja nesse gênero uma obra bastante boa para atingir o fim sem se chocar com um desses escolhos [...] (SADE, 1991: 33-34).

E se os góticos utilizam do terror e do sobrenatural para chocar seus leitores, Sade vai beber apenas na humanidade⁹⁰ como fonte. Nada de sortilégios e fantasmagorias, é a perversidade do homem que lhe interessa, é a capacidade humana de reagir ao mundo e a natureza de seu coração que lhe inspiram a pegar a pena.

Porém Sade escreve em tempos difíceis, pois falamos de um século em que todos já haviam provado grandes doses de infortúnio. E dessa dificuldade nasce justamente uma das grandes estratégias do marquês, já que Sade usa as desgraças comuns ao século XVIII para criar um romance verossímil, característica essencial, segundo ele próprio. Ao falar sobre as desventuras de *Justine*, *Omphale*, *Florette* e *Cornélie* no monastério, Jean Paulhan (1987: 64) já dizia que “Seria ingênuo supor que

⁸⁹ Há em Sade muito das características do romance gótico, o cenário dos romances sadeanos são um exemplo disso, “Sade remonta seus lugares privados a espaços repletos de escadas, que levam em sua maioria ao subterrâneo, dando a sensação de que se está sendo sugado pelo próprio castelo (ARRUDA, 2009: 30).

⁹⁰ Lembrando a fala de Christian Dunker citada anteriormente, em que “Os perversos não são extra-humanos, mas demasiadamente humanos”.

Sade se preocupou em narrar a aventura de, tão somente, quatro ovelhas perdidas”⁹¹. Portanto, uma das estratégias de Sade autor é justamente permitir que muitas mulheres do século XVIII identifiquem-se com os infortúnios e o segredo de *Justine*.

Enquanto discorre sobre os romances góticos, Sade coloca um desafio: normalmente se revela o sortilégio - e o interesse se perde -, ou nunca se ergue o véu – e com isso permanecemos na inverosimilhança. Sade chama os autores a escreverem um romance que chegue ao fim sem esbarrar-se nesses dois caminhos. Porém o próprio marquês já o havia feito.

Antes de conceder a voz narrativa à *Justine*, nas primeiras páginas de *Os infortúnios da virtude*, Sade faz uma introdução à história de nossa virtuosa, e nos chama atenção sobre uma lição da Providência que apenas pode ser percebida pelo sábio, ao dizer que ela tem “[...] seus mais secretos enigmas [...]”. Ele parece nos querer alertar sobre um mistério, ao dizer que “São esses os sentimentos que nos fazem empunhar a pena, e é por consideração a sua boa-fé que pedimos a nossos leitores um pouco de atenção mesclada de interesse pelos infortúnios da triste e miserável *Justine*” (SADE, 2009: 21). Sabemos bem qual é esse mistério guardado entre uma palavra e outra de *Justine*, e apesar de não ser um romance gótico, *Justine*, nosso conto de fadas às avessas, tem sim lá suas fantasmagorias e sortilégios tal qual o *roman noir*. Na história de *Justine*, podemos ver o sobrenatural como a Providência, esta personagem que está sempre presente a cada passo de *Justine*, e apesar de termos pleno conhecimento de que Sade filósofo não crê nessa força divina, fantasmagórica, à qual se prende a moça, ele nunca a revela. Em nenhum momento conseguimos ter certeza se *Justine* se põe ou é colocada em seus infaustos. Sade, ao longo de todo o romance, mantém o véu sobre *Justine*, ele nunca revela seu segredo. Jamais nos é revelada a existência ou a quimera da Providência, e essa não é a última estratégia de Sade autor para criar um bom romance.

Com eles aprendemos também que não é fazendo com que a virtude sempre triunfe que despertamos interesse; que é necessário aplica-la tanto quanto possível, mas que essa regra, que não está nem na natureza, nem em Aristóteles, somente em nosso desejo de que todos os homens a ela se sujeitem, para nossa felicidade, não é de modo algum essencial ao romance e nem mesmo deve despertar o interesse, pois quando a virtude triunfa e as coisas são como devem ser, nossas lágrimas são contidas antes mesmo de correrem; por outro lado, se depois das mais duras provações, vemos enfim, a virtude aniquilada pelo vício, inevitavelmente nossas almas se dilaceram, e tendo a obra nos comovido excessivamente, como dizia Diderot,

⁹¹ “Il serait naïf de supposer que Sade n’a souci, dans l’aventure, que de quatre brebis perdues.”

ensanguentado nossos corações pelo avesso, indubitavelmente deve produzir o interesse que, por si só, garante os louros.

Que respondam: se depois de doze ou quinze volumes o imortal Richardson tivesse virtuosamente convertido Lovelace e fizesse com que ele pacificamente desposasse Clarissa, ter-se-iam vertido, quando da leitura desse romance, tomado no sentido contrário, as lágrimas deliciosas que ele obtém de todos os seres sensíveis? É, pois, a natureza, que cumpre captar quando se trabalha esse gênero, é o coração do homem, a mais singular de suas obras, e nunca a virtude, pois a virtude, por mais bela e necessária que seja, é apenas um dos métodos desse coração espantoso, cujo estudo profundo é tão necessário ao romancista, e cujos hábitos o romance, espelho fiel do coração, deve necessariamente traçar (SADE, 1991: 31 grifo nosso).

Sade levou *Justine* aos seus limites, testou a virtuosidade da moça durante o romance todo, convidou-lhe a refutar seu papel de vítima, usou a Providência para mostrar-lhe como era perigoso ser virtuoso em um século corrompido. Afinal, Sade não quer poupar as lágrimas de ninguém, ao contrário, ele deseja o delicioso verter de doces lágrimas a cada página, a cada castigo, a cada infortúnio.

E se alguém aqui ainda esperava por um final feliz, ele veio, mas ao modo típico de um universo subvertido sadeano.

Após ter descrito todas as suas infelicidades à senhora de *Lorsange* e ter-lhe tocado a sensibilidade que ainda não estava totalmente ausente, apesar de todas as monstruosidades que cometera, prestes a desmaiar com tal relato vindo da boca de alguém que parecia tão ingênua, tão pura e tão delicadamente feita, a senhora de *Lorsange* diz a pequena e sofrida *Sophie*:

- Senhorita – disse ela a *Sophie* – é difícil vos ouvir sem adquirir por vós o mais vivo interesse... mas é preciso vos confessar, um sentimento inexplicável [...], me atrai irresistivelmente para vós, e faz de meus próprios males os vossos. Haveis ocultado vosso nome, *Sophie*, haveis me ocultado vosso nascimento, eu vos conjuro a me confessar vosso segredo; não imaginais que seja uma vã curiosidade que me leva a vos falar assim; se o que desconfio fosse verdade... ó *Justine*, se fosseis minha irmã!

[...]

- Ó *Juliette*, és tu então que eu ouço – diz a infeliz prisioneira precipitando-se nos braços da senhora de *Lorsange*... – tu, minha irmã, grande Deus... que blasfêmia eu cometi, duvidei da Providência... ah, morrerrei bem menos infeliz, já que pude te abraçar ainda uma vez! (SADE, 2009: 180-1).

Eis o momento mais feliz da história de *Justine*, ela encontra sua irmã de quem havia se separado ao sair do convento. Para nossa heroína tudo muda em um quarto de hora, pois o senhor de *Corville* (marido de *Juliette*) e a senhora de *Lorsange*

fizeram de tudo para *Justine* passar “do auge da infelicidade ao cúmulo de conforto e da prosperidade” (SADE, 2009: 182). Alimentaram-na com as maiores delícias da França, deram-lhe os melhores leitos, trataram-na com remédios, deram-lhe o que vestir e prometeram-lhe fazer com que esquecesse todas as desgraças pelas quais havia passado até então, ao ponto de contratarem um excelente artista para fazer desaparecer a marca feita pelo médio *Rodin* em seu ombro. O senhor de *Corville* sacudiu toda a França e conseguiu cartas do próprio rei “[...] desonerando *Justine* de todos os processos que lhe haviam sido injustamente movidos desde sua infância” (SADE, 2009: 183), ele não só conseguiu devolver-lhe o título de cidadã honrada, mas também uma pensão de duzentas libras em cima do dinheiro recolhido na oficina dos moedeiros falsos dos quais *Justine* havia sido vítima. Em agradecimento, nossa virtuosa passou dias e dias chorando no seio de seus protetores, mas justo quando “[...] as marcas do infortúnio já começavam a se apagar do rosto encantador da amável *Justine* [e] o riso tanto tempo apagado de seus lábios reapareceu enfim sobre a asa dos prazeres” (SADE, 2009: 183), seu humor, de repente, sem que ninguém pudesse adivinhar o motivo, começou a mudar. Passou a ficar sombria, inquieta e chorosa, andava pelos cantos afirmando não ter nascido para tamanho cúmulo de felicidade, e apesar de todo o consolo que sua irmã *Juliette* lhe procurava dar, “[...] dir-se-ia que a pobre moça, destinada unicamente à infelicidade e sentindo a mão do infortúnio perpetuamente suspensa sobre a sua cabeça, previa já o último golpe que a esmagaria” (SADE, 2009: 184).

Talvez seja o exemplo cristão sofredor, em que as religiosas não devem carregar consigo semblantes alegres, pois denotaria certa falta de castidade, ou, por conhecer o desvio de seus mecanismos de prazer, sabendo que seu gozo encontra-se nas desgraças. Talvez devido à missão que seu criador lhe concedera de viver nos infortúnios, e ao desviar-se desse objetivo e conhecer finalmente a bem-aventurança sentiu-se afastar de seu verdadeiro caminho, ainda, poderia *Justine* estar sentindo o peso das mãos do Sade autor sobre a pena que escrevia seu destino, que por estratégia dizia que “O desenlace deve ser de tal modo que os acontecimentos o preparem, que a verossimilhança o exija, que a imaginação o inspire” (SADE, 1991: 37).

O mais provável é o entrelaçamento de todas essas hipóteses. E o incômodo de *Justine* por seu fausto não demorou a se encerrar. Em um dia de verão, uma tempestade veio visitar a casa de campo onde moravam *Justine*, sua irmã e o marido. Nesse dia, as janelas encontravam-se escancaradas devido à quentura que fazia no fim

dessa bela estação. Mas a tempestade se fez ouvir, “O relâmpago brilha, a grade cai, os ventos sopram impetuosos [...]” (SADE, 2009: 184), e os golpes da tempestade assustavam a senhora de *Lorsange* que tinha demasiadamente medo de temporais. Vendo *Juliette* apavorada,

Justine, ansiosa para tranquilizar a irmã, corre para uma janela, ela procura lutar um minuto contra o vento que rechaça e naquele instante um raio a derruba no meio do salão e a deixa sem vida sobre o assoalho. A senhora de *Lorsange* solta um grito lancinante... e desmaia. O senhor de *Corville* grita por socorro, os cuidados se dividem, trazem a senhora de *Lorsange* a si, mas a infeliz *Justine* fora atingida de tal maneira que não havia esperança para ela. O raio havia penetrado pelo seio direito, queimado o peito, e saído por sua boca, desfigurando seu rosto de tal forma que causava horror contemplá-la (SADE, 2009: 184-5).

Com o raio que mata *Justine*, Sade consegue realizar o desafio que ele próprio iria lançar alguns anos depois no prefácio de *Os Crimes do Amor* (1800). Ele conseguiu criar uma obra que atingiu seu fim sem se chocar com a revelação do sortilégio, ou cair na inverosimilhança. E isso só foi possível justamente porque essa obra guarda um segredo. Caso Sade tivesse, ao final, revelado o segredo de *Justine*, e delatado que nossa doce virtuosa gozava em seus infortúnios, todo o mistério teria sido em vão, e se, contrariamente, ela simplesmente continuasse indo virtuosamente de infortúnio em infortúnio sem tirar qualquer proveito ou prazer, esse romance estaria destinado a inverosimilhança.

Também, se o segredo de *Justine* tivesse sido revelado, ele se tornaria outro romance, completamente diferente, deixando de ter esse sabor tão especial para aqueles que o leem, pois não é apenas *Justine* que goza no interdito, o proibido é um afrodisíaco! *Os infortúnios da virtude* tomou essa dimensão justamente por se tratar de algo proibido, pois falamos aqui da violação de uma menina pura e inocente. Quantos prazeres guardam essas palavras, quanta imaginação elas suscitam. A transgressão é o ato de ultrapassar, exceder, violar, infringir alguma noção existente, alguma norma que estabelece e demarca limites, e quantos são os limites de *Justine*! Em *Juliette*, por exemplo, há pouco a transgredir, ela própria já fez seu caminho, abriu suas portas, mas as de *Justine* continuam fechadas, lacradas, e para Lacan (1959-1960/1986: 208) “[...] uma transgressão é necessária para aceder ao gozo e [...], é muito precisamente para isso

que serve a Lei", e no século XVIII, "se a interdição é a estratégia dos poderes constituídos, a reação de alguns será a de descobrir ocultos prazeres" (GIANNATTASIO, 2012: 91). Portanto, se Sade tivesse retirado o véu de *Justine*, imaginem quanto gozo ele teria poupado de ser jorrado, afinal, como afirma Bataille (1987: 42) "O interdito existe para ser violado".

Justine é a estetização da dor. Seus carrascos não gozam com *Justine*, e sim sobre as lágrimas dela. O sofrimento retirado da linda moça de olhos azuis cheios de candura, de uma religiosa demasiadamente virtuosa deleitam os leitores de uma maneira singular, todos os prazeres foram arrancados da moça, ela não lhes concedeu nada. Em um diálogo com *Justine*, o senhor *Dubourg* lhe explica que "Nossas paixões só tem verdadeiro charme quando mais transgridem suas intenções ou ao menos as que os idiotas nos asseguram que o são" (SADE, 2009: 35). Pensemos na crucificação do próprio Cristo, um homem puro e bondoso que dividia a cena com outros dois. Quando ouvimos a história, todos os olhares são para Jesus, pois ele era inocente, já os outros dois... eram apenas ladrões, eram culpados. Há uma violência imensa em punir e castigar um inocente, em violar a pureza, e segundo Bataille, "Essencialmente, o território do erotismo é o território da violência, o território da violação" (BATAILLE, 1957: 23).

Nossa heroína traz um sentimento de belo aos seus infortúnios, como ao narrar o ultraje de sua mais nova companheira que acabara de chegar,

[...] uma garota de quinze anos de idade com feições as mais interessantes e delicadas [...] posso dizer que em toda minha vida jamais vi olhares mais ternos. Ela tinha longos cabelos loiros acinzentados caindo sobre os ombros em cachos naturais, uma boca fresca e vermelha, a cabeça nobremente assentada e algo de tão sedutor no conjunto que era impossível vê-la sem se sentir involuntariamente atraída por ela [...] chamava Octavie [...] Novos prantos... novas defesas, mas *Clément* a agarrando prontamente faz desaparecer num instante tudo o que protege o pudor dessa atraente criatura. [...] Jamais se viu sem dúvida uma pele mais branca, jamais formas mais felizes, e, contudo, tanto frescor, tanta inocência e delicadeza iam se tornar presa daqueles bárbaros. Era apenas para ser desonrada por eles que a natureza parecia ter-lhe prodigalizado tantos favores. [...] Octavie chora, não a escutam; o fogo brilha nos olhos desse execrável italiano. [...] A enorme desproporção entre o assaltante e a rebelde não tolhe menos a conquista: um grito pungente da vítima nos anuncia enfim a sua derrota. Mas nada aplaca seu confiante vencedor; quanto mais ela parece implorar sua graça, mais ele a pressiona com ferocidade, e a infeliz, como eu, é vergonhosamente ultrajada sem deixar de ser virgem (SADE, 2009: 126 a 128).

A dor sentida por *Octavie* é descrita prazerosamente por *Justine*, que concerne o estupro com muita beleza, estetizando a dor.

E se caso o véu de *Justine* fosse erguido, não seriam apenas seus carrascos e os leitores que deixariam de ter esse prazer, a própria *Justine* precisava ser realmente violentada. Ela não “faz cu doce” e nem “faz tipo”, *Justine* gosta dos interditos, precisa deles, pois “A transgressão não é a negação do interdito, mas o ultrapassa e o completa” (BATAILLE, 1987: 42). *Justine* ainda estava no monastério na data em que ocorreu a festa da virgem; os monges quiseram forjar um milagre vestindo *Florette* - a menor e mais nova prisioneira que dividia a cela com *Justine* - com os ornamentos da virgem, e prenderam-na com uma corda fazendo com que a menina aparecesse no meio da missa, reproduzindo uma aparição da santa. Todos que ali estavam para cortejar a virgem reconheceram o milagre, e saíram dali convencidos das graças da mãe celeste. Nossos monges, que não careciam de imaginação e gosto pelo interdito, decidiram que aquela noite consumariam suas libertinagens com *Florette* ainda vestida nas roupas da santa, dessa forma

[...] cada um deles inflamou seus odiosos desejos a submetê-la com essas vestes à irregularidade de seus caprichos. Excitados com esse primeiro crime, os monstros não pararam por aí. Eles a estenderam em seguida nua, deitada de bruços sobre uma grande mesa, acenderam círios, colocaram a imagem de nossa salvadora à sua cabeça e ousaram consumir sobre as nádegas dessa infeliz o mais temível de nossos mistérios. Eu desmaiei ante esse espetáculo pavoroso, não consegui me conter. *Raphael*, vendo isso, disse que para me amansar era preciso que eu servisse, por minha vez, de altar. Agarram-me, colocaram-me no lugar de *Florette* e o infame italiano, com episódios muito mais atrozes e muito mais sacrilégios, consumou sobre mim o mesmo horror que acabava de praticar sobre minha companheira. Retiraram-me de lá sem movimento, foi preciso me carregar até o quarto onde eu chorei três dias seguidos com lágrimas muito amargas o crime horrível a que havia me prestado sem querer... Esta lembrança ainda dilacera meu coração, senhora, não consigo recordá-la sem derramar lágrimas; a religião é em mim o efeito do sentimento, tudo o que a ofende ou ultraja faz-me jorrar o sangue do coração. (SADE, 2009: 122-3).

E se a religião é a maior lei de *Justine*, é também sua maior transgressão, já que seus limites são também seus interditos. Para Gabriel Giannattasio, o erotismo

está perenemente associado à transgressão. O prazer necessita do interdito. [e os romances licenciosos do século XVIII] Trata-se de uma literatura permeada pela inversão dos papéis, uma espécie de

carnavalização dos valores, a partir da qual todo princípio, toda rigidez, toda fixação torna-se alvo do escárnio e maldizer: o clero depravado, a aristocracia devassa, a jovem ingênua e seduzida goza fartamente enquanto suplica e implora que não a fodam. Os fracos tornam-se fortes, os santos, pecadores, e os humilhados, gozadores. Há, portanto, uma espécie de *declaração universal dos direitos do homem* anunciada a partir da experiência na alcova (GIANNATTASIO, 2012: 61).

E com o segredo de *Justine* sendo bem guardado, permite-se que um grupo de leitores encontrem seus prazeres na transgressão das vontades de *Justine*, na violação de uma inocente, pois “[...] o verdadeiro sádico é, possivelmente, aquele que recusa as facilidades do sadismo e não admite que nada, nem ninguém, o convide a exercer sua mania” (PAULHAN, 1987, 71)⁹². Mas ao mesmo tempo, a historicidade de *Justine*, a realidade que pode ser encontrada nas páginas desse romance, garantem-lhe um caráter de verossimilhança, pois *Justine* dialoga secretamente com a cultura sexual das mulheres do século XVIII, permitindo que outro grupo de leitores (e não apenas mulheres) gozem nas transgressões cometidas pela nossa *Justine*, ou seja, gozam com o seu segredo, de forma que “Nada é dito, e, no entanto, tudo pode ser compreendido” (GOULEMOT, 2000: 29).

Isso nos mostra que para haver transgressão é preciso que antes haja proibições, é preciso, principalmente, que haja homens e mulheres virtuosos. São necessárias ao mundo *Justines* e *Juliettes*, sendo que

[...] cada um se delicia do exercício das suas faculdades, e de suas inclinações particulares: como o atleta da luta e o sacerdote da bondade; assim, o violento da sua própria violência. Se você está a mim submetida é a tua opressão a garantia dos meus maiores prazeres [...] No entanto, preste atenção neste argumento: assim como o forte sente prazer no exercício de sua força, o terno ou o fraco se compraz da sua compaixão. Ele se entrega, de modo particular, ao seu prazer. Porque diabos sou, ainda, obrigado a recompensá-lo pelos prazeres que ele próprio se proporciona? (PAULHAN, 1987: 57-8)⁹³.

⁹² “[...] le vrai sadique est peut-être celui qui repousse les facilites du sadisme, et n’admet pas que personne l’invite à exercer sa manie”.

⁹³ “[...] chacun tire sa jouissance de l’exercice de ses facultes, et de ses dons particuliers: comme l’athlète de la lutte et le généreux de ses bontés; ainsi le violent de sa violence même. Si tu m’es entièrement soumise, c’est ton oppression qui va me donner mês plus grandes joies. [...] Pourtant observe encore ceci: comme le fort prend plaisir à exercer sa force, ainsi le tender ou le faible profite de sa compassion. Il se livre de son côté à la jouissance. C’est son affaire. Pourquoi diable me faudrait’il encore le récompenser des plaisirs qu’il se donne?”.

Eis, portanto, mais um motivo para que *Justine* não dialogue com seus carrascos, não tente convencê-los, suponhamos que ela consiga?! O prazer de *Justine* não vem da negação, e sim da transgressão, dessa forma, não pode haver o triunfo da virtude. E nesse segredo, Paulhan (PAULHAN, 1987: 77) toma *Justine* apenas como uma cúmplice, pois “A verdade é muito difícil de dizê-la. E Sade sabe tão bem, pois, *Justine* é ele próprio⁹⁴”.

Pensemos resumidamente na biografia dos infortúnios do marquês:

Sade fustigou as nádegas de uma puta de Paris, isso vale um ano recluso numa fortaleza? Ofereceu bombons de cantárida a algumas garotas de Marselha, isso vale dez anos na Bastilha? Ele seduziu sua cunhada Louise, isso vale mais um mês de internamento? Ele escandaliza a família de sua mulher, os poderosos Montreuil, isso vale dez anos enclausurado num castelo forte? Ele deixa escapar, em pleno regime do terror, alguns moderados, isso vale um ano na prisão de Madelonnettes? Admite-se que ele publicou livros obscenos e não é nada impossível que ele tenha simulado sua loucura, isso vale quatorze anos no hospício de Charenton, três anos em Bicêtre e um ano em Sainte-Pélagie? Como defender-se do sentimento de que todos os pretextos eram bons aos diversos governos e regimes da França para encarcerar o marquês? Teria Sade procurado por isso? Quem sabe? (PAULHAN, 1987: 33)⁹⁵.

Independente de ele ter procurado ou não por seus infortúnios, há um Sade vítima, porém, uma vítima assim como *Justine*. E em uma de suas correspondências, ele admite: “Se minha situação é espinhosa, devo admiti-lo, no entanto, ela incita frequentemente reflexões de um tipo de filosofia muito prazerosa” (Sade: 2009: 33).

A liberdade é um tema constante em Sade, ele a aspira, a deseja, e a compreende como algo essencial à vida. Contudo, ele saúda a liberdade e “[...] a revolução do alto de sua cela. Como se a própria *Justine* saudasse o triunfo da virtude” (GIANNATTASIO, 2012: 89). E o faz por reconhecer suas prisões. Porém, ele encontrou uma forma de viver para além de cada muralha, tragicamente Sade goza nos e dos infortúnios em uma afirmação do presente.

⁹⁴ “De vrai, c’était difficile à dire. Et Sade le sait trop. Il le sait trop parce que *Justine*, c’est lui”.

⁹⁵ “Sade a donné le fessée à une putain de Paris : cela vaut-il un an de donjon? Des pastilles de Richelieu à quelques filles de Marseille : cela vaut-il dix ans de Bastille? Il séduit sa belle-soeur Louise : cela vaut-il un mois de Conciergerie? Il ne cesse guère de tracasser ses puissants, ses redoutables beaux-parents, le président et la presidente de Montreuil “cela vaut-il deux ans de château fort? Il fait évader (nous sommes en pleine Terreur) quelques modérés : cela vaut-il un na de Madelonnettes? On admet qu’il a publié des livres obscènes, qu’il s’em est pris à l’entourage de Bonaparte ; il n’est pas impossible qu’il ait simulé la folie. Cela vaut-il quatorze ans de Charenton, trois ans de Bicêtre, un na de Saint-Pélagie? Comment se défend du sentimento que tous les pretextes étaient bons aux divers gouvernements de France — il em a vu! — pour l’enfermer; qui sait, à Sade pour se faire enfermer?”.

Contudo, o espaço prisional em Sade vai muito além de quatro paredes,

o marquês notou que o ‘outro’ se constituía num limite para os seus desejos. Possivelmente, a necessidade imperiosa em transgredir tais limites o tornou um escritor, o mesmo que anunciaria tempos depois: ‘a felicidade está na imaginação’. E, desta forma, ele fez da literatura a sua mais íntima cortesã, não como aquelas com as quais ele se encontrava nas ruas e nos bordéis da França e cuja presença era, por si só, um obstáculo às fantasias do homem obrigando-o, assim, a parir o escritor (GIANNATTASIO, 2012: 67).

Portanto, a “liberdade” possível encontrava-se em sua imaginação, onde faziam dançar, sejam virtuosos ou viciosos, seus personagens.

Impera um enorme trabalho de filosofia em cada um destes diversos fragmentos, mas como eles expressam idéias freqüentemente diferentes, algumas pessoas acreditaram que estes fragmentos não haviam sido escritos pela mesma mão; eles se enganaram: o autor foi obrigado a dar vazão, a cada fragmento, às idéias a ele pertinentes e não às suas. Uma opinião que convinha, eu suponho, a uma dissertação sobre a América, não convinha a uma carta sobre a educação. Mas, me perguntarão, quando ele é você? É quando ele se contém, ou quando nada esconde? Que importa ao leitor, não se responde ao problema dispondo as diferentes características por meio de diferentes opiniões? E não é esta a forma de proceder que encontramos um pouco por todo lugar? As pessoas que, seja pela razão, seja por um outro meio qualquer, livraram-se de toda forma de pré-julgamento, encontrarão seu gosto nesta reunião de fragmentos. Aqueles ainda dominados por alguns preconceitos e que se encontram no princípio da carreira filosófica, se contentarão com as opiniões menos fortes, e desta maneira todos ficarão contentes (SADE apud PAUVERT, 1989: 249).

Ora vítima, ora criminoso, “A hipótese é que *Justine* é o outro de *Juliette* e vice-versa, como se fossem máscaras de uma mesma personagem. Como se as personagens fossem máscaras que habitam o universo de cada um de nós” (GIANNATTASIO, 2012: 98). Há, nesse conto de fadas às avessas, algumas das máscaras que habitam o universo de seu criador, pois

Sade criou, por meio de sua obra, uma forma muito particular de expressar e conservar a complexidade de sua maneira de pensar, multifacetando-a em seus personagens, acabando por conferir à sua

literatura uma riqueza de perspectivas, no interior da qual sua 'verdadeira' personalidade torna-se um mistério indecifrável.

[...] "Um personagem nunca é o romancista que o criou. No entanto, o romancista pode eventualmente ser ao mesmo tempo todos os seus personagens" (CAMUS, 1997, p.54).

Sade se encontra entre os autores que poderíamos definir como aquele que escreveu uma obra aberta (GIANNATTASIO, 2012: 84).

Portanto, podemos dizer que *Justine* é uma das máscaras de Sade, sem que *Juliette* deixe de sê-la. Ambas ligadas pelo cordão umbilical ao seu criador. Nessa perspectiva poderíamos nomear este trabalho de *Justine* e o segredo de Sade.

5 FONTES

5.1 FONTE PRIMÁRIA

SADE, Marquês de. *Os infortúnios da virtude*. Tradução Celso Mauro Paciornik – São Paulo : Iluminuras, 2009.

5.2 FONTES SECUNDÁRIAS

MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do Século XVI a nossos dias*. Tradução: Mônica Stahel – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Tradução: Jorge Bastos – Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 2009.

PAULHAN, Jean. *Le Marquis de Sade et sa complice*. Paris:Complexe, 1987.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. São Paulo : Edições Loyola, 2003.p.428
- ARRUDA, Juliana A. de Lima. *Pedagogia Libertina: a formação de Eugénie em “A filosofia na alcova” de Sade (1795)*. 61f. Monografia (Graduação em História) – Universidade estadual de Londrina, Londrina, 2009.
- BARRETO, Ana Cristina Teixeira. *Carta de 1988 é um marco contra discriminação*. In: Consultor Jurídico, 2010. Disponível em: <<http://www.conjur.com.br/2010-nov-05/constituicao-1988-marco-discriminacao-familia-contemporanea>> Acessado em: 01/03/2013.
- BASTOS, Aguinaldo de. *Ontologia da violência : o enigma da crueldade / Aguinaldo de Bastos, Alexandre Marques Cabral, Jonas Rezende*. – Rio de Janeiro : Mauad X, 2010.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Tradução: Antonio Carlos Viana – Porto Alegre : L&PM, 1987.
- BECKEL, Gilcia Gil. *Literatura e psicanálise: qual a ligação?* Disponível em: <<http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/pdf/literatura-psicanalise.pdf>> Acessado em: 17.05.2012.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Edição luxo. Antigo e Novo Testamentos. Trad. Pe. Antônio Pereira de Figueiredo. Difusão Cultural do Livro.
- BLANCHOT, Maurice. 1967, In: GIANNATTASIO, Gabriel. *O corpo em Sade e Nietzsche : Ou, quem sou eu, agora?* [ensaios]. Londrina : EDUEL, 2012.
- BLOCH, Iwan. *Le Marquis de Sade et son temps: études relatives à l'histoire de la civilisation et des moeurs du XVIIIe siècle*. Genève, Slatkine Reprints, 1970.
- BORGES, Contador. As mortes de Justine. In: SADE, Marquês de. *Os infortúnios da virtude*. Tradução Celso Mauro Paciornik – São Paulo : Iluminuras, 2009, p 9-15.
- CHAUÍ, Marilena. Contos de Fada e psicanálise. In: CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual : essa nossa (des)conhecida*. Ed. Brasiliense, 1984, p 32-54.
- DELEUZE, Gilles. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Tradução: Jorge Bastos – Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 2009.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. *Dossiê Perversão*. Revista Cult, 03/2010. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/dossie-perversao/>> Acessado em: 18.06.2012.

EDUCAÇÃO, COM VIVIANE MOSÉ. In: Casa TPM, 2012. Disponível em: <<http://revistatpm.uol.com.br/casatpm/>> Acessado em: 15.02.2013.

FERREIRA, Daniel Wanderson. *As matrizes discursivas do pensamento de Sade*. 2010. 262f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução: Raquel Ramallete - 38. ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2010.

FREUD, Sigmund. *Além do princípio de prazer*. In: Obras Psicológicas de Sigmund Freud Livro XVIII, (19--). Disponível em: <<http://lacan.orgfree.com/freud/textosf/alemdoprincipiodeprazer.pdf>> Acessado em: 11/05/2012.

_____. *O problema econômico do masoquismo*. In: Obras completas Vol. 19 - O ego e o ID e outros trabalhos, 1924. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/55318931/10/O-PROBLEMA-ECONOMICO-DO-MASOQUISMO-1924#page=91>> Acessado em: 23/04/2012.

GÉLIS, J. O corpo, a igreja e o sagrado. In: CORBIN, A.; COURTINE, J.; VIGARELLO, G. (Dir.). *História do corpo: da Renascença às Luzes*. Petrópolis : Vozes, 2008. p. 19-130.

GIANNATTASIO, Gabriel. *O corpo em Sade e Nietzsche : Ou, quem sou eu, agora?* [ensaios]. Londrina : EDUEL, 2012.

GNOCCHI, Carlo. *Doutrina: A pedagogia da dor inocente* (resumo). Disponível em: <<http://juventutemlondrina.blogspot.com/2011/03/doutrina-pedagogia-da-dor-inocente.html>> Acessado em: 18.05.2011

GOULEMOT, Jean-Marie. *Esses livros que se lêem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII*. São Paulo : Discurso Editorial, 2000.

HUNT, Lynn (org.) - *A invenção da pornografia*. São Paulo : Hedra, 1999.

JOSEF, Bella. *A máscara e o enigma*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

LA PLANCHE, Jean. *Vocabulário da Psicanálise*. Tradução: Pedro Tamen – São Paulo : Martins Fontes, 1992, p173-183.

LIPPI, Silvia. Os percursos da transgressão (Bataille e Lacan). *Ágora*. Rio de Janeiro, v.12, n.2, julho/dezembro 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982009000200001> Acessado em: 13/12/2012.

MANTEGA, Guido (org). *Sexo e Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MILES, Jack. *Cristo, uma crise na vida de Deus*. Tradução: Carlos Eduardo Lins da Silva, Maria Cecília de Sá Porto – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MORAES, Eliane Robert. Um outro Sade. In: SADE, Marquês de. Crimes do amor e A arte de escrever ao gosto público. Tradução de Magnólia Costa Campos. — Porto Alegre: L&PM, 1991, p. 7-20.

MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do Século XVI a nossos dias*. Tradução: Mônica Stahel – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. São Paulo: Centauro, 2000.

_____. *Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. *8 motivos pelo qual Deus permite que tenhamos aflições e passemos por perseguições*. Disponível em: <<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20100310110446AACSAwd>> Acessado em: 16.05.2011

PASSINATO, Viviane. Análise Comportamental de Contos de Fada: Uma Questão de Gênero. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/4056/1/20411837.pdf>> Acessado em: 23/01/2013.> Acessado em: 17.02.2013.

PAULHAN, Jean. *Le Marquis de Sade et sa complice*. Paris:Complexe, 1987.

_____. O marquês de Sade e sua cúmplice ou as revanches do pudor. In: GIANNATTASIO, Gabriel. *O corpo em Sade e Nietzsche : Ou, quem sou eu, agora?* [ensaios]. Londrina : EDUEL, 2012, p.111-132.

PONDÉ, Luiz Felipe. Pondé em entrevista à MÍDIA@MAIS. 15/06/2012. Disponível em: <<http://luizfelipeponde.wordpress.com/2012/06/29/ponde-em-entrevista-a-midiamais/>> Acessado em: 17.06.2012.

_____. *Seis passos para felicidade*. Folha de SP – 10/12/2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/82889-seis-passos-para-felicidade.shtml>> Acessado em: 21.03.2013.

_____. *Vadi@ ou vadia?* Folha de SP – 11/06/2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/47987-vadi-ou-vadia.shtml>> Acessado em: 17.06.2012.

_____. *Você tem cabeça aberta?* Folha de SP – 25/03/2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/1251678-voce-tem-cabeca-aberta.shtml>> Acessado em: 02.04.2013.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Tradução: André Telles – Rio de Janeiro : Zahar, 2008.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Júlia ou A nova Heloísa: Cartas de dois amantes habitantes de uma cidadezinha ao pé dos Alpes*. Tradução: Fulvia M. L. Moretto – São Paulo-Campinas : HUCITEC & Editora da UNICAMP, 1994.

SÁ, Daniel Serravalle de. *O Marquês de Sade e o Romance Filosófico do Século XVIII*. Eutomia (Recife), v. 1, p. 362-377, 2008.

SADE, Marquês de. *Crimes do amor e A arte de escrever ao gosto público*. Tradução de Magnólia Costa Campos. — Porto Alegre: L&PM, 1991.

_____. Carta à Cara senhorita F. In: GIANNATTASIO, Gabriel. *O corpo em Sade e Nietzsche : Ou, quem sou eu, agora?* [ensaios]. Londrina : EDUEL, 2012, p.14-16.

_____. *Os infortúnios da virtude*. Tradução Celso Mauro Paciornik – São Paulo: Iluminuras, 2009.

SELIGMAN, Airton & SAMBURGO, Adriano. *Fantasia, relaxe e goze: Depravação? Libertinagem? Bizarrice? Longe disso: as fantasias sexuais são saudáveis. Anormal é não ter nenhuma*. *Super Interessante*. Setembro/2012. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/fantasia-relaxe-goze-443321.shtml>> Acessado em: 05.11.2012.

SILVA, A. *Violação: ato de sexo ou de poder*. In: *Sexo e Poder* (G. Mantega, org.) São Paulo: Brasiliense, 1979.

SILVA, Kalina Vanderlei. *Dicionário de conceitos históricos – 2.ed., 2ª reimpressão*. – São Paulo : Contexto, 2009.

VIVIANE MOSÉ EM ANAMNESE. 2012. Produção: Trend House Productions. Disponível em: <<http://www.youtube.com/user/anamneseTV?feature=watch>> Acessado em: 09.07.2012.

WEBERE, Maria José Garcia. *Sexualidade, Política e Educação*. Campinas: SP, Autores Associados, 1998.